

Continuam na
segunda-feira

Paralisações
por turnos
afectam
comboios

Pág. 10

RALLYE DE
PORTUGAL

A QUINTA DO ALEN

Págs. 22 e 23

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 313

Sábado, 14 de Março de 1987

Preço 40\$00

Não foi à Estónia mas não compreende o Governo

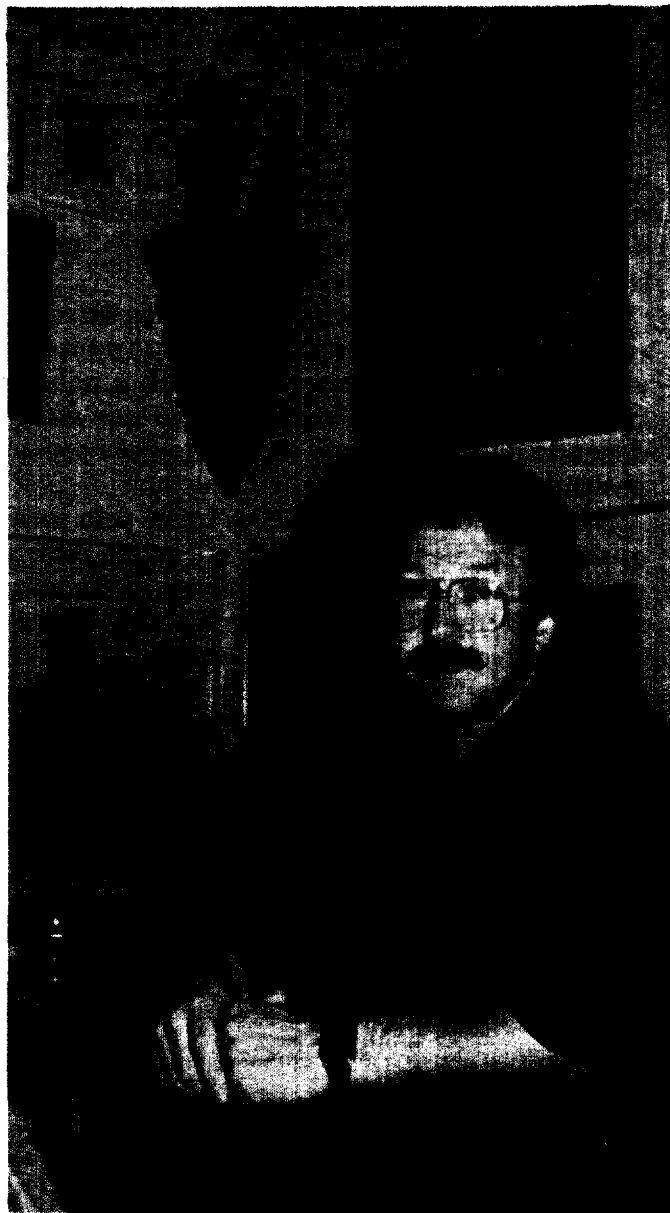
AMARAL QUER EXPLICAÇÕES NO REGRESSO



Cavaco e Amaral: explicações necessárias no regresso da delegação parlamentar

Em comunicado e numa conferência de Imprensa ontem realizada em Moscovo no Hotel Sovietskaia, o Presidente da Assembleia da República declarou que, no regresso da delegação parlamentar de visita à União Soviética, serão realizadas todas as diligências necessárias ao esclarecimento das responsabilidades governamentais sobre o incidente que o levaram à desmarcação, por «razões de Estado», da visita dos deputados portugueses à República da Estónia. Afirmando a sua «inteira discordância quanto ao procedimento do Governo», o comunicado assinado por Fernando Amaral manifesta a esperança de que este «caso» não venha a pôr em causa as relações luso-soviéticas.

Pág. 3



DAVID DE ALMEIDA

HISTÓRIAS
DE AMOR
E GRAVURA
(EM FUNDO
DE BRANCO)

Págs. 14 e 15

ESCOLA DE TELHEIRAS

Depois dos
acidentes
com mortes
chegou a vez
dos assaltos

Pág. 32



A falta de policiamento na passagem aérea que serve os alunos da escola de Telheiras, e consequentes assaltos às crianças que dela se servem, poderá fazer voltar o tema à ordem do dia, se não forem tomadas medidas. Os pais já estão a estudar medidas prevendo a falta de resposta.

"DL" no Rallye de Portugal

com a

poligrupo

A SIDA soma e segue (I)

Milhares de contágios por dia

Dr. David Feldman

SE para alguns a doença começou a atacar em 1979, para outros começou bem mais cedo; contudo, é relevante assinalar que a SIDA — Síndrome de Imunodeficiência Adquirida — tem atravessado estes últimos anos da nossa década revelando as suas características mortais e confirmando os prognósticos mais pessimistas que haviam previsto milhões de mortes e vítimas de todo o tipo, situação agravada pelo desconhecimento, a inépcia, por vezes, por uma irresponsabilidade suicida.

É certo que qualquer outra doença infecciosa conhecida há milénios mata mais gente num dia do que a SIDA num mês: a diarreia estival, o paludismo, a falta de proteínas... Porém, é certo que a sua cura depende de uma atitude social, de uma tomada de posição humana.

Não há vacina para a SIDA nem, pelo menos, qualquer medicamento 100% eficaz e o mais grave é que a doença deriva e é propagada pelas relações sexuais, factor quotidiano que afecta milhões de pessoas diariamente e que é posto indiscriminadamente em causa quando se pretendem atribuir culpas ou responsabilidades.



Qualquer doença é mortal para a pessoa afectada

Para analisar melhor o problema, citemos as afirmações de Robert Galo, director do Instituto de Cancro dos EUA, um dos cientistas que descobriram o vírus da SIDA. Galo afirma que o macaco da África central deu origem ao vírus específico que é o principal responsável pela doença. Como é esta doença?

Como se produz? Qual o seu processo? Uma vez introduzido o vírus no organismo humano, este reproduz-se a partir do momento em que penetra num glóbulo branco, um linfócito T, com cuja vida se mistura para, através de uma proteína específica, liquidar os mecanismos de defesa contra as doenças infecciosas, ou não.

Desta forma, minoradas ou desaparecidas as defesas, qualquer afecção,

mesmo que seja um pequeno bacilo ou bactéria, se torna mortal quando os medicamentos deixam de surtir efeito. Para se completar este ciclo, podem decorrer cinco anos desde o contágio até ao aparecimento da enfermidade e mais dois anos para dar origem à morte. Como pudemos constatar, é um processo relativamente lento, mas desesperante porque implica sempre a morte, com ou sem sofrimento.

A sífilis, um antecedente similar

Nem todas as vítimas do contágio sofrem a doença; até hoje, as estatísticas referentes a 5 ou 6 anos indicam que entre 5 a 10% dos afectados contraem a enfermidade dentro dos primeiros 5 anos após o contacto.

De qualquer maneira, as suas formas de contágio fazem da SIDA um problema gravíssimo que tem na sífilis, flagelo da Idade Média derrotado pela penicilina, o seu mais próximo antecedente, pois em certos aspectos há semelhanças evidentes.

O contacto sexual é responsável por 70% dos casos de SIDA, para além de ser a origem da maior parte dos casos de sífilis. Os homossexuais, bissexuais, heterossexuais e praticamente todos aqueles que mantêm contactos com um portador ou doente podem adquirir o vírus, mas não necessariamente a doença. Senão vejamos: o Exército dos EUA estudou 22 famílias em que um dos cônjuges estava contaminado; pois bem, oito casais contraíram a doença, o que equivale a 36%. Na Florida um estudo feito a cerca de 45 casais revelou que a doença foi transmitida a 60% por apenas um dos cônjuges, o que demonstra a necessidade de internar o doente quanto antes.

Meios de transmissão

De todos os contactos sexuais, o que mais contágios tem provocado é o da mucosa rectal com o sêmen contaminado; uma mucosa irritada por vários sémens está absolutamente aberta a um contágio fulminante. Segundo uma reportagem de um jornalista argentino, um jovem homossexual que regressara a Buenos Aires após cerca de 2000 contactos sexuais durante um ano em Nova Iorque, viria a falecer vítima de SIDA apenas alguns meses após o seu regresso; uma infecção geral limitou extraordinariamente o seu tempo de vida. O sêmen é, logo a seguir ao sangue, o líquido ou 'humor' humano mais perigoso; deve fazer-se aqui um reparo importante: a saliva não contamina, isto de acordo com os mais recentes estudos onde se afirma que o grau de concentração de vírus por quantidade de saliva é inferior ao número necessário para permitir o contágio. Não há, por assim dizer, uma medida mínima, pelo que a saliva fica ilibada.

O factor mais perigoso, quase sem atenuante, é o sangue transmitido através de transfusões, seringas contaminadas, derivados, plasma, etc... Não estamos a falar acerca de um doente, que por lógica não pode ser dados; estamos a pensar num portador são que desconheça o seu mal por este nunca ter sido detectado: o seu sangue e derivados funcionam como uma autêntica bomba relógio para o receptor.

O tema dá para uma segunda parte, pelo que convidamos o leitor a seguir-nos.



Pedro Vasco
19 anos, estudante
(Arqueologia)

"Ministro da Educação é a incompetência personificada"

Pensado e escolhido, o teu curso?

— Não, fui lá parar.

Como foi isso?

— Escolhi tudo. Era-me um bocado indiferente para onde calhasse. Mas é evidente que na minha inscrição não pus os cursos que menos gostava, como Direito, por exemplo. Fui pondo todas as variantes de História.

Desespero?

— Jogar pelo seguro.

O importante é ter um canudo, é isso?

— Não, porque os problemas nas saídas são sempre os mesmos.

Então não vale a pena tirar o curso!

— Estou lá mais por «hobbie».

Como está o estado de espírito dos estudantes na Faculdade de Letras, agora com a crise?

— Perturbação houve sempre, mas queremos melhorar.

Digamos que não há muito desespero, mas também não há esperança.

Preocupado?

— Estou, mas não posso fazer mais nada para além do que já tenho feito. Este ministro da Educação é a incompetência personificada. E de resto já se sabe, há dias sim e dias não, como acontece com toda a gente.

Demasiado absorvido pela situação da Faculdade de Letras?

— Não. Também estudo no Conservatório. Cravo.

Estive em piano e violoncelo, mas depois abandonei. Voltei agora.

As coisas vão melhores, por lá?

— Não, estão sempre piores.

O que colocas em primeiro lugar, a arqueologia ou a música?

— Funciono mais por febres.

Qual é a tua febre neste momento?

— Por agora interesse-me em melhorar a minha situação escolar.

Num mundo em mudança, a luta pela Paz

Urbano Tavares Rodrigues

O mundo está assistindo, com surpresa e com admiração (nalguns casos com susto e despeito), às profundas transformações revolucionárias que a equipa Gorbachev vem aceleradamente realizando na União Soviética. É um grande salto qualitativo na evolução do socialismo, na aplicação do marxismo-leninismo a uma realidade em constante movimento o que ali se verifica, com a mobilização das massas populares para a recuperação e o desenvolvimento económicos, num clima de liberdade e de entusiasmo.

O fórum da Paz, que nos pertenceu a todos quantos nele participámos, mostrou como a URSS está pronta a renunciar à sua condição de potência nuclear e a reduzir os seus outros armamentos ao nível mínimo que se entenda necessário. Isto representa, ou pode representar, uma nova etapa na história da

Humanidade.

É clara a proposta que Gorbachev avança de limitação e finalmente de destruição das armas de extermínio maciço. A desmilitarização do mundo não será imediata, mas o caminho fica aberto. Tudo pode encaminhar-se para políticas militares estritamente defensivas.

Falou-se, durante os três dias que o fórum durou, na constituição do Fundo de Sobrevivência da Humanidade. Nos intervalos das sessões e nos dias que se seguiram, além dos passeios pela neve ao mosteiro onde viveu Andrei Rublev (e onde há uma maravilhosa coleção de ícones), ou à Catedral de Smolensk (no seu recinto fortificado, entre construções vermelhas do século XVII e igrejas recobertas de esmaltes verde e ouro, que reverberavam na alvura ambiente), visitei de corrida museus e galerias de arte, assisti a alguns dos inúmeros e fervilhantes debates entre críticos, sociólogos e artistas que neste momento são o que de mais interessante se nos oferece nesse sector. Vi assim uma mostra de pintura da Estónia onde tudo aparecia, do naturalismo ao hiper-realismo, ao geometrizmo, à abstracção. Os pontos muito altos de criação seriam talvez raros, mas a profusão de formas, a adesão a um projecto de nova cultura são evidentes. Outro tanto constatei nos domínios da escrita literária, do cinema, da televisão, da vida quotidiana. Está em movimento toda uma dinâmica nova, que revitaliza profundamente o socialismo. E, tal como o ascenso económico, a prática cultural, essa explosão de inventiva, até a vontade de ser feliz, são indissociáveis do projecto de paz, tão grato não só à direcção do PCUS, mas ao povo soviético na sua globalidade.

Por isso torno ao fórum de Moscovo, onde Mikhail Gorbachev exprimiu a voz de muitos milhões de seres humanos perante o perigo de destruição nuclear, ao dizer que somos mortais, sem dúvida, mas «não aceitamos o fim de toda a Humanidade, o fim da razão

humana».

Já se passaram duas semanas. Os incitamentos de Gorbachev aos sindicalistas soviéticos no sentido de aumentarem a sua iniciativa, de cumprirem plenamente a sua função, têm ocupado os títulos de muitos jornais europeus. E ainda os que estivemos no palácio do Kremlin naquela manhã de meados de Fevereiro ouvimos o eco das suas palavras: «As relações internacionais estão hoje desumanizadas pelo culta da força, pela militarização das mentalidades. É preciso humanizá-las.»

A proposta soviética de redução dos mísseis nucleares na Europa parece ter desde já seguimento favorável, ainda que se levantem pequenos problemas sucessivos de discussão e resolução. Outros passos a este sucederão decerto. De toda a maneira, o tempo urge para garantir a «sobrevivência da Humanidade».

Sonhos e Horrores

Publicamos seguidamente parte da intervenção de Urbano Tavares Rodrigues no fórum de Moscovo:

Não se pode impor a um escritor que escreva um romance ou componha um poema sobre a Paz. O que sucede efectivamente é que muitos de nós escritores, que vivemos e escrevemos nos anos oitenta, já no rodar de um milénio para outro, temos consciência nítida, por vezes margurada e revoltada, das ameaças múltiplas, ecológicas e bélicas, que pesam sobre a Humanidade. E creio bem que, independentemente dos artigos que possamos redigir, das intervenções a que nos sintamos obrigados civicamente, as nossas obras puramente literárias, ou seja, o que escrevemos de mais subjectivo, de menos sujeito a pressões, se vai pouco a pouco carregando das marcas do pesadelo nuclear.

Isso sucede comigo e com muitos dos escritores progressistas da minha geração, em Portugal. Oprimidos que fomos pela censura fascista durante largas décadas, sujeitos a uma intimidação constante, perseguidos até à per-

da do emprego, até à masmorra, até à tortura, desenvolvemos em nós uma grande ânsia de liberdade e de justiça.

Para aqueles de nós que comungavam na esperança de profundas transformações sociais a caminho de uma sociedade socialista, a Revolução do 25 de Abril foi a abertura de uma pista luminosa, que nos trazia a dignificação do homem na nossa pátria.

A nossa concepção do mundo, as nossas vivências, a nossa sensibilidade projectam-se naturalmente em obras de ficção que, sem deixarem de procurar reproduzir o mais íntimo do ser humano, as grandes perguntas e conflitos do indivíduo consigo e bem assim no amor, na amizade, no trabalho, no prazer ou perante a morte, reproduzem ao mesmo tempo a intensa luta de classes de que o nosso país é agitado teatro.

Mais do que isso, inserem essas personagens, típicas ou anómalas, no quadro universal da passagem, a que assistimos, com tantos traumas, violências e miséria, e também com perspectivas de esperança, da sociedade industrial para a sociedade computadorizada, momento de ruptura e de crescimento que a todos nós abala e se rocessa simultaneamente com a grande crise, talvez o estertor, de um certo tipo de capitalismo transnacional, que, egoisticamente e à míngua de imaginação criadora, empurra o nosso mundo para a guerra nuclear e para a consequente destruição da nossa espécie.

É esse surdo pavor, é esse clima de catástrofe que, ou de forma directa ou de forma alegórica, impregna profundamente as narrativas e os poemas que escrevemos. Direi mais: marca os nossos textos consciente ou inconscientemente com um sentimento de apocalipse. Se vímos bem, aliás essas premonições, essa angústia, esse pânico disseminado nos actos quotidianos e, naturalmente, a consciência da necessidade de pôr um dique à repulsiva, à aberrante caminhada da humanidade

para o abismo — rebentam cada vez com mais força em diversos meios de expressão artística: não só na literatura, mas também no teatro e no cinema e até as artes plásticas e na própria música, nos vários géneros de música de hoje em dia.

Por tudo isto aqui estamos escritores, cidadãos, homens do pensamento e da invenção que na palavra se transfundem. Aqui estamos na nossa diversidade de concepções e ideais políticos, de convicções religiosas, de hábitos de vida, unidos todos nós por um impulso muito forte, que é ainda uma perspectiva do futuro dos homens: o nosso veemente desejo de Paz.

Só num mundo em paz, quero dizer, onde se tome realidade a redução dos armamentos, de onde se arrede sobretudo o mito ou a embriaguez de uma vitória atómica, que lucidamente sabemos impossível, mas que serve a alguns para se manterem à tona de um oceano de mentiras, no topo de um edifício económico em risco iminente de descalabro, só num mundo em Paz poderemos levar a cabo as grandes e belas tarefas de progresso material e de desenvolvimento científico, técnico e espiritual, que podem ser, que serão, ousos esperá-lo, os grandes marcos do Amanhã.

É entre a esperança e a desesperança que se coam os dias difíceis deste fim de século. A sociedade que sonhamos, há trinta, há vinte anos, e que seria a da equilibrada repartição do trabalho e dos lares, liberta do espectro agora constante do desemprego e onde cada qual teria o caminho aberto não só para a fruição da arte e da beleza sob todos os seus aspectos mas inclusivamente para a sua realização plena, como protagonista, praticante interessado num qualquer domínio, lúdico, cultural, estético, teatro, música, decoração, artesanato, dança, literatura ou desporto, à margem da sua actividade profissional, esse sonho que parece progressivamente distanciar-se de nós em vez de se aproximar, nalgumas daquelas sociedades mais desenvolvidas onde a muitos pareceu verosímil em dado momento o seu advento, teremos de o abandonar?

É possível, é provável que só numa sociedade socialista esse sonho se possa cumprir. É possível, é provável, é desejável que todo o nosso mundo se torne socialista, num futuro ainda imprévisível e aliás com modelos diversos de socialismo.

De momento, porém, uma causa fundamental, uma luta que é de sobrevivência, a todas as outras se sobrepõe e por ela aqui estamos unidos, preocupados, num mesmo diálogo de importância capital: a luta pela PAZ.



Ser ou não ser já não é uma questão de metafísica

No fórum realizado em Moscovo, nos dias 14, 15 e 16 do corrente, com a participação de escritores, cineastas, artistas plásticos, actores, músicos de todo o mundo, unidos contra a ameaça de guerra nuclear, a delegação portuguesa, constituída por Oscar Lopes, Manuel Alegre, Egito Gonçalves, Luís Francisco Rebello e Urbano Tavares Rodrigues elaborou um texto comum, independente de outras intervenções individuais, que foi lido pelo poeta Manuel Alegre, redactor do documento final. É o seguinte o teor desse documento:

«Já não estamos naquele tempo em que um grande poeta, como Rainer

Maria Rilke, podia cantar a construção da sua morte própria. A ameaça do holocausto nuclear pesa sobre o sentido da nossa vida e também sobre o sentido da nossa morte. Pela primeira vez na história do homem, existe a possibilidade de uma morte sem memória. «L'avenir sans souvenir» não é só uma metáfora, ser ou não ser já não é uma questão metafísica. Toda a Terra é Elsenor. O príncipe da Dinamarca está em cada homem. Os próprios dados da cultura estão mudados. Por isso é preciso mudar a atitude cultural, nomeadamente nos problemas da paz e do desarmamento.

Cidadãos de um pequeno país que, no passado, contribuiu, com as suas

navegações, para aproximar os continentes e os povos, os escritores portugueses sublinham:

— A necessidade de criar as condições de intercâmbio entre as culturas que se exprimem em todas as línguas do mundo e, portanto, a liberdade efectiva de intercomunicação;

— A necessidade de todos os países, pobres ou pequenos, poderem, não só estar abertos à informação, mas fazer ouvir a sua voz sem serem discriminados;

— A corrida aos armamentos limita cada vez mais as possibilidades de auto-determinação política, económica e diplomática dos pequenos países; daí a necessidade de uma consciência mundial

poder impor um desarmamento progressivo nomeadamente no que diz respeito às armas nucleares, químicas e biológicas;

— A necessidade de reduzir, eliminando-as progressivamente, as bases militares das grandes potências em território de outros países;

— A urgência de intensificar todas as formas de cooperação cultural — através do cinema, teatro, televisão, literatura, artes plásticas, investigação e tecnologia, desporto e outras culturalmente dignas.

— A utilização de todos os meios modernos de difusão para uma política de intercâmbios culturais, assim como a

criação, entre os diferentes países, de um conselho para a realização de programas de rádio e de televisão.

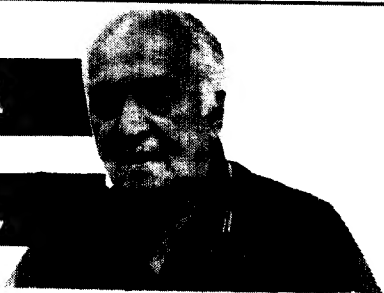
Alguém disse aqui que a paz é a utopia. É possível. Talvez a própria vida se tenha tornado uma utopia. Mas uma razão para escrever e gritar por toda a parte:

Viva a utopia, viva a paz, viva a vida.

É que não há alternativa. Inventar a paz, realizar essa utopia, é hoje o papel essencial da cultura. Para vencer o risco do nada e do esquecimento, para eternizar a memória do homem pelo homem.»

LÍNGUA VIVA

PORTUGUÊS.



Serões de Trancoso

Carmo Vaz

Receio bem que um dos obstáculos à democratização da sociedade portuguesa na vida de relação, resida no nosso largo leque de tratamentos da segunda pessoa gramatical (tu, vós, você, etc.). Por mim, que evito cuidadosamente ferir a sensibilidade seja lá de quem for, ataco prudentemente a segunda pessoa com **Vossa Excelência**, ou o meu ilustre amigo, ou minha excelentíssima senhora, para daí em diante fugir ao sujeito ou à sujeita, com o verbo desnudo na terceira pessoa, o que resulta, como me dizia uma gentil trancosense (1), intelectual de tomo e fortuna de nível: «O senhor sabe mesmo falar com os outros, porque durante estes dias, já o ouvi dirigir-se aos participantes nos Serões, aos altos personagens que cá estão, e ainda ontem à Presidente da Junta de Freguesia de Guilheiro e aos populares com quem conversou, sempre **tratando todos** com uma delicadeza rara. Não me agradam as familiaridades da gente de promoção acelerada, tu por cá, tu por lá, detesto o você, que os brasileiros nos querem impor, abomino o pá inadmissível em gente educada...»

Na altura bem me lembro, senhora minha, fugi à questão, para não ferir susceptibilidades em pessoa ilustre. Mas nesta coluna de linguística, não posso fugir. O que realmente importa, e agora lhe digo muito a sério, é que não liguemos nada, mesmo nada a como **nos tratam** a falar, porque os tratamentos são formas **naturais** que os outros usam para nos chamar à atenção, e cada um faz como na sua classe, na sua condição, no seu ambiente sociocultural está **habitado** a fazer. Ninguém me ofende por me tratar por tu, por você, por pá, nem me lisonjeia por me dar roda de excelência, professor ou mestre. Basta que eu saiba que falam comigo. Basta e compraz-me, porque me acham uma pessoa humana capaz de falar e de gostar de falar com **toda a gente**. Penso que isso será, pelo menos, proceder como um democrata. Dirá se concorda. E o leitor, o que pensa disto?

Mas em trancosenses, caval(h)eiros e donas (tudo gente de pergaminhos incluindo o povo) nunca conheci e lidei em tão poucos dias, com pessoas tão simpáticas,

hospitaleiras e devotadas à sua **famosa, política, nobre, antiga, notável e muy especiosa vila de Trancoso**. Um espanto de tirar a respiração esta vila de Trancoso, onde durante o melhor tempo de calar a carne e ferver o espírito, o Carnaval, a Associação Património XXI e a Câmara Municipal de Trancoso realizaram com rara eficácia os **Serões de Trancoso**, com a simpática ausência da televisão.

Ao belo fogo da madeira de castanho, nomes laureados do nosso estrelato cultural, José Hermano Saraiva, Manuel Ferreira, Mendes de Carvalho, Luís Veiga Leitão, António Rebordão Navarro, Mário Bento, Orlando Neves, Elsa Rodrigues dos Santos, Tomaz Ribas, Irene Avilez Teixeira, Vieira Sá, Ana Van Zeller, Ilídio Rocha, D. Miguel de Bragança, Sá Flores, Filomena Cabral, os dinâmicos dr. Jorge de Figueiredo, grande mestre do património cultural da zona, e J. Moreirão, grande animador da Biblioteca Fixa da Gulbenkian e do precioso Arquivo Histórico de Trancoso, e tantos mais vindos dos quatro cantos de Portugal, emprestaram aos Serões de Trancoso um ritmo alucinante, felizmente suavizado pela grande arte musical de Nuno Barroso (pianista) e Alexandre Branco Weffort (flautista), jovens artistas de grande classe, pelo duo de João e André Barroso, por um percussionista verdadeiro fenómeno de talento excepcional, e por uma soprano do S. Carlos que assegurou o canto ao alto nível, declamadores muitos e intervenções de todos os participantes, porque a organização democrática a todos ofereceu o direito de **intervir** nem que fosse com uma anedota, no estilo dos velhos e autênticos Serões de Trancoso. De certo que houve momentos altos: o debate no primeiro serão conduzido por José Hermano Saraiva em torno do Bandarra, o famoso sapateiro de Trancoso que fez trovas e sofreu um calor sério da Inquisição; a «Avé Maria» de Gounod subitamente entoada pela voz maviosa da soprano na igreja medieval de Moreira do Rei; o serão poético conduzido pelo verbo cintilante de Luís da Veiga Leitão; o aceso debate final entre o poeta post modernista Sarmiento e o Dr. Caramelo; os «parabéns a você» cantados

pelos seroeiros de Trancoso ao Júlio José Saraiva Sarmiento, o mais jovem (fazia 30), culto e dinâmico presidente das Câmaras do país, que esperando 70 participantes, teve de improvisar **tudo** para mais de 130. E **tudo** correu às mil maravilhas, com a contribuição graciosa da maravilha das maravilhas, as fantásticas paisagens e monumentos deste concelho de Trancoso. Não há palavras nem espaço para descrevê-los. Ir vê-las com a certeza prévia de que nunca numa pacata vila com cerca de 15 mil habitantes se reuniu tanta atracção ao alcance do turista mais exigente, não de golfs e buates, mas de grande natureza, história, lenda e tradição.

Não direi que a linguística tenha estado ausente, já que nos serões, bares e bastidores se discutia sobre se eram Serões em Trancoso ou Serões de Trancoso. Como já adivinharam, os inteligentes trancosenses discretamente queriam apurar se os intelectuais e artistas **de fora** tinham lá ido seroar divertindo-se com os seus intermináveis debates metafísicos, ou se se tratava de cultura para a gente da terra, suas coisas, história e futuro. Claro que o debate ficou em suspenso, porque o **modus faciendi** da dinamização cultural não está ainda bem esclarecido. Mas a verdade é que nestes Serões de Trancoso, além da grande história, da metafísica poética super modernista da grande arte erudita, a animação dos ranchos da terra (vozes afinadas, música agradável), uma amostra de Gil Vicente ao cargo de uma futura atriz de Trancoso, o convívio natural de todos com todos, tudo somado bem nos pareceu um modelo nascente do que deve ser a autêntica dinamização cultural nas terras interiores longe dos grandes centros urbanos de Portugal. Arrisco que talvez isso se deva também à inteligência clara de um bom poeta e homem de cultura, o nosso camarada Dr. Orlando Neves, do património XXI.

(1) — «Trancosenses» são os habitantes de Trancoso; «trancosanas» são as coisas: rochas, igrejas, etc. — informação exacta, fornecida pelo tão activo e eficiente director da Biblioteca Fixa da Gulbenkian, o J. Moreirão.

/T/E/M/A/P/A/L/A/V/R/A/O/L/E/I/T/O/R/

A propósito do Homem José Afonso

«Morreu o José Afonso. Não foi apenas um grande português, um grande cantor e um grande poeta que deixou o nosso convívio. Foi um Homem, que, sendo tudo isto, nos ensinou que o sonho é complemento da vida e que necessitamos dele para nos libertarmos dos nossos fantasmas, para nos elevarmos acima de nós próprios, para sublimarmos as nossas necessidades do quotidiano e para marcar as metas provisórias da nossa trajectória na vida.

O Zeca não foi apenas o lutador incansável contra o despotismo e a tirania. Ele poetizou essa epopeia, longa de décadas e de sofrimento.

Ele é para quase todos nós uma suprema lição de humildade mental, que sempre foi a pedra de toque que o guiou em toda a sua vida. Ele corporizou a forma mais assumida e elevada do antivedetismo. Apesar do seu superior génio criador, nunca soube olhar para o seu umbigo, dirigindo sempre toda a sua atenção para a boca dos famintos de pão e de justiça, zurzindo com o ferro implacável dos seus poemas o braço opressor e metendo a ridículo a obediência bovina dos servidores comprometidos, dos «eunucos», como ele lhes chamava, único e verda-

deiro suporte dos tiranos.

Opositor irredutível da mediocridade, da miopia mental, do nepotismo e da injustiça, o Zeca nunca podia, obviamente — nem nisso estava interessado — em criar amigos em meios onde o compadrio, o caciquismo e o clientelismo político pouca alteração sofreram depois do 25 de Abril e que não o pouparam a um desterro intelectual dentro da sua própria Pátria, sendo disso exemplo acabado a animosidade passiva e a alienação a que o votou a RTP, que, «esquecendo-se» cronicamente de que a sua função não é apenas rídica mas também formativa e de que os dinheiros dos assinantes, que administra, a isso a obrigam, sempre preferiu negar, especialmente para os mais novos, a divulgação da obra, da estatura mental e da verticalidade deste soberbo arquitecto da nossa cultura. Tudo isto porque prossegue a apologia comprometida da massificação dos gostos e da ausência do espírito de crítica, com vista à criação e mais fácil controlo de uma opinião mais dócil e menos imaginativa.

O conceito de dignidade do Zeca, que até pode parecer, no mínimo, absurdo e incompreensível aos oportunistas e corruptos deste País,



sempre o orientou para tudo o que fosse despojamento de benesses, ao aprofundamento do sentido de solidariedade e à reivindicação do respeito pelos valores e direitos mais elementares do homem.

Único símbolo vivo do verdadeiro espírito unificador do 25 de Abril, vivido apenas até algum tempo depois desta data, o José Afonso nunca foi — por sua própria oposição, entenda-se — enquadrável em qualquer formação partidária, existente ou a criar, porque o seu espírito

era grande demais para ser contido dentro das malhas, necessariamente limitativas, das normas doutrinárias de qualquer partido, onde o seu génio criador se sentiria castrado, porque o espaço mental onde sempre se moveu apenas aceitou como fronteira da sua acção a indispensável amplitude necessária à criação dessa arma política, que tão bem esgrimiu, cantando, no interesse dos mais oprimidos: a sua bela obra poética, ao mesmo tempo tão simples e tão demolidora, mensagem que tão facilmente foi entendida por aqueles a quem era dirigida.

Quem assistiu, em Setúbal, ao seu último adeus, pôde reviver, a despeito do pesar da sua perda, do cinzento da tarde e da fina chuva que teimava em cair, todo o sortilégio da alegria dos dias libertadores de Abril, em que a legitimidade da Revolução não era ainda reivindicada por este ou por aquele, mas pertencia ao todo colectivo dos mais humildes e mais amantes da liberdade.

Foi deste sentimento que o Zeca nunca quis nem pôde abdicar e que explica, de certo modo, o motivo por que ele se autoexcluiu da vida política, entendida e praticada pela maioria dos políticos da nossa praça, que, preocupados, muitas vezes,

mais com os seus pruridos pessoais e encerrados na torre dos seus interesses, quantas vezes em discussões académicas e vazias de qualquer conteúdo, esquecem que foram investidos em missões muito concretas, que aceitaram, por parte de quem os elegeu e a quem devem obediência moral.

Esta foi a grandeza simples de um homem simples, sempre irreverente e incómodo a todo o dogmatismo, independente da sua longitude, preferindo opor a uma visão fixista dos fenómenos políticos da vida, uma outra de tipo existencial, em que os valores não são tutelados, se impõem por si mesmos e em que a realidade salta, palpitante, para dentro de nós, através de um juízo crítico sempre desperto, sobre a praxis de cada dia, de cada momento, numa conquista permanente, numa inquietação constante.

Por tudo isto, Zeca, por tudo quanto representaste, por tudo o que foste, por tudo por que lutaste, foi urgente teres vivido.

Por tudo isto, Zeca, pelo que nos ensinaste, pela tua lição de humildade e de inteligência e porque provaste que o Homem pode não ser o lobo do Homem, não morreste!.

José Domingos Calado Cabrita

TASS acusa Lisboa de "acto de inimizade"

FERNANDO AMARAL QUER APURAR AS RESPONSABILIDADES DO GOVERNO

Enquanto a TASS considera como «acto de inimizade» a intervenção do executivo no cancelamento da visita à República da Estónia da delegação parlamentar portuguesa, em comunicado o Presidente da Assembleia da República promete apurar as responsabilidades governamentais em todo este caso.

«Este problema para nós é muito estranho, porque só no terceiro dia da nossa visita o Governo emitiu um comunicado referindo que havia reservas em relação às Repúblicas do Báltico», disse ontem Fernando Amaral numa conferência de imprensa realizada em Moscovo.

«Surpreende-nos o facto», prosseguiu o Presidente da Assembleia da República, sublinhando que «embora através de muitos telefonemas procurássemos saber as razões primeiras que estariam na base deste comunicado, não fomos suficientemente esclarecidos». Adiantando que no regresso a Portugal pediria «satisfações» ao Governo de Cavaco Silva, Fernando Amaral acentuou que o Parlamento está «à espera que nós regressemos para proceder a um debate parlamentar sobre a matéria».

No encontro com os jornalistas realizado no hotel Sovietskaja, Fernando Amaral revelou que os princípios democráticos «que adoptamos no relacionamento interna-

cional são de total abertura com todos os povos e paramentos», acrescentando que «é de estranhar que agora o Governo tenha levantado uma reserva».

«Razões de Estado» cancelam visita

O Presidente da Assembleia da República falava pouco depois da emissão de um comunicado, no qual a delegação da Assembleia da República à URSS afirma ter sido «surpreendida pelo teor de um comunicado do Governo considerando inconveniente a visita à Estónia, incluída na parte final do programa estabelecido».

No texto, assinado por Fernando Amaral, «a delegação manifesta desde já a sua inteira discordância quanto ao procedimento do Governo», e promete, no seu regresso a Portugal, que tudo fará para esclarecer «as responsabilidades governamentais na criação deste incidente, que se lamenta e se espera não venha a por em causa

as relações entre os dois países».

O comunicado refere que «depois de ouvir as diversas opiniões dos membros da delegação, face à divulgação pública do comunicado do Governo, o Presidente da Assembleia da República decidiu, por razões de Estado, cancelar a parte final do programa e a visita à Estónia».

Por fim, o texto assinala a cordialidade com que a delegação parlamentar tem sido recebida, «e dentro deste quadro salienta que lhe foi proposto um programa alternativo aquela visita, o qual mereceu a sua concordância».

Cumprindo o programa, a delegação da Assembleia da República foi ontem recebida no Soviète Supremo da União Soviética, onde Piotr Demitchev, membro suplente do bureau político do Comité Central do Partido Comunista, informou os parlamentares portugueses sobre a nova etapa do desenvolvimento que se iniciou na URSS.

De acordo com um despacho da agência noticiosa TASS, aquele responsável soviético referiu a recente oferta da URSS de celebrar sem demora um acordo com os Estados Unidos para a liquidação dos mísseis de médio alcance na Europa, tendo Fernando Amaral declarado

compartilhar os esforços da União Soviética destinados a erradicar os mísseis nucleares do continente europeu e a criar um mundo desnuclearizado.

«Acto de inimizade»

Entretanto, em comentário à intervenção do Governo no cancelamento da visita à República da Estónia a agência TASS qualificou a pressão do executivo de Lisboa como «acto de inimizade» e «tentativa de impedir o reforço das relações luso-soviéticas».

Num comentário assinado pelo seu analista político Askold Biriukov, a agência soviética refere que «a delegação parlamentar, cedendo à pressão do Governo, viu-se forçada a alterar o programa anteriormente coordenado da sua estada na União Soviética e desistiu, com lamentos, da viagem à Estónia».

Afirmando que o Governo português «proibiu a delegação parlamentar de se deslocar à Estónia», o comentarista assinala que «o passo de Lisboa não passa de um acto de inimizade, podendo ser qualificado apenas como uma tentativa de impedir o reforço das relações luso-soviéticas».

Citando declarações de Fer-

nando Amaral, o despacho da TASS refere que a alteração do programa da visita aconteceu contra a vontade dos parlamentares, e sublinha que a delegação ficou numa situação extremamente embaraçosa.

Analisando as ressalvas do Governo de Cavaco Silva relativas ao estatuto das três Repúblicas soviéticas do Báltico, o comentarista acentua que a posição do executivo português «não pode deixar de surpreender», pois nem todos os países da NATO se negam a reconhecer a integração da Estónia, Letónia e Lituânia na União Soviética.

A este propósito, Askold Biriukov recorda a realização em 1986, na cidade letónia de Jurmala, de um encontro soviético-norte-americano, no qual participaram representantes de Washington e o embaixador dos Estados Unidos na Hungria, Mark Palmer.

«Mais uma afronta ao Parlamento»

Entretanto, em comunicado o MDP/CDE considera «extremamente grave a situação criada pelo Governo que ofendeu a dignidade da segunda figura do Estado e o próprio Parlamento».

«O Governo, numa manifestação de desprezo pelo normal funcionamento e pelo respeito das instituições democráticas, tomou uma atitude pública inadmissível, sem informar quer a Assembleia da República, quer o seu Presidente em exercício, o que não deve deixar de ter reflexos negativos internamente e a nível internacional», refere o texto.

«O Presidente da Assembleia da República e todo o Parlamento foram desautorizados por um Governo que tinha conhecimento, através dos canais diplomáticos, pelo menos, do programa assente para a visita à URSS da delegação de deputados», prossegue a tomada de posição do MDP/CDE, sublinhando que «esta lamentável actuação do Governo atinge, ainda, uma proporção maior pelo facto de o Governo nem sequer se ter dignado informar a Assembleia da República e o seu Presidente em exercício da posição pública que ia assumir quando o Presidente da Assembleia e restante delegação estavam já no país anfitrião».

Por fim, o texto acentua que esta «é mais uma afronta a juntar à extensa lista de acções pouco dignas de um Governo que urge ver substituído».

Weinberger passa nas Lajes e fala às tropas americanas

O secretário da Defesa dos Estados Unidos, Carpar Weinberger, visitará na próxima sexta-feira a Base Aérea das Lajes, nos Açores, contactando com militares dos EUA ali estacionados, disseram hoje fontes diplomáticas norte-americanas em Lisboa.

Weinberger deverá ainda encontrar-se, durante uma escala técnica prolongada, com representantes do Governo português, não sendo ainda conhecido quem terá por interlocutores, adiantaram as mesmas fontes, que pediram o anonimato.

O mais alto responsável do Pentágono escalará a base açoriana, na ilha Terceira, no regresso a Washington de uma visita de seis dias à Espanha e à Turquia, que inicia amanhã. Não se confirmam, nesta ocasião, deslocações de Weinberger à Itália e à Grécia, que chegaram a ser referidas.

Ao secretário dos EUA deverá ser feito um ponto da situação sobre a actividade na parte da base que é utilizada pelas Forças Armadas norte-americanas, no quadro do acordo de defesa assinado com Portugal.

A Base das Lajes serve como ponto de escala ao transporte aéreo militar transatlântico dos EUA e também de apoio às operações de reabastecimento no ar aos aviões da Força Aérea norte-americana em trânsito.

Esta deslocação de Weinberger à Europa, oficialmente caracterizada como destinada a fortalecer as relações com os países do flanco sul da NATO, ocorre num momento em que os EUA estão a negociar com a Espanha a eventual redução das tropas norte-americanas estacionadas neste país, que têm 9000 soldados.

Vários responsáveis da Administração norte-americana, designadamente do Pentágono, têm negado a eventualidade de Washington ter interesse na transferência de efectivos militares para Portugal.

Durante a sua estada de três dias em Espanha, Weinberger encontrará-se com o rei Juan Carlos, o primeiro-ministro, Felipe Gonzalez, e o ministro da Defesa, Narcis Serra.

À EXMA. CLASSE MÉDICA

INTAL

- Têm-se-nos dirigido ilustres clínicos manifestando apreensão pela retirada do mercado desta especialidade.
- Temos sido igualmente confrontados por utentes desta especialidade manifestando compreensível preocupação, particularmente em situações de tratamento preventivo das crianças.
- Estamos sensíveis a todas estas manifestações pelo que entendemos justificar a nossa atitude:
 - 1.º — É nosso convencimento que a Saúde deve ser garantida ou subsidiada pelo Estado, razão por que pagam impostos os cidadãos e as empresas.
 - 2.º — A especialidade **INTAL** acarreta à SEBER um prejuízo efectivo de Esc. 958\$00 por unidade vendida, o que se traduziria no período Março / Dezembro do ano corrente num prejuízo total efectivo de 57 480 contos.
 - 3.º — Desde Outubro de 1985, debalde temos procurado sensibilizar os Serviços Públicos em geral e os Ministérios em particular, para esta situação. A descida do preço de lançamento de Esc. 3 380\$00 para Esc. 2 535\$00 e em Fevereiro último para Esc. 1 901\$00, inviabilizou a sua comercialização.
 - 4.º — O custo da especialidade mantém-se inalterável desde a data do lançamento do produto no mercado.

SEBER PORTUGUESA FARMACÊUTICA S.A.

Advogado recebido terça-feira em Fátima

CONFERÊNCIA EPISCOPAL INTERESSA-SE PELO CASO DOS ESTUDANTES TIMORENSES

O bispo de Aveiro, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, vai receber em Fátima o advogado dos quatro estudantes timorenses retidos na Indonésia, revelou o representante legal destes jovens católicos.

Depois da recente audiência concedida ao advogado João Loff Barreto pelo cardeal patriarca de Lisboa, que prometeu fazer todas as diligências ao seu alcance para que aqueles quatro universitários possam sair da Indonésia, onde estão retidos, com passaporte português, aguardando que o Governo de Jacarta lhes conceda um visto de saída, é agora a vez do bispo de Aveiro manifestar interesse e preocupação (do ponto de vista humanitário) relativamente a este caso.

Também no dia 17, mas em Lisboa, um representante do Conselho das Igrejas Cristãs em Portugal reuniu-se com Loff Barreto para ouvir o relato deste causídico acerca da situação dos quatro estudantes.

Em Setembro de 1986, três destes universitários foram presos aparentemente pela Polícia daquele país, sob a acusação de manterem ligações com a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), tendo sido libertados a 11 de Outubro, depois de intimados a assinar um documento em que negavam ter sido maltratados durante o período de interrogatórios e detenção. Desde então, encontram-se retidos em Jacarta.

No dia 20 de Outubro, António Gonçalves, de 34 anos, João de Freitas da Câmara, de 29 anos, Francisco Fernandes de Sousa, de 30, e Fernando da Silva, de 27 anos, pediram protecção da Embaixada holandesa em Jacarta, que os recolheu durante dois dias, e apelaram à intervenção de Portugal.

Actualmente, e já depois de o Governo de Cavaco Silva ter concedido passaportes portugueses aos estudantes citados — que querem a todo o custo sair da Indonésia e receberem regressar a Timor-Leste, devido à situação de instabilidade político-social que aí se vive — os quatro universitários encontram-se na capital indonésia, em casa de amigos.

Contradições

Loff Barreto afirmou que os jovens receberam, recentemente, auxílio económico prestado pelo Instituto Católico para as Relações Internacionais, sediado em Londres, instituição que suporta, aliás, a intervenção do referido advogado neste caso.

«Não é a ajuda económica, só por si, que vai determinar ou não a saída dos estudantes (do território indonésio)», disse o causídico, acrescentando:

«Todavia não deixa de ser um aspecto importante por que tendo-lhes sido retiradas as bolsas de que eles beneficiavam na Universidade de Jacarta, e, estando eles numa situação de verdadeira penúria, esta situação pode debilitá-los

e desmoralizá-los ao ponto de os tornar mais vulneráveis às pressões de que têm sido alvos no sentido de desistirem de sair da Indonésia e de regressar a Timor».

Antes do Ministério dos Negócios Estrangeiros ter enviado os passaportes portugueses aos quatro jovens, as autoridades de Jacarta comprometeram-se a garantir a sua segurança e, uma vez entregues os documentos, o ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros reiterou, através do reitor da Universidade que os estudantes timorenses frequentavam, essa mesma garantia até que estes saíssem da Indonésia.

No entanto, e posteriormente, o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, afirmou ao correspondente da agência Lusa em Sidney que seria incoerente autorizar a saída daqueles universitários, uma vez que eles têm passaportes portugueses, e porque os dois países não mantêm quaisquer relações diplomáticas.

Segundo o periódico «Informação Timor-Leste» editado em Lisboa pela Comissão para os Direitos do Povo Maubere e publicado em Janeiro deste ano, «a nível do Poder, em Jacarta, existe uma situação de atrito entre a Polícia política, que pretende enviá-los de imediato para Dili, e os burocratas do Ministério (indonésio) dos Negócios Estrangeiros que receiam as repercussões internacionais de tal medida».

Comunicado divulgado esta manhã em Lisboa e Pequim

Marcada para quarta-feira nova fase de conversações sobre o futuro de Macau

Os Governos de Portugal e da China anunciaram hoje de manhã, simultaneamente, que a quarta fase das conversações sobre o futuro de Macau terá início em Pequim a partir de quarta-feira. Um comunicado conjunto divulgado à mesma hora em Lisboa e Pequim, pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros dos dois países, refere que as duas partes decidiram, «mediante consultas», reiniciar as conversações «para a resolução da questão de Macau».

O comunicado foi divulgado em Lisboa às 9 horas, quando eram 17 em Pequim.

As delegações oficiais dos dois países iniciaram as reuniões de negociação sobre Macau, em Junho do ano passado, na capital chinesa, tendo algumas fontes diplomáticas indicado agora que esta quarta fase de conversações poderá ser a última antes da assinatura de um acordo final por ambas as partes.

Desde que as duas delegações se reuniram em conjunto pela última vez, em Novembro passado, coube ao grupo de trabalho misto criado no âmbito das negociações preparar os documentos finais sobre o projecto de acordo, a ser submetido à aprovação pelos dois Governos.

O grupo de trabalho esteve reunido pela última vez em Pequim em finais de Fevereiro.

As delegações portuguesa e

chinesa são respectivamente chefiadas pelo embaixador Rui Medina, especialmente destacado para acompanhar o processo de conversações, e pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan.

As conversações sobre Macau, que decorreram sempre na capital chinesa, tiveram início em Junho do ano passado ao nível de delegações oficiais e um grupo de trabalho misto entretanto criado para facilitar a elaboração do texto definitivo do acordo deu recentemente por concluída a sua missão.

A delegação negociadora portuguesa tem sido chefiada pelo embaixador Rui Medina, especialmente destacado para acompanhar este processo, enquanto a chinesa é liderada pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, que em Novembro passado visitou Lisboa, onde contactou os mais altos

responsáveis portugueses.

Ainda de acordo com as mesmas fontes diplomáticas, apenas um dos temas em negociação ofereceu maior dificuldade na obtenção de um consenso: o problema da nacionalidade de uma parte dos residentes em Macau, candidatos à cidadania portuguesa, situação que Pequim insiste em não aceitar, por não reconhecer uma dupla nacionalidade.

Esta questão — adiantaram — terá sido resolvida a nível político pelos Governos dos dois países, por falta de acordo entre os negociadores. Não foram dados mais pormenores.

Fontes governamentais dos dois países e observadores do processo de negociações têm referido que as duas partes deverão acordar numa transferência do Poder em Macau nas vésperas do ano 2000, isto é, cerca de dois anos depois da devolução pela Grã-Bretanha à China da soberania sobre Hong Kong, em 1997.

As autoridades chinesas têm tentado acelerar a concretização de um acordo sobre Macau, por forma a que a sua conclusão pudesse ser anunciada antes do início da próxima sessão da Assembleia Nacional Popular chinesa, o Parlamento, marcado para 25 de Março.

Parlamento disse adeus ao fumo

O hemiciclo de S. Bento vai deixar de ser poluído pelo fumo do tabaco quando for publicada a resolução, ontem aprovada, que proíbe o fumo no interior da sala do plenário da Assembleia da República.

Como o «DL» já ontem adiantava, a resolução, proposta pelo PS, PSD e «Verdes», contou com o apoio de deputados de todas as bancadas, tendo votado contra menos de um décimo dos deputados da Assembleia da República (16 de PSD, 5 do PS, 3 do PRD e 2 do CDS).

Exibindo um vistoso charuto, o deputado Carlos Candal (PS) apresentou duas propostas de aditamento e substituição: a primeira defendia que a norma entrasse em vigor no início da quinta legislatura e a segunda que propunha substituir a determinação por uma recomendação.

Antecipando o resultado da votação, logo no início da sessão podiam ver-se panfletos em algumas bancadas parlamentares que anunciavam um programa de cinco dias, gratuito, para «se libertar do tabaco».

Aprovados subsídios a jovens

Entretanto, viriam a ser aprovados na generalidade os

três projectos de lei que instituem os subsídios para jovens à procura do primeiro emprego. Os diplomas, da autoria do PS, PCP e CDS foram votados favoravelmente por todas as bancadas da Oposição, tendo merecido apenas o voto contra do PSD. Agora, a comissão parlamentar de Juventude tem 30 dias para elaborar a versão final que será posteriormente aprovada em plenário.

Os projectos, cuja discussão havia sido iniciada na quinta-feira, defendem a aplicação de subsídios que rondam entre os 70 e os 80 por cento do valor do salário mínimo nacional para jovens à procura do primeiro emprego, contrariando assim o anteriormente aprovado pelo Governo que apenas prevê um subsídio de 7.500 escudos aos jovens naquela situação.

Ainda ontem, o plenário iniciou o debate sobre um projecto de lei subscrito pelo PCP, PRD, PSD e PS que

visa a extinção da enfiteuse ou aforamento, a ser votado em próxima sessão.

Parlamento Europeu

Três deputados portugueses no Parlamento Europeu foram ontem eleitos membros de uma comissão especial destinada a coordenar as discussões sobre a concretização do Acto Único Europeu.

Além dos três portugueses, Rodolfo Crespo (PS), Joaquim Miranda (PCP) e Marques Mendes (PRD), integram a comissão mais 11 deputados europeus representando todos os grupos políticos e os presidentes das comissões parlamentares relacionadas com o Acto Único.

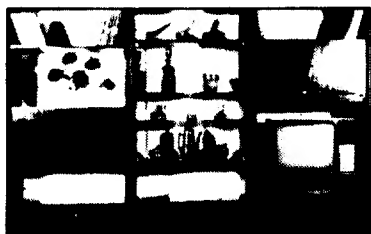
A comissão especial, presidida pelo Presidente do Parlamento Europeu, Henry Plumb, visa coordenar e acompanhar as discussões em curso sobre as propostas da comissão europeia para a concretização do Acto Único. Tais propostas incidem nomeadamente sobre a reforma da política agrícola comum e dos fundos estruturais, o problema dos excedentes alimentares e o financiamento das Comunidades.

GRANDES DESCONTOS

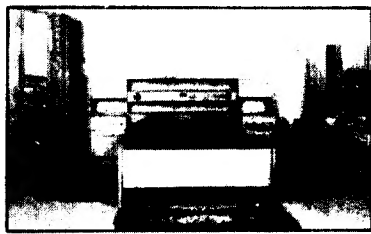
NA



SEM
ENTRADA
SEM
JUROS
DOS 12
AOS 60
MESES



ESTANTE
C/CRISTALEIRA 27 500\$00



QUARTO DE CASAL 29 950\$00

ASSOCIADOS DOS MÓVEIS PICA-PAU e MOVIGRUPPO

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40
ODIVELAS — Fátima: R. Alfredo Ruas, 50-A Pedernais
982 60 54/58 (à Ponte da Bica)

LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 — 530076

LISBOA — Est. Benfica, 174-176 — 780599

AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — 494 5691

QUELUZ — Av. António Enes, 20-B — 952306

ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — 2769001

COVA DA PIEDADE — R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B — 2754952

PAVÃO — Est. Nacional 10, Lote 30 — 2210067

V.F.XIRA — R. Alves Redol, 80-B — 24011

Mem Martins — Rua Chabi Pinheiro, 8 — Tel. 9217294

SETUBAL — R. D. Manuel I, 80 (Frente ao centro Com. Dufe)

BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A — 2077237

ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A — 2582403

LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A — 521384

COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 — 26185

FARO — R. Eça de Queiroz, 2 — 27580

LOULE — R. Ataíde de Oliveira, 18

AGORA SETUBAL
E
MONTIJO

PCP RESPONSABILIZA MDP POR RUPTURA DA APU

O PCP atribui ao MDP «inteira responsabilidade» pela ruptura da APU e considera que tal «é o resultado de importante inversão das posições políticas que os actuais dirigentes impuseram a este partido».

Isto mesmo consta de uma nota do PCP «sobre as decisões do MDP que provocaram a ruptura da APU», resultante de uma reunião da respectiva Comissão Política ontem realizada.

O documento, dividido em três partes — «Um processo de ruptura», «Negociar para não chegar a acordo» e «Prosseguir uma intervenção unitária» — conclui pela afirmação de que o «PCP desenvolveu todos os esforços para salvar a APU». No entanto, prossegue, «o PCP não podia aceitar uma falsa APU, descaracterizada, deformada, impossibilitada de

apresentar listas, reduzida a pequenas ilhas para servir de cobertura a outras alianças do MDP».

Para trás fica o historial do longo processo de negociações há meses encetado pelos dois partidos tendo em vista a reformulação do acordo sobre uma coligação eleitoral que durou dez anos.

Acusações várias fazem os comunistas aos seus ex-parceiros da APU: que o rompimento da coligação «é o deslame de um processo sistémico das posições políticas mais características do MDP»; que tal processo «passou pela adulteração do

chamado «debate interno» que foi conduzido pelos actuais dirigentes do MDP visando pôr em causa a APU e a aliança com o PCP»; que «com este objectivo foram exploradas, exageradas, deformadas e ampliadas as dificuldades da coligação onde existiam ou mesmo inventadas onde não existiam».

Foi o abandono do princípio da universalidade — «concorrência da APU em todo o país, em todas as eleições e em todas as autarquias» — que confirmou ao PCP as intenções dos «actuais dirigentes do MDP»: eles «preparavam objectivamente a ruptura». Negociada esta no sentido de ir «ao encontro de questões levantadas pelo MDP» e «considerada positiva» pelos negocia-

dores deste partido, «foi objecto de novas propostas de alteração por parte do MDP, algumas delas manifestamente inaceitáveis», prossegue a nota da Comissão Política do PCP.

O documento do órgão de cúpula dos comunistas faz uma descrição por menorizada das sucessivas fases de negociação e dos obstáculos e dificuldades que iam surgindo.

Com a questão dos mandatos foi consumada a ruptura: o MDP pretendia que, nas eleições autárquicas, isso fosse resolvido caso a caso. O PCP pugnou pela formulação dos princípios a que deviam obedecer as designações. Para «não deixar novas questões em aberto para o prosseguimento de querelas infundáveis que, entre outras

consequências, iriam conduzir à impossibilidade de apresentação de listas APU», diz a nota.

Nesse sentido, os termos do acordo proposto pelo PCP eram os seguintes: «para os efeitos das designações dos mandatários, que poderão ser membros de qualquer dos dois partidos ou independentes, será considerado como critério decisivo o da sua suficiente disponibilidade para garantir a máxima eficácia e celeridade das operações exigidas para o processo eleitoral. Em caso algum a apresentação de listas pode ser inviabilizada por falta de mandatário. Havendo dificuldades na sua designação, fica o PCP com a responsabilidade de resolvê-la».

Consumada a ruptura, o

PCP salienta que tal constitui «um grande prejuízo para as forças da democracia», mas que «não podia ser cúmplice de um processo de negociação interminável, movido pelo MDP já com o claro propósito de não chegar a acordo, mantido apenas para dentro do próprio MDP conter descontentamentos e sossegar a contestação à nova linha imposta pelos actuais dirigentes e dando-lhes tempo para concretizar os seus objectivos».

Finalmente, o PCP manifesta a sua disposição de continuar a «desenvolver esforços para intensificar o diálogo e a cooperação» com todos aqueles que têm participado na APU.

Professores da Região Centro fizeram manifestação

alunos de Letras em greve

A situação do ensino em Portugal esteve ontem mais uma vez em foco, com um desfile em Coimbra de mil professores dos ensinos Primário, Preparatório e Secundário participantes no Congresso dos Professores do Centro, que decorre naquela cidade. Também os estudantes de Letras se manifestaram com uma greve a nível nacional, sendo uma delegação recebida na Presidência da República.

Cerca de mil professores do ensino Primário, Preparatório e Secundário desfilaram ontem pelas ruas de Coimbra exigindo uma «escola de sucesso» e um «ensino dignificante».

Aqueles docentes, que participam no Primeiro Congresso de Professores do Centro, a decorrer em Coimbra, entregaram uma moção na Delegação Regional do Ministério da Educação, em que acusavam o ministro João de Deus Pinheiro de «preparar medidas lesivas para os docentes».

«Como é hábito nesta época, em que os professores se encontram desmobilizados devido às avaliações finais, o ministro prepara-se para representar uma farsa nacional e fazer publicar diplomas vitais como o estatuto da carreira docente da educação pré-escolar e especial do ensino básico e secundário», afirmam.

Insucesso escolar

O ensino primário nos seis distritos da Região Centro tem um índice de insucesso escolar que oscila, na primeira fase, entre 35 e 45 por cento, afirmou a docente Elsa Pinto, que falava no Primeiro Congresso dos Professores da Região Centro.

Aquela docente acrescentou que na segunda fase do ensino primário o insucesso vai de 24 a 34 por cento, sendo os distritos de Viseu, Guarda e Castelo Branco os mais afectados.

Elsa Pinto disse ainda que nos graus do preparatório e secundário o insucesso escolar regista uma taxa mínima de 17 por cento e uma taxa máxima de 25 por cento.

A docente atribuiu o insucesso escolar a condições económicas precárias dos alunos, ao desemprego, ao baixo nível cultural e à falta de condições de trabalho para os professores e de instalações escolares.

O presidente do Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC), Linhares de Castro, apontou como objectivos do Congresso «a sistematização possível do enquadramento social, político e económico da região e o levantamento das carências e problemas com que se debatem os professores da área».

«Só poderemos cumprir cabalmente a missão de ajudar a crescer se soubermos onde estamos e porque estamos», disse Linhares de Castro.

Para o presidente do Sindicato, «os professores já não são máquinas de dar aulas pagos para debitar conhecimentos que tanto podem ser transmitidos em Coimbra como na Nigéria».

Linhares de Castro disse que questões como a colocação de professores e o insucesso escolar devem ser balizadas rigorosamente pelos problemas sociais da região, nomeadamente pelos obstáculos levantados pela emigração, com forte incidência nos distritos interiores da região centro.

Salientou ainda que a região, que classificou de «vasto mosaico» de 77 municípios e 1.100 freguesias, atinge 26 por cento da superfície do continente e representa 19 por cento da população nacional.

Estudantes de Letras na Presidência da República

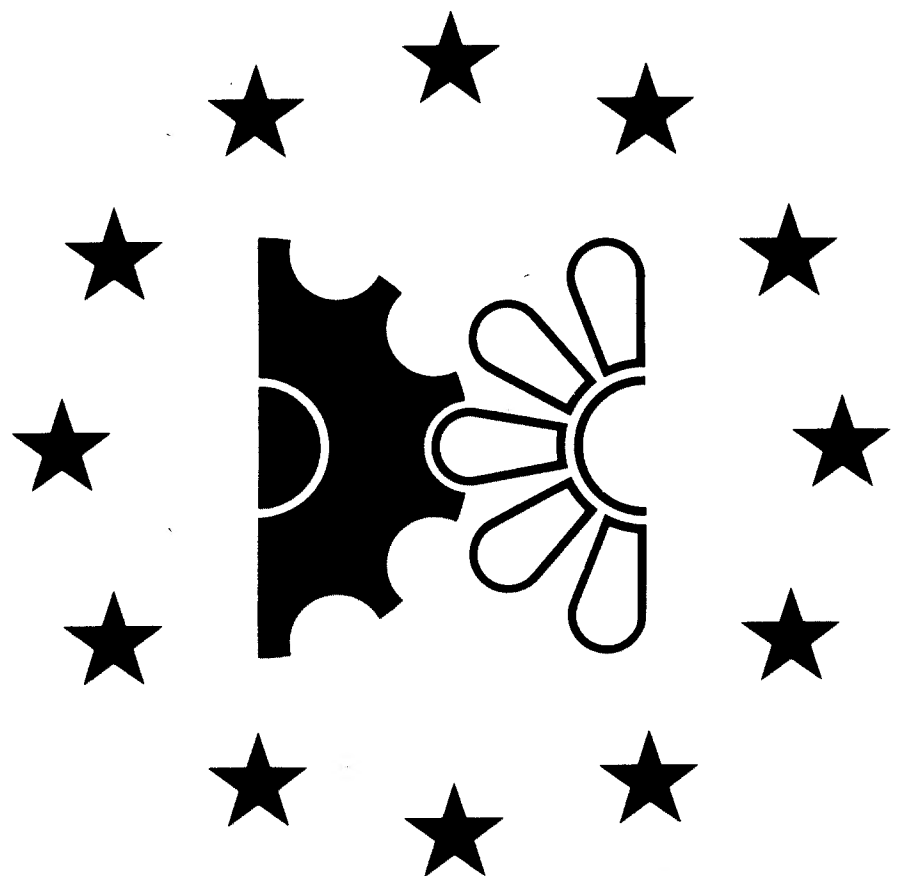
Entretanto, também os estudantes de Letras se manifestaram ontem, com uma greve nacional de 24 horas, acabando com uma delegação a ser recebida na Presidência da República, segundo informou um dirigente estudantil.

Manuel Lof, que fez parte da delegação de estudantes, disse à Lusa que os estudantes comunicaram ao assessor do Presidente da República para as questões da juventude, José Manuel dos Santos, que poderão «ser forçados a recorrer à arbitragem do Presidente da República, na sua eminente função de criador de consensos nacionais, no problema da reestruturação das Faculdades de Letras».

Os estudantes, que pretendem novos cursos de Letras com saídas profissionais e a abolição do Numerus Clausus nos anos terminais de formação de professores, exigem o diálogo directo com o ministro da Educação.

Os representantes dos estudantes frisaram que actualmente o único diálogo que lhes é possível com o Ministério «é através da Comunicação Social e da opinião pública».

Antes desta audiência, o Presidente da República recebeu uma delegação da Associação de Estudantes de Letras do Porto que o convidou a presidir a uma sessão de homenagem ao professor Oscar Lopes, que se realiza em Maio.



ANO EUROPEU DO AMBIENTE

mais puro melhor futuro

A Natureza é o símbolo da harmonia e do equilíbrio.

De um mundo belo e harmonioso o homem foi fazendo um outro mundo à sua medida.

Nem sempre bonito. Nem sempre equilibrado.

E bom crescer sem destruir.

Não mais conflitos entre o Homem e a Natureza. Preservar, defender o Ambiente é um dever de cada um.

E todos têm um papel a desempenhar.

O Ano Europeu do Ambiente é hoje.

É amanhã. São todos os dias do futuro.

CAMINHOS-DE-FERRO DE BENGUELA: O COMBOIO DOS REFORMADOS ANDA COM SETE MESES DE ATRASO

Desde Agosto que os reformados da Companhia dos Caminhos-de Ferro de Benguela, hoje residentes em Portugal, não recebem as suas pensões de subsistência. São cerca de 1800 os reformados nesta situação, debatendo-se com privações que ninguém procura justificar. Na maioria dos casos trata-se de pessoas que têm estas pensões de reforma como única fonte de subsistência para si e as suas famílias, ao todo 3000 retornados de Angola que estão a conhecer já o desespero.

Contactada a instituição que até há sete meses garantia o pagamento das reformas destes antigos trabalhadores dos caminhos-de-ferro de Benguela, a dependência no nosso País da Caixa de Previdência do Pessoal daquela companhia, com sede no Lobito, em Angola, foi recusado qualquer esclarecimento da situação.

O mesmo aconteceu quando o «DL» procurou falar com responsáveis da própria empresa. O silêncio mais absoluto, já sabíamos, era a regra do jogo neste caso.

Mantivemos uma conversa telefónica com Celeste Filipe, procuradora da Caixa de Previdência angolana em Portugal, que só aceitou responder às perguntas do repórter se este as escrevesse e mandasse por carta. «Não sabia que os angolanos não gostam que falem deles?!», disse-nos mesmo.

Foi junto ao Centro Nacional de Pensões que ficámos com uma panorâmica do que se estará a passar. Acontece que antes da descolonização as instituições de Previdência existentes em África não confluíam numa caixa como com as do rectângulo português.

Não existia qualquer tipo de integração, pelo que tais Caixas se definiam como entidades

com estatuto privado.

Havia ligações com a nossa Previdência, naturalmente, até porque esta era accionista nessas Caixas privadas. Depois, com a independência de Angola, estas ligações também desapareceram e o distanciamento tornou-se mais profundo.

As circunstâncias, no entanto, determinaram que um vínculo sobrasse: os trabalhadores portugueses que residiram em Angola e voltaram posteriormente a Portugal, reformados, tinham de receber as suas pensões, pagas por quem os empregou.

O problema é de evidente melindre, e isso foi-nos constantemente lembrado à medida em que procedíamos às nossas investigações. Implicadas, à partida, as relações entre dois países soberanos, e por isso mesmo muito do que rodeou a transacção das reformas, teve necessariamente de passar pelo nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros, e ainda pelo das Finanças.

Complicações processuais

Ao que referiu ao «DL» uma fonte abordada

no primeiro daqueles ministérios, os atrasos nos pagamentos das mil e oitocentas pensões de reforma e sobrevivência dever-se-ão a complicações processuais burocráticas nascidas precisamente em Angola, encontrando-se neste momento o Ministério dos Negócios Estrangeiros a envidar esforços para que a situação se resolva em breve.

Os reformados dos caminhos-de-ferro de Benguela que têm procurado saber no que os afecta foram até agora recebidos com evasivas. Nos próprios escritórios em Lisboa da Caixa de Previdência do Pessoal que serviu em Benguela sabe-se muito pouco, tal como aliás, na sucursal da companhia.

Informou-nos uma fonte aí contactada, porém, que reside tudo num problema de transferência de Angola para Portugal do quantitativo necessário para o pagamento das pensões.

A questão, seja como for, parece ultrapassar de todo a própria Companhia dos Caminhos-de-Ferro de Benguela, pois tem que ver única e exclusivamente com a sua Caixa de Previdência, dirigida no Lobito por Clófas Silige, presidente do seu Conselho Geral, e Bernardo Brás da Silva, presidente da direcção.

Em Portugal, ao que apurámos, tem-se insistido nos inconvenientes vários que a situação acarreta em si, mas como resposta afirmam sempre do Lobito terem sido aprovadas medidas tendentes à sua próxima superação.

Porém, há meses que os responsáveis angolanos o vêm fazendo e alguns duvidam já dessa viabilidade, entre mil e oitocentas famílias que, por isso, passam mal.

Mário Castrim



Começarei hoje a contar algumas histórias do tio Símplio. Mas antes vou dizer quem é o tio Símplio.

O tio Símplio é um tio que mora para o interior, onde não existe electricidade. Aproveita as vindas a Lisboa para ver televisão e a sua melhor crítica são as ricas sonecas que faz diante dela.

Não a vendo muito, o tio Símplio ouve muito falar dela. Daí que a sua pobre cabecinha esteja cheia de confusões, por vezes embrulhadas no papel de prata do bom-senso e da boa-fé.

Há dias, diante de um programa a decorrer na Estufa Fria, o tio Símplio comentou:

— Já ouvi falar disto. Isto pelos modos deve ser a floresta do Amazonas.

Noutra ocasião, era um documentário que mostrava a vida em certas aldeias da província: sem médicos, sem remédios, sem estradas. Comentário do tio Símplio.

— Assim mesmo! Só quem vive no Terceiro Mundo é que sabe o que custa!

Tio Símplio janta muito cedo. Às sete horas, é aquela conta. O telejornal afluente-o muito, com o seu cortejo mórbido de mortes, atentados, desastres. Há dias, porém, fui dar com ele a rir à gargalhada, diante de um ministro que discursava com grandes palavras e grandes gestos.

— Isto é que o diacho do homem tem uma graça! — comentou.

Ó tio, qual homem?

— Então este não é o Herman José?

Quando morreu Joaquim Namorado, protestava eu contra a pobreza da notícia:

— Era poeta, tio!

— Ai era?

— E foi um resistente, um patriota, um democrata!

Meditação do tio Símplio:

— Então aí tens. Foi por isso... Na quarta-feira assistimos ao jogo ente Portugal e a Grécia. O tio Símplio lá ia bebendo o chá deerva cidreira, de que veio fartamente prevenido, sem tirar os olhos do televisor. E a certa altura, vencendo alguma timidez:

— Ó filho, isto não é o que chamam agora de snooker?...

ARTIGO DE FUNDO

Crime da Marinha Grande

Isabel Maria foi morta a tiro

Os resultados da autópsia ao corpo de Isabel Moreira revelam que foi vítima de um tiro no abdómen, provocando-lhe a perfuração de órgãos vitais, disse um funcionário da morgue do Hospital de Pombal.

No corpo de Isabel Moreira, uma das sete vítimas do «crime da Marinha Grande», foram encontrados seis bagos de zagalote (chumbos normalmente utilizados em espingardas caçadeiras) — acrescentou a mesma fonte.

O tiro que atingiu Isabel Moreira provocou-lhe a perfuração do coração, pulmões, intestinos e estômago.

A autópsia, que demorou cerca de três horas, foi feita por um médico legista do Tribunal de Pombal.

O funeral de Isabel Moreira saiu do Hospital de Pombal cerca das 18h00 para o cemitério de Almalagues, em Coimbra.

Interrompido o julgamento das FP-25

O julgamento das FP-25 de que é réu Otel Saraiva de Carvalho vai estar uma semana interrompido para que o Tribunal decida dos requerimentos de reformulação dos quesitos apresentados por acusação e defesa.

A suspensão da audiência, a decorrer no Tribunal de Monsanto, até à tarde de sexta-feira da próxima semana, foi anunciada pelos juízes após uma sessão ocupada pelo Ministério Público a rebater as sugestões de alteração e aditamento aos quesitos pela defesa.

Na próxima semana, o Tribunal pronunciar-se-á sobre as pretensões das duas partes quanto a este trâmite processual, decisivo para a estruturação da sentença.

Ainda o caso do Hospital D. Estefânia

Os pais querem saber de que morreu a filha

Os pais de Carla Sofia Rebelo, falecida domingo, no Hospital de S. José, disseram hoje que vão recorrer judicialmente para ter acesso ao relatório da autópsia realizada no Instituto de Medicina Legal.

Os pais, Paulo Rebelo e Fátima Rebelo, que requereram a autópsia foram informados pelo Instituto de Medicina Legal que deveriam «arranjar um advogado» para ter acesso ao relatório.

Com o objectivo de apurar as circunstâncias em que terá ocorrido a morte de sua filha, assistida no Hospital da Estefânia, o casal, que considerava ter havido «negligências» contratou o advogado Pedro Sá Nogueira.

Paulo Rebelo, em declarações à Agência Lusa, referiu que a certidão de óbito que acompanhava Carla Sofia, de 9 anos, apontava como causa da morte «febre tifóide», se-

guido de um ponto de interrogação.

Acrescentou estar «a tentar encontrar uma pessoa que no dia do velório na igreja dos Jerónimos viu um papel num dos sapatos da Carla que dizia morte por sufocamento cardíaco».

Contactado o Instituto de Medicina Legal, os responsáveis alegaram segredo de Justiça e informaram que os resultados da autópsia foram enviados à Polícia Judiciária que, afirma «não ter ainda recebido quaisquer relatórios».

Paulo Rebelo disse que a sua filha, acometida de fortes dores de cabeça e febre elevada, recorreu ao Hospital da Estefânia quatro vezes e uma vez ao Hospital de Oeiras.

Acrescentou que os médicos hospitalares foram sempre coincidentes na apreciação da doença da filha: «febre arrastada que passa com su-

positórios».

Paulo Rebelo que regressara recentemente de França, onde trabalhava, lamentou a forma como foi atendido, com informações rápidas e pouco explicativas e ainda as longas esperas a que foi obrigado, nomeadamente em Oeiras onde aguardou cerca de duas horas para ser atendido.

Os pais de Carla Sofia, que têm outro filho, disseram estar a reunir todas as provas documentais «para levar o caso até às últimas consequências».

O responsável pelas Relações Públicas do Ministério da Saúde referiu que o caso está a ser, «como habitualmente, seguido pela Inspeção-Geral dos Serviços de Saúde que nomeará nova investigação, caso o actual inquérito a decorrer por ordem do conselho de gerência do Hospital da Estefânia, «for inconclusivo».

Produto de cooperação intermunicipal

NOVO ATERRO SANITÁRIO E TRATAMENTO DE ÁGUAS SERVIRÃO SEIXAL E ALMADA

UM aterro sanitário no vale de Milhaços será realidade próxima após um protocolo de exploração conjunto ter sido firmado ontem entre as Câmaras Municipais do Seixal e de Almada.

O novo aterro, para a efectivação do qual decorrem já os trabalhos necessários, localizar-se-á na Quinta de Valadares, em vale de Milhaços, ocupando uma área de 50 000m², alternativa para o actual aterro, em vias de esgotamento.

Os custos de exploração do aterro sanitário intermunicipal serão suportados na proporção de 2/3 para a Câmara de Almada e 1/3 para a do Seixal, assim como os do seu parque permanente de máquinas.

Também um acordo para elaboração do projecto, construção e exploração de uma futura estação de tratamento de águas residuais na Quinta da Bomba, em Corroios, junto ao Estaleiro do Seixal, foi ontem à tarde assinado

pelos presidentes camarários de Almada e do Seixal, José Martins Vieira e Eufásio Filipe Garcez José, respectivamente.

Como cenário para a cerimónia, desenvolvido perante a Imprensa, esteve o Moinho de Maré de Corroios, recuperado e transformado em ecomuseu. A estação de tratamento de águas resolverá muitos dos problemas da poluição no Tejo, tendo-se adjudicado os estudos para o efeito à Drena, firma consultora para questões de saneamento dos Serviços Municipalizados de Almada.

Os estudos serão elaborados em várias fases. Em primeiro lugar far-se-á a recolha e análise de elementos de base, de seguida o projecto de execução do emissá-

rio afluente e um cálculo hidráulico sanitário e, por fim, as medições e orçamentos.

Um levantamento prévio terá que ser levado a efeito, de modo a avaliar o impacto no sapal do lançamento de caudais residuais. As verbas necessárias serão suportadas em partes iguais por ambos os municípios, esperando estes um contributo dos fundos comunitários, por meio do Feder, que tarda em chegar apesar de a região ser dada como prioritária.

As obras que se vierem a verificar, por sua vez, serão custeadas pelos dois concelhos proporcionalmente à população a servir. Também a gestão do equipamento será assumida pelas duas partes em termos de paridade.

O aterro sanitário e a estação de tratamento de águas residuais decorrem de uma perspectiva integrada, com o objectivo de resolver os problemas que derivam da falta de cobertura de sanea-



mento básico no Seixal.

Outros projectos são, por exemplo, a remodelação das redes de abastecimento de água a Paio Pires, Amora, Seixal e Corroios, um reforço de abastecimentos nos depósitos de Santa Marta de Corroios e Murtinheira e ainda nos centros do Casal do Sapo, em Arrentela, e de Belverde, para além do sistema hidropressor

para os Foros de Amora, Bonfim e Fanqueiro. Previstas ainda as instalações de algumas redes de esgotos e remodelações de redes de saneamento. Tais projectos, no entanto, não foram incluídos nos formulários apresentados pelo Governo à Comissão da Comunidade Europeia, para análise e possível financiamento pela CEE.

Autarquias da Madeira Programa

de reequilíbrio financeiro está atrasado

Dificuldades nos contactos com as instituições de crédito estão a atrasar a assinatura do Programa de Reequilíbrio Financeiro de 80 por cento dos Municípios madeirenses.

Em declarações à agência Lusa, o secretário Regional do Plano revelou que o Programa, que já foi publicado no «Diário da República», permitirá o pagamento das dívidas de 80 por cento das Câmaras Municipais da Região Autónoma da Madeira, e prevê a abertura de uma linha de crédito de sete milhões de contos.

Por outro lado, o Ministro da República para a Madeira, Lino Miguel, concluiu agora uma série de contactos com instituições de crédito relacionadas com o protocolo para os Municípios, revelou o secretário Regional das Finanças.

Este responsável adiantou, ainda, estarem a ser desenvolvidas diligências com vista à constituição de um consórcio bancário que viabilize a assinatura do programa.

Câmara de Baião já protestou

Falta de declaração de rendimentos levou à detenção de autarca

Um vereador da Câmara Municipal de Baião esteve detido durante cinco horas pela Guarda Nacional Republicana, em Fevereiro, por não ter apresentado a tempo a declaração de rendimentos a que estão obrigados os titulares de cargos políticos, o que já motivou um protesto daquela edilidade.

Joaquim Amorim Gomes, vereador social-democrata de Baião, desde Janeiro de 1986, foi detido em finais de Fevereiro pela GNR no cumprimento de um mandato de captura emitido pelo Juiz do Tribunal de Lamego.

O autarca foi interpelado junto à sua residência, em Santa Marinha do Zêzere e depois conduzido ao Tribunal de Lamego onde, cinco horas depois, prestou declarações ao Juiz.

De acordo com a versão do vereador da Câmara Municipal de Baião, quando na altura tomou posse não havia impressos disponíveis para a declaração de rendimentos, e mais tarde, por esquecimento, não enviou a declaração

quando chegaram os documentos.

Entretanto, e perante esta falta, o Tribunal de Lamego terá enviado ao autarca um aviso registado, indicando o dia 16 de Janeiro como data para prestar declarações na Casa de Justiça de Baião, mas Joaquim Amorim Gomes sublinha não ter recebido tal notificação, e, segundo revela na sua edição de hoje o «Repórter do Marão», as estações locais dos Correios não registam qualquer troca de correspondência entre estas duas entidades.

De acordo com o vereador, em início de Fevereiro recebeu um outro postal emitido pelo Tribunal de Lamego, mas a funcionária que então

o atendeu disse não encontrar qualquer processo em seu nome e sem mais rasgou o postal à sua frente.

«Violação do Poder Local»

Perante estes acontecimentos, o executivo da Câmara Municipal de Baião aprovou, por unanimidade, um protesto enviado ao primeiro-ministro, ministro da Administração Interna e secretário de Estado da Administração Autárquica, expressando «o mais vivo repúdio pela atitude inqualificável traduzida na prisão do vereador Joaquim Amorim Gomes».

No texto, também enviado à Associação Nacional dos Municípios Portugueses, a autarquia requer providências no sentido «de ser feita uma reparação moral ao vereador atingido, bem como a toda a Câmara Municipal de Baião».

Numa iniciativa conjunta com a DECO

Carris vai ter caixas para reclamações

Numa iniciativa conjunta com a Associação de Defesa do Consumidor e a Carris, vão ser colocados em Lisboa, nos principais postos de venda de bilhetes e passes daquela transportadora, caixas para reclamações.

A cerimónia simbólica de inauguração destas caixas, que estão a ser colocadas em Sapadores, Sete Rios, Areeiro, Alvalade, Praça do Chile.

Largo do Rato e Praça da Figueira, decorrerá no próximo domingo pelas 11 e 30, nesta última estação, no mesmo dia em que se celebra o Dia Mundial do Consumidor.

De acordo com a Carris, o objectivo destas caixas não é apenas que os utentes reclamem, mas fundamentalmente, que apresentem sugestões para a melhoria dos transportes, nomeadamente

no que diz respeito a alterações de carreiras e novos locais de paragens. Para a DECO, trata-se de uma oportunidade de centralizar os dados necessários para a elaboração de um caderno reivindicativo a nível nacional sobre os transportes públicos, que deverá ser entregue ao ministro da tutela no princípio do próximo mês de Abril.

Clube Português de Imprensa



Prémios de Jornalismo/86

Prémio de Reportagem — valor 300 000\$00

Prémios de Foto-Reportagem — valor 150 000\$00

Apoios — EPNC, PRESSELIVRE, RENASCENÇA GRÁFICA, SOJORNAL, PROJORNAL, EMPRESA DO JORNAL NOTÍCIAS SARL, INTERPRESS, VASP, IMPRENOVA, SELECÇÕES DO READER'S DIGEST, direcção-geral da comunicação social

Prémio Europa — valor 500 000\$00

1 viagem a Bruxelas com visita à sede da CEE
Edição em livro do trabalho premiado

(Texto original sobre a adesão de Portugal às Comunidades, com o mínimo de 120 páginas dactilografadas)

Apoios — CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS E COMUNIDADES EUROPEIAS

Prazo de entrega — 31 de Março

Prémio Ensaio — valor 250 000\$00

(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas)

Apoio — PRESSELIVRE

Prazo de entrega — 31 de Março

Farmácias muito próximas da greve

Em plenários a realizar durante a próxima semana, os trabalhadores das farmácias vão decidir que fazer para obrigar a associação patronal do sector a aceitar uma revisão justa do contrato, cujo clausulado geral não é revisado há 11 anos. Na negociação de revisão do contrato, à terceira reunião, a A. N. de Farmácias apresentou uma proposta que considerou definitiva e que propunha um aumento salarial de 12% aplicável apenas à tabela salarial e ao subsídio de almoço. As associações sindicais não aceitaram e requereram a conciliação.

O salário médio nas farmácias privadas ronda os 35 mil escudos, enquanto nas farmácias da administração pública é 30 a 40% superior. Este é um dos poucos sectores de serviços que ainda trabalha 44 horas semanais. Reivindicam-se 40 horas semanais, com 2 dias de descanso semana, reivindicação que individual e generalizadamente o patronato aceita mas que a A.N.F. rejeita.

As batatas de trabalho são encargo do trabalhador e o subsídio de almoço no sector mantém-se ao nível baixíssimo de 120 escudos.

«Não é mais possível aceitar que num sector que negocia mais de 50 milhões de contos e que garante lucros superiores a 20%, os grandes «empresários dos remédios» insistam em manter os trabalhadores das farmácias em situações sociais tão injustas», comentou a Federação dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços.

Por intransigência negocial

DETERIORA-SE O CLIMA LABORAL NA TABAQUEIRA

As 17 sessões de negociação do acordo de empresa na Tabaqueira, que consumiram, desde Janeiro, 51 horas de intensa discussão entre os representantes patronais e o Sindicato dos Tabacos, apenas produziu até hoje uma melhoria mínima de 0,38 por cento em relação à proposta inicial da empresa.

Inclusiv, perante o impasse em que a negociação caíra, os trabalhadores, para forçarem o Conselho de Gerência a retomar as discussões, foram obrigados a realizar uma vigília à porta do edifício da administração, horas e horas, até serem recebidos. Isso aconteceu na quinta-feira passada e, não

obstante o compromisso assumido por um membro do Conselho de Gerência de que a empresa ia rever a sua proposta e tentar aproximá-la das pretensões dos trabalhadores, a sessão que se realizou posteriormente apenas confirmou o malogro total do esforço de aproximação de posições.

A Tabaqueira detém o monopólio da produção e distribuição de tabaco em Portugal e realizou, no ano passado uma vez mais, milhões de contos de lucros. A vida desta empresa pública é tão desafiada que o Conselho de Gerência, antes de se iniciar o processo de negociação do acordo anual, falou em pas-

sarem a ser pagos «salários a caminho da CEE». Mas quando se passou à prática, o que se confirmou, foi o bloqueio total das negociações, não por falta de disponibilidades da Tabaqueira mas por obediência cega às orientações do Governo sobre o tecto salarial conveniente para o ano em curso.

Assim, os trabalhadores apresentaram uma proposta de revisão salarial que contemplaria aumentos de 17,5 por cento, ao que o Conselho de Gerência contrapôs, como oferta fechada, aumentos de 11,8 por cento da tabela salarial e 9 por cento no restante clausulado de incidência pecuniária. Depois

disso e apesar das 51 horas gastas em 17 sessões de negociação, o máximo que se alterou foi a percentagem mínima já referida.

A Tabaqueira tem actualmente 1.500 trabalhadores efectivos e 231 contratados a prazo. A estes devem juntar-se os 222 trabalhadores, todos contratados a prazo, na subsidiária Agrotave, que controla os centros de processamento do tabaco.

Aliás, ultimamente a empresa tem seguido uma política de reformas antecipadas (mais de 500 desde 81) e substituição dos trabalhadores indispensáveis reforma dos por contratados a prazo.

O clima na Tabaqueira está a deteriorar-se, nesta situação, até porque, de facto, o Conselho de Gerência sente a necessidade de praticar os tais salários a caminho da CEE. Simplesmente isso só é válido para alguns. Concretamente, no ano passado, foram distribuídos mais de 30 mil contos, em «surdas», por 52 funcionários da empresa tendo essa meia centena recebido entre cem e três mil contos cada.

Agora, quando se trata de remunerar o conjunto dos trabalhadores, o Conselho de Gerência faz finca-pé em aumentos salariais que o Sindicato dos Tabacos garante não poder aceitar.

Para avaliar crise da Indep

Reclamada nomeação de comissão de inquérito

A nomeação de uma comissão parlamentar de inquérito às causas da crise na empresa pública Indep-Indústria de Defesa foi reclamada ontem num debate que reuniu em Lisboa deputados, gestores, técnicos e trabalhadores do sector.

A nomeação da comissão foi justificada com a crise que a empresa atravessa e as repercussões que tem para o sector em geral e consta de uma moção em que também é solicitada ao Governo a indicação dos meios humanos e materiais para a Indep sair do impasse.

O debate, promovido pelo Sindicato dos Industriais Metalúrgicas e Afins (SIMA), contou com a participação, entre outros, do presidente da Comissão Parlamentar de Defesa, Jaime Gama, do presidente Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais, Álvaro Vasconcelos, e o co-

ronel Baptista e Silva, do Instituto de Defesa Nacional.

Em declarações à Lusa, José Simões, secretário-geral do SIMA, disse que, na perspectiva do sindicato, a indústria de armamento «tem sempre de ser subsidiada pelo Estado, mas de vez em quando a encontrar formas para diversificar os seus fabricos, designadamente para a parte civil».

O mesmo sindicalista defendeu ainda que as empresas não podem viver à base da

existência de guerras e contrabalançar os seus fabricos antiquados com preços mais baixos por via da utilização de mão de obra barata.

Depois de imputar a crise da Indep à falta dessa perspectiva quer por parte da sua administração, quer do Governo — o que explica a existência, pela primeira vez, de salários em atraso —, José Simões atribuiu a crise do sector «ao mau trabalho» da empresa, mas re-

cusou que a sua superação se já feita à custa de despedimentos.

Nas conclusões do debate é referido também que a indústria nacional de defesa, como a indústria nacional em geral, padece de fraco nível tecnológico, dependência do exterior em matérias-primas e componentes, descapitalização das empresas e investimento nulo ou insuficiente na pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.



Associação de Cegos

«LUIZ BRAILLE»

Lista dos Prémios do Sorteio Realizado em 18/12/86

- | | | |
|------------|---|-------------|
| 1.º Prémio | — Esc. 2000 000\$00 em Libras de Ouro | N.º 688 474 |
| 2.º | — Um automóvel OPEL, mod. Kadett 1.3, 3 portas LS e uma tenda de Campismo Combi-Camp, Mod. Suzy | N.º 009 823 |
| 3.º | — Um automóvel OPEL, mod. Kadett 1.3, 3 portas LS | N.º 078 463 |
| 4.º | — Um automóvel OPEL, mod. Kadett 1.3, 3 portas LS | N.º 407 132 |
| 5.º | — Um automóvel OPEL, mod. Kadett 1.3, 3 portas LS | N.º 659 293 |
| 6.º | — Um Atrelado-Tenda Combi-Camp, mod. Easy 2 | N.º 323 757 |
| 7.º | — Um Atrelado-Tenda Combi-Camp, mod. Easy 1 | N.º 923 577 |
| 8.º | — Um Atrelado-Tenda Combi-Camp, mod. Júnior | N.º 622 402 |

TODOS OS NÚMEROS, CILIOS E ALGUNS FILIAIS SEJAM IGUAIS AOS DOS 7 PRIMEIROS PRÉMIOS. SERÃO CONTEMPLADOS COM UM RÁMIO-RELÓGIO COM DESPERTADOR, Mod. Sono-Clok 120, BRUNING.

NO VALOR DE ESC. 12 100\$00

O Grill

QUINZENA DA LAMPREIA

De 8 a 22 de Março de 1987
Venha saborear a tradicional Lampreia do Minho, confeccionada segundo antigas tradições populares. A sua mesa os excepcionais vinhos da Região.

Aconselhamos reserva de mesa.
De 2.ª feira a Sábado — aos Jantares Domingos — ao Almoço

Colaboração de D. Graça Cardoso e dos Restaurantes
«Solar do Lila» de Monção e «Solar dos Presuntos» de Lisboa.

hotel estoril-sol
**** Telef. 282831 — CASCAIS



ASSOCIAÇÃO DO NORDESTE

TRANSMONTANO

Calçada da Estrela, 99-1.º Esq.
1200 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do estatuto e Regulamento Interno da ASSOCIAÇÃO DO NORDESTE TRANSMONTANO, convoco a Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 21 de Março de 1987 a partir das 14.30 horas na Sede da Associação na Calçada da Estrela, 99 - 1.º, Esq. em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações;
- 2 — Discussão e votação do Relatório e Contas de 1986;
- 3 — Alteração do Art.º 4.º & 2.º e Art.º 9.º do Regulamento Interno;
- 4 — Plano de Actividades para 1987;
- 5 — Eleição dos corpos gerentes para o biênio 1987/88.

Se à hora marcada a Assembleia não puder funcionar por falta de quorum, terá início uma hora depois com qualquer número de presenças.

Lisboa, 5 de Março de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
João Avelino da Cunha Serra

ALVERCA

FERNANDA OLIVEIRA VELOSO LOPES

Por este meio e na impossibilidade de o fazer individualmente, a família agradece reconhecida os testemunhos de solidariedade que lhe foram prestados pelo falecimento da sua querida Fernanda, no dia 9 de Março.

Devido à greve na CP

Circulação de comboios afectada na 2.ª feira

As greves sectoriais e por turnos na CP devem produzir, já na segunda-feira, efeitos directos sobre a circulação de comboios sendo previsíveis dificuldades acrescidas, principalmente, no acesso a Lisboa, mas também noutras zonas da rede ferroviária.

As paralisações marcadas para segunda-feira abrangem o primeiro período de trabalho de cada funcionário nas estações, condução de ferrovia, via fluvial, trens e revisão.

Será particularmente afectada, dependendo do grau de adesão à greve, a circulação de composições nas linhas de Sintra, Cascais e da Zona Sul e os barcos de e para o Barreiro.

Vai ser adjudicado o reforço da rede de água do Fundão

Independentemente dos mil e um problemas e anseios das 29 freguesias que constituem o município do Fundão, há na sede do concelho uma situação latente de ruptura no abastecimento de água.

Todos os anos pelo Verão a questão se agudiza, com o abastecimento racionado e dias e dias em que tomar banho é uma aventura e beber um copo de água a certas horas chega a ser uma proeza.

Com o avanço, mesmo a passo de tartaruga e entre boicotes vários dos grupos de pressão regionais com influência no Governo, do Regadio da Cova da Beira e a conclusão das barragens da Capinha e da Meimóia, tornou-se possível atacar o problema com uma solução de longo prazo. É o que está a ser feito, com a iminente adjudicação da obra.

Essa é a principal obra a realizar neste concelho da Cova da Beira durante os próximos anos. Segundo nos informou o Presidente da Câmara, Manuel Lambelho Ramos, optou-se por um projecto global de abastecimento à sede do concelho e a mais 14 freguesias, pois os caudais disponíveis na zona do Regadio assim o permitem. Serão beneficiadas as freguesias da vertente Norte da Gardunha, até Lavacinhos, e do outro lado, Alcaide, Donas, Chãos e outras.

Prevê-se que, no próximo Verão, o Fundão já estivesse abastecido a partir da barragem da Meimóia, pela ribeira da Meimóia e com uma estação de tratamento provisória. Só mais tarde se poderá ligar a rede à barragem da Capinha, então já com a estação definitiva de tratamento. O conjunto do projecto levará, no entanto, vários anos a executar.

A primeira fase, muito mais rápida, para acudir ao drama dos verões fundanenses, concorreram três construtores, cujas propostas foram abertas no início desta semana e vão agora ser apreciadas, com urgência, pelos Serviços Técnicos da Câmara.

O conjunto da obra vai custar entre 800 e 900 mil contos. A primeira fase, que se pretende concluída até ao Verão e que interessa também às freguesias ligadas à rede de abastecimento do Fundão, importa em cerca de 150 mil contos.

«Já há cerca de 40 anos se anda a falar do abastecimento de água ao Fundão—comentou Manuel Ramos ao DL—e foi esta Câmara que fez aprovar um projecto que aí estava e que desencadeou todo o processo para tornar os sonhos em realidade. O passo irreversível foi dado, no entanto, pela Câmara anterior com a aprovação da estação de tratamento na Capinha».

O financiamento da obra conta com um empréstimo alemão de 200 mil contos e participações estatais e comunitárias.

Até 15 de Abril deste ano

"DIALAP" QUER REDUZIR PESSOAL

A «Dialap» — Sociedade Portuguesa de Lapidagem de Diamantes — está a propor aos seus trabalhadores condições para a cessação do contrato individual de trabalho por mútuo acordo — apurou o «DL» junto de meios sindicais da empresa. A empresa promete pagar àqueles trabalhadores que aceitarem rescindir o seu contrato de trabalho por mútuo acordo, até 15 de Abril, o valor correspondente ao produto da sua retribuição mensal ilíquida pelo número de antiguidades e uma bonificação por antiguidade, entre cinco a 14 meses, neste último caso desde que o trabalhador tenha dezoito ou mais anos de casa.

A maioria do capital social da «Dialap» é do Instituto de Participações do Estado (85 por cento), estando a actual administração da empresa à sua frente há cerca de onze anos. Nos últimos treze anos houve apenas

uma greve de um dia em 4 de Fevereiro de 1984 e uma paralisação de duas horas nos anos oitenta. Há mais de dois anos que os sindicatos não conseguem negociar um acordo de empresa com a gerência da «Dialap», cujo quadro de trabalhadores é de 436. No entanto, soube também o «Diário de Lisboa», a administração operou alguns aumentos entre Janeiro de 1985 e Junho de 1986, mas fê-lo discriminatariamente, à revelia de qualquer contratação colectiva de trabalho eventualmente negociada.

A administração da «Dialap» quer reestruturar a empresa — como diz —, mas a expensas dos trabalhadores, reduzindo o seu quadro. Segundo ela, para assegurar a sua «viabilização económica». É a própria administração que o salienta numa circular a que tivemos acesso: «(...) a administração entende não dever protelar por mais tempo (...) que

determina a imperiosa necessidade de se adoptarem medidas que promovam rápida e eficazmente a sua viabilização económica». Isso passa — na sua óptica — pelo quadro de pessoal, que está sobredimensionado, «acusando a sua estrutura desequilibrada e disfuncionalidades evidentes», acrescenta.

A célula do PCP da «Dialap» sustenta que os trabalhadores não têm culpa da actual situação — um eventual prejuízo de 33 500 contos, segundo a administração — e pergunta se a pretensão de reduzir para metade os seus trabalhadores resolverá o problema. O PCP pergunta ainda se a administração se pretende substituir aos tribunais e à Assembleia da República na retirada de direitos e regalias adquiridos por força de lei, lembrando também que os «trabalhadores nunca reivindicaram salários que não

fossem compatíveis com a subida do custo de vida».

A previsão da dívida de 33 500 contos, segundo a administração, é posta em dúvida pelos comunistas, os quais dizem ser mentira que a empresa veja degradada a sua situação «pela imposição de limites e condicionamentos no abastecimento de matéria-prima. Então só agora é que verificam isso?», pergunta.

A administração vai ao ponto de preconizar que a redução de pessoal atinja cerca de 30 por cento do seu efectivo total, tendo entretanto implementado medidas para diminuir os custos da energia, água, gás, telefone e lavagens de roupas.

Os trabalhadores da «Dialap» preparam-se para eleger os seus representantes na empresa, tendo marcado para 23 do corrente a eleição da sua comissão de trabalhadores.

Grupo de trabalho lança cooperativas para jovens

O Governo criou um grupo de trabalho que tem um mês para apresentar um plano de acções fomentadoras do lançamento de novas cooperativas para jovens, segundo um despacho já publicado no jornal oficial.

«Atendendo às sérias dificuldades deparadas pelos jovens na obtenção do primeiro emprego, pretende o Governo dar o seu contributo ao apoiar o lançamento de novas cooperativas para jovens», refere o diploma.

O grupo de trabalho deverá apresentar ao secretário de Estado da Juventude, Couto dos Santos,

um plano de acções que tenha em vista a «formação de animadores juvenis para apoio à constituição de cooperativas jovens», a «alteração à legislação vigente» e a «definição de mecanismos e formas de incentivos para dinamização de cooperativas de jovens no sector da habitação e no sector agrícola».

O grupo é constituído por representantes dos secretários de Estado da Juventude e do Desenvolvimento Agrário, do Instituto António Sérgio do sector cooperativo, da Associação de Jovens Agricultores de Portugal e da Cooperativa Habijovem.

Lucros do Banco de Fomento rondam o milhão de contos

Os lucros do Banco de Fomento Nacional ascenderam a 900 000 contos em 1986, quase o dobro do valor registado no ano anterior, disse uma fonte da instituição.

Trata-se de valores previsionais relativos ao último ano. «Os valores definitivos — acrescentou a mesma fonte — deverão ser superiores, esperando-se que o lucro ronde 1 milhão de contos».

Em 1985, aquele banco de investimento tinha registado 456 000 contos de lucros.

Para este ano, os responsáveis do BFN estimam um lucro de 1,1 milhões de contos, valor que deverá aumentar para 1,32 milhões de contos em 1988 e para 1,58 milhões de contos no ano seguinte.

Ainda de acordo com as previsões do banco, o crédito concedido em 1986 totalizou 192 529 milhões de contos, contra 199,667 milhões no ano anterior.

Os depósitos ascenderam a cerca de 116 milhões de contos.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

	(Por Unidade)	
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53\$00	59\$00
ALEMANHA FED. (marco)	75\$80	77\$00
ÁUSTRIA (xelim)	10\$75	10\$95
BÉLGICA (franco)	3\$459	3\$709
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$00	109\$50
(notas de 5 a 1000)	107\$50	110\$00
DINAMARCA (coroa)	20\$15	20\$55
ESPAÑA (peseta)	1\$053	1\$173
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141\$20	144\$70
(notas de 5 a 1000)	141\$70	145\$20
FINLÂNDIA (marka)	31\$00	31\$60
FRANÇA (franco)	20\$80	23\$50
HOLANDA (florim)	67\$10	68\$20
IRLÂNDIA (libra)	204\$20	208\$20
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$876	\$931
NORUEGA (coroa)	20\$20	20\$70
REINO UNIDO (libra)	224\$60	229\$10
SUÉCIA (coroa)	21\$80	22\$70
SUIÇA (franco)	90\$40	91\$90
VENEZUELA (bolívar)	5\$30	6\$30

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

ALIANÇA VELHA

Uma aguardente velha de qualidade
para fechar uma boa refeição, enriquecer
o seu café ou conviver entre amigos.

Uma velha amiga de todos os dias

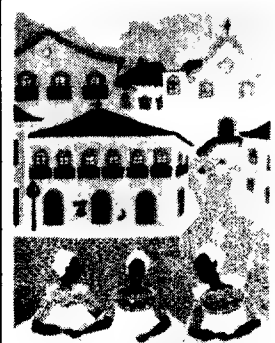


Caves Aliança

SS&D (Câmara)

Pintura e gravura do Brasil no Hotel Meridien Lisboa

Decorrendo até 20 de Março uma Semana do Brasil no **Meridien Lisboa**, com música, folclore e gastronomia, entendeu a direcção desta unidade hoteleira que as artes plásticas não podiam deixar de estar presentes, com a presença de alguns dos mais qualificados pintores e gravadores contemporâneos brasileiros.



Baianas e sobrados da Baía, de Jorge Viriato

A mostra que está patente, inclui quatro conhecidos pintores baianos, **Carybé**, **Floriane Teixeira**, **Carlos Bastos** e **Calasans Nto** e o escultor **Mário Cravo**, os pintores **Bule Marx**, o amazonense de estilo «naif» **Moacir Andrade**, o humilde **José de Dome**, sergiparo que viveu os dois últimos anos da sua vida no Estoril, para além d uma representativa mostra de gravadores. Os cinco baianos são ilustradores preferidos por **Jorge Amado**, para os seus livros: **Carybé** com os seus cavalos e mulheres sensuais é um dos autores hoje mais disputados nas galerias brasileiras; **Floriane Teixeira** de desenho rigoroso, ora suave ora violento na sua cromia tropical, por ventura o mais poético de todos os pintores baianos nos seus temas de crianças e belas jovens; **Carlos Bastos**, de todos o mais clássico, dominando a técnica do óleo e revelando-se, como os restantes, desenhador notável; **Calasans Neto**, com as suas cabras nordestinas, os pássaros fantásticos e as mansas baleias imaginadas no mar de Itapuan; e **Mário Cravo**, escultor e um dos percussores do modernismo de Salvador da Baía. **Jorge Viriato**, que esteve presente no I Salão Internacional de Pintura «Naif» no Casino Estoril é outro dos pintores que se podem admirar no **Hotel Meridien Lisboa**.

Eurotrotter, camião de sucesso da Volvo

Foi há pouco mais de um ano que a **VOLVO** introduziu no mercado o modelo de camião **Eurotrotter** e, nesta altura, já 90 desses camiões circulam pelas estradas europeias, incluindo Portugal, onde já existem três. Este modelo especial de camião reúne três requisitos fundamentais: máxima capacidade de transporte de volume, conforto na condução e segurança.

É um facto que na Europa há um contínuo aumento de procura de veículos adequados ao transporte em causa, com maior volume, melhores condições para a instalação de camas e maior segurança. O **Eurotrotter** responde a todas estas exigências. Possui uma óptima capacidade de carga, tendo espaço para 38 europaletes de dimensões standardizadas (800x1200 mm) para um comprimento total do veículo de 18 metros.

A capacidade volumétrica de carga é superior à do F10/F12 devido ao facto de ter a entrada de ar localizada ao lado da cabina. Apesar disto, o espaço para condutor não foi, de forma alguma, reduzida. O **Eurotrotter** baseia-se na cabina curta standard que está equipada com um compartimento sobre o tecto.

A cabina é em aço, facto que lhe confere um melhor isolamento térmico e características mais seguras, tendo sido construída com base nas mais duras exigências de segurança suecas e é, por isso, a cabina mais pequena e alta da Europa (2,3 metros) que é alvo de testes de impacto, em comparação com as convencionais unidades «top-sleeper» feitas em fibra de vidro reforçada.

A cama, na parte superior traseira da cabina, proporciona um conforto excelente e mede 200x60 cm. É ainda possível instalar-se um beliche para o segundo condutor e pode ser recolhido na parte traseira da cabina.

Um dos benefícios de ter a cama superior presa na zona traseira da cabina é que proporciona uma posição mais segura para o utilizador em caso de acidente. A porta de ventilação do tecto pode ser usada como saída de emergência.



Manutenção da TAP entrega último avião à Federal Express americana

A **TAP Air Portugal** procedeu na passada semana, no Hangar 5, à entrega do 35.º avião Boeing 727-100, da **Federal Express Corporation**, encerrando-se, deste modo, o contrato estabelecido entre as duas empresas para a realização do **Programa Supermod** que teve início em 2 de Abril de 1984.

A execução deste contrato, que decorreu ao longo dos últimos 35 meses, com excelentes resultados, consistiu na realização de grandes inspecções a 35 aviões da **Federal Express**, efectuadas nas Oficinas de Manutenção e Engenharia da **TAP Air Portugal**.

Anda que contando com a ampla e comprovada experiência da **TAP Air Portugal** em trabalhos de manutenção para terceiros, o volume deste projecto constituiu um verdadeiro desafio às capacidades da empresa, uma vez que, pela excessiva carga de trabalho envolvida, requereu tempos mínimos de imobilização dos aviões em hangar — 30 dias de calendário — para a execução de cada grande inspecção, e a ininterrupta continuidade do programa, respeitando o cumprimento total dos requisitos técnicos exigidos.

A completa satisfação do **Programa Supermod**, que decorreu em simultaneidade com a execução de trabalhos de manutenção para a própria **TAP Air Portugal** e para outros clientes, só foi possível através do rigoroso planeamento de tarefas e de um aperfeiçoado grau de organização e empenhamento dos trabalhos da empresa.

Salientemos, para mais fácil avaliação da importância deste programa, alguns resultados finais: produção de cerca de um milhão trezentos e setenta mil homens/hora; utilização de materiais no valor de cerca de 11 milhões de US dólares; facturação total próxima de 40,6 milhões de US dólares (correspondente a 6,35 milhões de contos); manutenção, em constante actividade, de cerca de 400 postos de trabalho.

A forma como decorreu todo este programa faz antever a possibilidade de um novo contrato entre a **FE Ce** e a **TAP Air Portugal**.

Apoio à cultura pela Alitalia

A **Alitalia** embaixatriz de cultura no mundo, participa activamente na preservação do património artístico italiano, com o restauro das estátuas que ornamentam a ponte Santangelo, em Roma.

A **Alitalia** empenhou-se, já em 1960, a investir na arte e na cultura, organizando uma autêntica exposição de pintores contemporâneos a bordo dos seus DC-8. Desde então, são inúmeras as iniciativas que a Companhia tem patrocinado; basta recordar a já tradicional presença no «Festival dei Due Mondi» em Spoleto, do prémio «Uma vida na Música» em Veneza, a Exposição de Arte e Cultura «Florença dos Medici — na Europa do Renascimento», as celebrações de **Leonardo da Vinci**, em Milão e de **Rafael**, em Urbino, como também a magnífica mostra «Os génios de Veneza», em Londres, onde foram expostos os maiores mestres da tradição pictórica veneta.

A **Alitalia** continua,



S. Sebastião, pintura de João Batista Benvenuti, dito o «Ortolano», incluída na famosa colecção Perkins em exposição na Basílica de S. Francisco de Assis e que se compõe de 57 quadros em madeira dos séculos XIV e XV atribuídos a Giotto, Pietro Corenzetti e outros contemporâneos

hoje, a apoiar, em todo o mundo, a arte e a cultura italiana. São testemunhos disso a exposição do pintor **Caravaggio**, nos Estados Unidos da América e a colaboração prestada na catalogação e arranjo das pinturas sobre madeira (século XIV e XV) da colecção **Perkins**, cuja mostra se realizou na Basílica de S. Francisco em Assis. Merece particular realce a relação com a **Fundação Agnelli**, porquanto a **Alitalia** não colocou apenas, à disposição, contributos económicos, mas também a sua experiência, profissionalidade e avançada tecnologia. Uma primeira manifestação deste empenho, foi observada já em 1982 com a endoscopia realizada à estátua equestre de **Marco Aurélio**, bem como às estátuas gregas, encontradas no fundo do mar e denominadas «Bronzes de Riace», utilizando, para tal, os meios sofisticados de que a Companhia dispõe, para efectuar os controlos periódicos às estruturas de todos os aviões da sua frota.

FIEJ

Timothy Balding foi nomeado, recentemente, director da **FIEJ**, Federação Internacional dos Editores de Jornais. De nacionalidade inglesa e 32 anos de idade, **Timothy Balding** foi jornalista, tendo trabalhado em diversos jornais na Grã-Bretanha entre 1970 e 1978, tendo igualmente sido correspondente parlamentar na agência britânica «Press Association». **Timothy Balding** iniciou a sua carreira na **FIEJ** em Janeiro de 1985 como assistente da direcção, depois de ter trabalhado como redactor das publicações de uma outra organização internacional em Paris. Em Julho de 1986 havia sido nomeado director adjunto.

Stone's

A festa comemorativa dos 17 anos do **Clube Stone's** trouxe a confirmação da boa escolha de **José Caetano Pestana** como director para as Relações Públicas da dupla **Tomás Taveira-José Manuel Simões**.

J. Sebastião Bar

O «**João Sebastião Bar**» (Rua D. Pedro V, 14) continua como ponto alto de convívio de artistas e desportistas. **Margarida Varejão** é, agora, quem atende os amigos, na casa de **Vera** e **Fernando Correia**.

Meridien Porto

De 24 de Março a 3 de Abril, o **Hotel Meridien Porto** promove uma quinzena gastronómica e cultural brasileira, no seu restaurante «**Les Terrasses**», com a colaboração da **TAP, Transbrasil**, e os hotéis **Meridien Rio e Bahia**, cuja capital, **Salvador**, é famosa em todo o mundo pelos seus pratos e doces típicos. Esta quinzena é mais uma das manifestações com que o **Meridien Porto** tem animado a ida da capital nortenha como bem o demonstrou a passagem de modelos do parisiense **Christian de Lenclos**, no salão **Guimarães** do Hotel, no passado dia 11 e em que, fazendo ligação com a moda, também se exibiu, uma bem sucedida actuação, o conhecido cultor de Jazz, **Rão Kyao**. Outro contributo verificar-se-á hoje, pelas 18 horas, com a inauguração, na **Galeria de Arte** do Hotel, da exposição de obras de **Margarida Tamegão**, «jovem» pintora de 86 anos, aluna de **Armando Lucena**, em organização de **Jaime Isidoro** e **Michel Noblet**.

NOVA GUERRA COMERCIAL ESTÁ PRESTES A DEFLAGRAR

Juan Frisuelos
(Serviço Especial EFE)

A Europa e os EUA parecem estar prestes a iniciar uma nova guerrilha comercial transatlântica passados apenas uns dias após terem evitado um conflito por causa de tabelas de preços. Desta vez, o pretexto é o desenvolvimento da indústria aeronáutica europeia através do consórcio Airbus.

Os planos para desenvolver uma nova gama de aviões comerciais desta indústria multinacional europeia parecem ter preocupado Washington.

No passado dia 14 de Fevereiro, os Príncipes de Gales, Carlos e Diana, baptizaram o mais recente Airbus, o modelo A 320, num hangar francês do consórcio de Toulouse, a capital económica do Midi francês.

Durante a cerimónia, dois políticos conservadores europeus — o primeiro-ministro francês Jacques Chirac e o chefe do governo do estado federal alemão da Baviera, Franz-Joseph Strauss — não hesitaram em afirmar que, dias antes, o governo americano os tinha tentado demover de forma a evitar que os europeus competissem com o grande mercado americano de aviões comerciais.

A administração Reagan enviou até Londres, Paris e Bona, Michael B. Smith e Bruce Smart, os quais tinham ordens para tentar convencer os europeus a não desenvolver a sua indústria aeronáutica civil.

Smith e Smart viram os seus intentos frustrados. Em Londres, falou-se numa desagradável troca de pontos de vista; em Paris, as versões oficiais indicam ter havido sinceridade e em Bona, a recepção dispensada aos dois emissários foi bastante fria.

Ao que parece, os EUA tentaram, evitar o desenvolvimento dos novos modelos Airbus, tal como os A 320 e os A 340, os quais estão de momento nas mãos dos desenhadores.

Segundo um alto responsá-

vel da indústria aeronáutica europeia presente em Toulouse, os americanos pretendem desse modo, preservar o quase monopólio do mercado de aviões comerciais que dura já desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Pressões de Washington

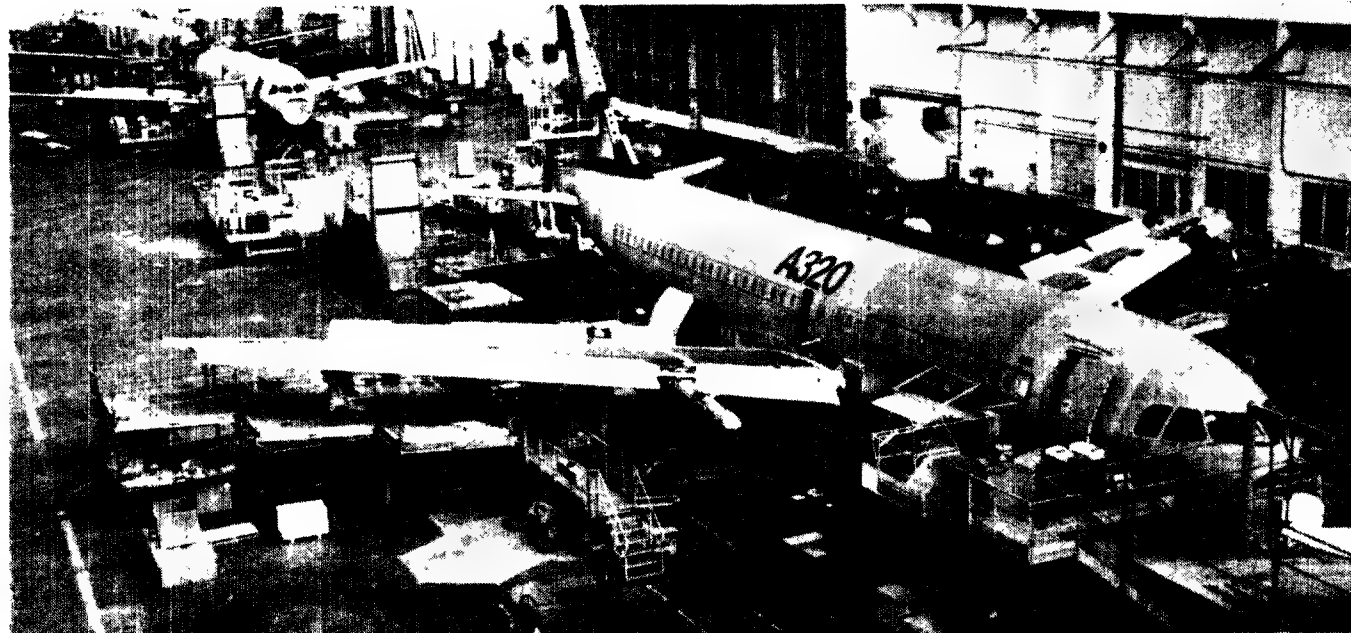
Washington acusou as nações europeias ligadas ao projecto de competência desleal, por estas concederem subsídios às empresas aeronáuticas, baixando assim os custos de produção dos modelos.

Porém, as capitais europeias ripostaram que o êxito comercial dos seus produtos justificava, só por si, o investimento de tais subsídios, para além de dar independência ao Velho Continente e arranjar postos de trabalho, minorando assim o desemprego que afecta tanta gente, há mais de uma década.

Jacques Chirac afirmou em Toulouse, «aqui se desenvolve dia a dia esta indústria europeia tão necessária para a aproximação, a coesão e a independência do nosso continente».

O alemão ocidental Strauss, presidente do Comité de Controlo do Consórcio Airbus denunciou, na mesma ocasião, as pressões exercidas por Washington nas semanas anteriores.

«A importante contribuição americana no projecto Airbus não impede, lamentavelmente, que os nossos concorrentes



americanos ou alguns funcionários do governo façam bastante barulho cada vez que conseguimos um cliente ou tentamos lançar um novo modelo», queixou-se Strauss em Toulouse.

«Hoje em dia», argumentou o político democrata cristão, «tais dissonâncias ou agitações políticas são ainda mais fortes, dando a impressão de que a indústria americana de aviação comercial está em perigo devido a uma indústria europeia de Airbus que é dominante.»

Strauss referiu também que «devido às oportunidades únicas derivadas da Segunda Guerra Mundial e de um apoio governamental contínuo em todos os campos, os fabricantes americanos conseguiram dominar o mercado», de tal forma que quando em 1974 se vendeu o primeiro Airbus, os fabricantes americanos tinham já vendido mais de 4000 reactores comerciais

em todo o mundo.

Os responsáveis europeus viram-se no centro da polémica devido ao êxito — antes de ser comercializado — do novo A 320, um bireactor da gama de 150 a 180 passageiros, de raio médio de acção, o qual incorpora as mais modernas tecnologias, e que, antes do seu primeiro voo experimental conseguiu 261 pedidos definitivos, 156 opções de compra e outras 20 intenções de aquisição por parte de 16 companhias entre as quais se conta uma americana. Isto sem esquecer que, até ao momento a Airbus já vendeu 359 unidades dos seus primeiros modelos, o A 300 e o A 310, dois aviões de grande porte destinados a rotas de raio médio de acção.

Porém, segundo parece, o mais preocupante para os EUA são os aviões projectados para o futuro pela Airbus, os multireactores de raio longo de acção — ou seja, com

possibilidade de fazer viagens transcontinentais — denominados A 330 e A 340, capazes de transportar 250 a 300 passageiros, sendo, portanto, rivais dos grandes aviões comerciais americanos.

Europa continuará com os seus planos

Franz Joseph Strauss sublinhava em Toulouse que o Boeing 747 Jumbo norte-americano disfruta actualmente de uma situação de monopólio quase absoluto, pelo que a Airbus iria desenvolver projectos dessa envergadura esperando «sinceramente, fazê-lo sem mais conflitos comerciais».

Contudo, o político alemão faria uma advertência a todos os interessados para que não se iludissem, atitude que demonstrou o propósito europeu de seguir avante com os seus planos.

Reforçando as suas palavras, Strauss recordou que 45 000 pessoas na Europa e 20000 noutros continentes trabalham e beneficiam com os programas Airbus.

As teses europeias defendem que o consórcio Airbus — formado pelas principais empresas aeronáuticas da Alemanha, Reino Unido, França e Espanha — tentará controlar, através dos seus vários modelos, 30% do mercado mundial de aviões civis. Este mercado equivalerá a cerca de 3 300 aparelhos nos próximos 20 anos, um valor total de 90 000 milhões de dólares.

Porém, Washington, o qual encerrou o ano de 1986 com um défice comercial na ordem dos 170 000 milhões de dólares, não se resigna a ter de partilhar esse mercado com os europeus — seus aliados a nível militar — e afirma que os novos Airbus projectados competem directamente com os actuais Boeing 747 e 767, bem como com outro modelo, ainda em projecto, o MD-11 da «McDonnell Douglas».

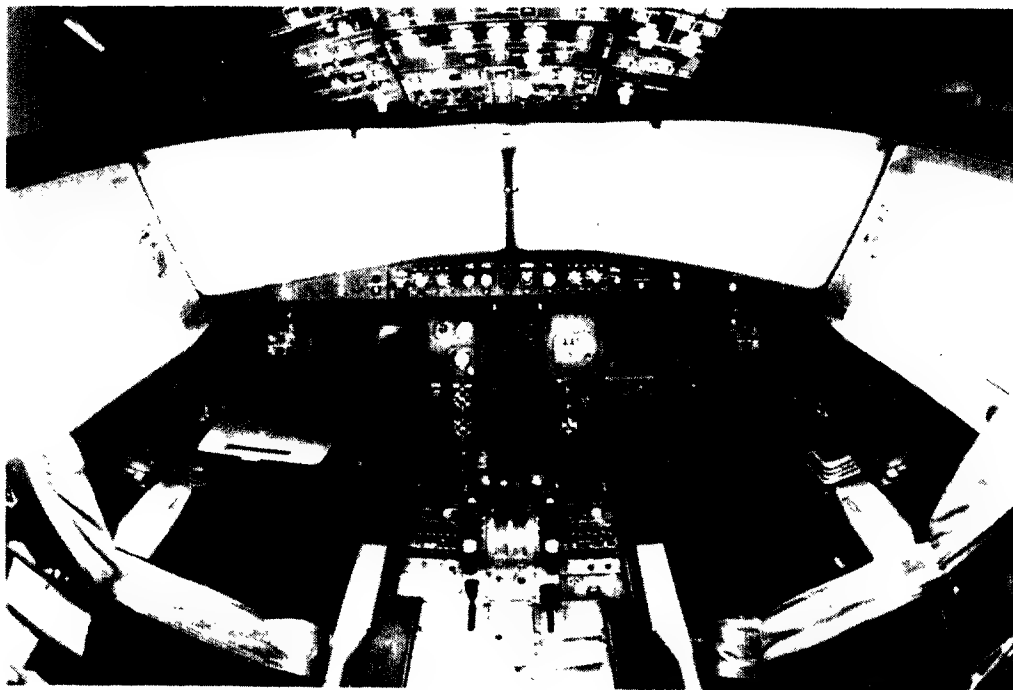
Os EUA queixaram-se desde o nascimento do consórcio Airbus a meio da década de 60, do papel de banqueiros que os governos europeus exerciam sobre a sua, então nascente, indústria aeronáutica.

O sinal de alarme soou em Washington, em Outubro passado, quando uma companhia americana, a Northwest Airlines, encomendou cerca de uma centena de A 320 para as suas rotas.

A partir dessa data, a administração Reagan não mais parou de lançar campanhas, denunciando o «dumping» dos produtos aeronáuticos europeus. Uma nova guerra parece estar prestes a deflagrar e, desta vez, será no céu.

Características do Airbus A 320

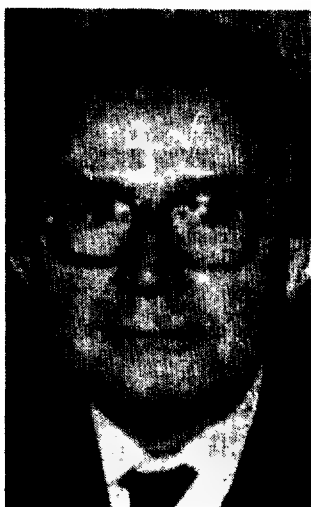
largura — 33.91 m
altura — 11.76 m
comprimento — 37.57 m
lotação — 150 passageiros num modelo com 12 lugares de primeira classe e 138 de turística
164 passageiros num modelo apenas com classe turística
Raio máximo de acção — 5850 km
Propulsão — Dois turborreactores CMF 56-5 ou Dois turborreactores V2500 (a partir de 1989)
Peso máximo na decolagem — 72 toneladas
Peso máximo na aterragem — 63 toneladas
Tara — 39,8 toneladas
Carga máxima — 19,1 toneladas
Capacidade máxima do depósito de combustível — 23700 litros



A SEMANA

Segunda-feira, 9

De novo Andreotti- O presidente italiano Francesco Cossiga pede ao democrata-cristão Giulio Andreotti para tentar formar o 46º governo do pós-guerra em Itália. Andreotti, de 68 anos, já chefiou o executivo por cinco vezes, mas conta agora com a forte oposição do Partido Socialista. A escolha do veterano democrata-cristão seguiu-se a uma semana de consultas sobre o modo de resolver a crise aberta pela demissão de Bettino Craxi, na terça-feira passada.



Terça-feira, 10

Ocupação militar- Soldados do Exército brasileiro ocupam nove das dez refinarias de petróleo da empresa estatal Petrobrás numa «atitude preventiva» contra a projectada greve dos 56.000 trabalhadores da empresa em apoio de reivindicações salariais. Em resposta à ocupação militar, trabalhadores de cinco refinarias dos Estados de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul iniciam uma vigília e recusam-se a abandonar as instalações. Os sindicatos anunciam que a greve se manterá caso os soldados não abandonem as refinarias e a empresa não reabra as negociações salariais.

Quarta-feira, 11

Ajuda aos «contras»- A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprova uma proposta democrata para reter, durante seis meses, a entrega de 40 milhões de dólares aos «contras» da Nicarágua. Tal quantia é a que resta entregar dos 100 milhões de dólares que o Congresso aprovou o ano passado para o auxílio aos rebeldes anti-sandinistas. A proposta aprovada exige que a entrega dos 40 milhões seja retardada até que a administração Reagan preste esclarecimento acerca dos fundos recebidos nos últimos três anos pelos «contras», no meadamento aqueles que foram desviados dos lucros da venda de armas ao Irão. A votação é interpretada como uma derrota temporária de Ronald Reagan, que afirma ter ficado decepcionada com a resolução da Câmara.



Quinta-feira, 12

Mitterrand em Madrid- Chega ao fim a cimeira de dois dias que levou o presidente François Mitterrand e o primeiro-ministro Jacques Chirac a Madrid. Mitterrand e o chefe do executivo espanhol, Felipe Gonzalez, afirmam que na cimeira se constatou, entre outras questões, a importância da articulação das estruturas de defesa dos dois países. O encontro de Madrid vem reforçar as boas relações existentes entre a Espanha e a França desde que, há três anos, Paris deixou de se opor à entrada dos espanhóis na CEE e lançou uma campanha contra os separatistas bascos residentes em território francês.

Sexta-feira, 13

Ronda pelo Pacífico- O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, termina no Vietname a sua digressão pela Ásia e o Pacífico, que o levou à Austrália, Indonésia e Laos, entre outros países. Durante a sua estada em Hanói, Shevardnadze abordou a situação no Kampuchea. O ministro vietnamita dos Negócios Estrangeiros convidou na altura a China e os seis países da Associação de Países do Sueste asiático a sentarem-se à mesa das negociações com os três Estados comunistas da Indochina no sentido de se encontrar uma solução para o Kampuchea, ocupado por tropas do Vietname.

OS VENTOS DE MUDANÇA PROVENIENTES DE MOSCOVO SACODEM A ALEMANHA ORIENTAL

Frank Van Der Knoop

Os ventos de mudança que Mikhail Gorbachev desencadeou na União Soviética chegaram à Alemanha Oriental — cujos líderes se debatem agora com a difícil escolha entre resistir às novas políticas do seu mais importante aliado ou alterar a sua própria política interna.

Os complacentes burocratas soviéticos não são os únicos ameaçados pelo programa de reformas lançado pelo secretário-geral do Partido Comunista, Mikhail Gorbachev. Os seus aliados da Alemanha Oriental sentem-se também desconfortáveis.

A recente visita do ministro dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, a Berlim Oriental foi descrita como uma «visita de amizade» — mas parece que os visitados foram reprimidos pelo mensageiro de Gorbachev, já que Moscovo não está satisfeita com a reacção da liderança alemã oriental ao novo estilo de governo de Moscovo.

Berlim tem ignorado o auto-crítica que está tão na moda hoje em dia em Moscovo, e ainda não se desviou da tradição de se vangloriar acerca das realizações do socialismo na República Democrática Alemã.

Do ponto de vista do líder alemão oriental, Erich Honecker, a reacção é compreensível. O seu partido encontra-se numa posição difícil, que se poderá revelar embaraçosa na cena mundial e prejudicial à sua autoridade a nível interno.

Desde a fundação da Alemanha Oriental em 1949, os seus líderes têm-se apoiado fortemente nos seus aliados soviéticos. Tendo chegado ao poder com a sua ajuda, num país que acabava de ser derrotado na Segunda Guerra Mundial, os líderes da Alemanha Oriental tinham de provar que eram bons comunistas. O país era governado sob o «slogan»: «Aprender com a União Soviética é aprender a dominar».

Agora Moscovo está-se a mostrar capaz de um grau de auto-crítica tal que é surpreendente para os homens e mulheres do topo da Alemanha Oriental.

Após décadas de propaganda retratando os líderes soviéticos como infalíveis, Berlim Oriental tem de encontrar uma forma de explicar ao seu próprio povo que este quadro era incorrecto: aparentemente, a sociedade sovié-

tica tem as suas deficiências e, mais importante, estas deficiências são imputáveis à forma como os funcionários do partido se comportam e governam o país.

Se o exemplo a seguir, a União Soviética, tem deficiências importantes, os alemães orientais podem-se interrogar, porque não as haverá também na República Democrática Alemã?

Essa questão poderia alterar o equilíbrio entre a relativa prosperidade e a opressão política que tem mantido a ordem na Alemanha Oriental desde há quatro décadas.

Honecker e os seus colegas estão nervosos, e Berlim tem-se irritado, progressivamente, com cada passo do caminho de Gorbachev para a reforma.

Os alemães orientais quase não se têm referido aos acontecimentos na União Soviética. É como se Moscovo não tivesse cumprido as regras de um jogo jogado por ambos os lados.

A recente reunião, em Moscovo, do Comité Central do Partido Comunista Soviético, foi mencionado no jornal oficial do partido alemão oriental, mas este apenas publicou uma breve notícia da Tass sobre a referida reunião, que descrevia o acontecimento em termos relativamente vagos.

Normalmente, aos leitores na Alemanha Oriental são dadas notícias extensas sobre todos os discursos importantes; agora ti-

veram que se satisfazer com algumas linhas.

Não obstante, mesmo esta vaga notícia indicava que palavras importantes tinham sido ditas em Moscovo. O jornal noticiava que Gorbachev se havia referido a «um desenvolvimento maior de formas democráticas de socialismo».

Incluía uma referência ao conceito de «schmarotzerideologie» que significa encobrir erros com desculpas ideológicas, e faz apelo à «abertura, crítica, auto-crítica e influência das massas».

Mas comparada com as anteriores notícias sobre a União Soviética, esta era na verdade uma notícia muito sóbria. E a visita de Shevardnadze não melhorou a atmosfera nos gabinetes governamentais em Berlim Oriental.

A visita caracterizou-se pelos habituais cerimoniais, tais como a colocação de coas de flores no monumento às vítimas do fascismo. Mas nas entrelinhas podia-se ler que os cidadãos leste alemães não deveriam elevar demasiado as suas expectativas.

No jornal do partido lia-se: «É visível que a política do nosso partido é orientada para o futuro». Por outras palavras: não há razão para criticar o governo.

Muitos cidadãos estão no entanto ansiosos por saber mais acerca do ar fresco que sopra de Moscovo, e não estão completamente dependentes dos órgãos de comunicação oficiais. A maioria dos alemães orientais consegue captar a rádio e a TV ocidentais, que estão a dar atenção às políticas de Gorbachev.

Mais cedo ou mais tarde Honecker terá de se ajustar à nova situação. Com um líder no Kremlin crítico e mais aberto, Berlim Oriental terá certamente de repensar alguns temas importantes.

Terá de alterar o seu relacionamento com a União Soviética e seguir um rumo mais independente, ou ajustar-se para se manter a par com Moscovo.

Honecker e os seus ministros não podem admitir que estavam errados, mas ser-lhes-á difícil continuar a ignorar os desenvolvimentos no estilo de governação do seu mais importante aliado. Esperarão provavelmente mais algum tempo para ver se as reformas de Gorbachev se consolidam, antes de decidirem.



Eric Honecker: o líder da RDA parece não se adaptar ao estilo Gorbachev

Chernobyl: culpados serão julgados em breve

Os responsáveis pelo acidente de Abril de 1986 na central nuclear soviética de Chernobyl serão julgados em breve, disse ontem em Moscovo um alto funcionário soviético. Andronik Petrosyan, chefe da Comissão de Estado para a Energia Atómica,

acrescentou que o julgamento será realizado na capital da Ucrânia, Kiev. Petrosyan não indicou, contudo, o nome das pessoas levadas a Tribunal, nem o seu número, alegando segredo de justiça.

O reactor quatro da central de Chernobyl explodiu a 26

de Abril de 1986, espalhando radiações por grande parte da Europa. As autoridades soviéticas atribuíram o desastre a uma série de experiências imprudentes efectuadas por funcionários da central. O director da central, o engenheiro-chefe e outros fun-

cionários foram despedidos.

Petrosyan acrescentou que os reactores 1 e 2 da central estão a funcionar na sua capacidade total, mas referiu que ainda há algumas aldeias evacuadas no interior da zona de segurança de 30 quilómetros que foi estabelecida à volta da central.



O cadáver de uma das vítimas do incêndio no navio mercante «Elizabetta Montanari», que ontem provocou pelo menos 12 mortos.

Elie Wiesel, escritor e Prêmio Nobel da Paz em 1986, apelou ontem ao líder soviético Mikhail Gorbachev, «em nome de tudo que é humano», para que deixe doze judeus saírem do país, petição que lhes foi publicamente rejeitada. «O governo soviético publicou, há duas semanas, uma lista de doze pessoas que não estavam autorizadas a abandonar o país», declarou Wiesel. «Entre elas tenho amigos muito queridos, tais como Vladimir e Macha Slepak, que aguardam a sua vez (de sair do país) há 17 anos, ou o professor Alexandre Lerner, que esperou 12 anos», disse Wiesel, que acrescentou: recusar o pedido destas pessoas, algumas das quais à beira do desespero, «é privá-las do seu direito mais elementar, o direito à esperança».



O líder da oposição filipina, Homobono Adaza, durante um encontro com jornalistas. A hierarquia da Igreja católica das Filipinas aconselhou ontem os padres e as freiras a não se envolverem directamente em política durante as próximas eleições para as duas Câmaras do Congresso, que se deverão realizar no dia 11 de Maio

Moçambique: Freeman pede mais apoio

O assistente do sub-secretário norte-americano para os Assuntos Africanos, Charles Freeman, anunciou ontem que passará por Lisboa para conversações com as autoridades portuguesas sobre a África Austral e a segurança em Moçambique. «Espero convencer o governo português a prestar mais apoio a Moçambique», disse Freeman em durante uma conferência de imprensa em Maputo. O funcionário norte-americano afirmou na altura que a sua visita a Moçambique reflecte a importância que os Estados Unidos atribuem à África Austral e em particular ao «papel vital que Moçambique joga na região». Freeman, que deixou Maputo ontem à tarde, para uma escala de 24 horas em Joanesburgo, referiu-se à Renamo, afirmando que é um movimento que «carece de personalidade». Freeman avisou-se ontem com o líder moçambicano, Joaquim Chissano, tendo-lhe reafirmado a disposição dos Estados Unidos em continuar a cooperar com Maputo. «O governo dos Estados Unidos classifica como muito corajosas as mudanças recentemente introduzidas em Moçambique», frisou Freeman.

Não-Alinhados apoiam Contadora

A conferência do bureau de coordenação do Movimento dos Não-Alinhados, que terminou ontem em Georgetown, Guiana, aprovou por consenso um plano de acção para a paz na América Latina. Observadores presentes consideram que a posição comum da Argentina, Nicarágua, Perú e Cuba foi o factor-chave para a adopção de um apelo de solidariedade para com o grupo de Contadora. Os países Não-Alinhados, reunidos de 10 a 12 de Março, condenaram no documento final, intitulado «O Apelo de Paz de Georgetown», aquilo que classificaram de «agressão dos Estados Unidos contra a Nicarágua». Num comunicado final, separado, os participantes apelam ainda ao governo norte-americano para «cessar imediatamente todas as pressões e actos de agressão» contra aquele país. Fontes da conferência disseram que os dois documentos foram divulgados ao princípio do dia de ontem, depois de discussões em que os Estados membros moderados criticaram o que consideraram ser um acentuado tom anti-americano. Na conferência, participaram os ministros dos Negócios Estrangeiros e altos funcionários de 75 dos 101 membros do movimento dos Não-Alinhados.

Dirigentes polacos foram alvo de atentados

Dirigentes do Partido Comunista polaco foram alvo, desde 1950, de três tentativas de assassinio, incluindo uma envolvendo o dirigente soviético Nikita Krushev, noticiava ontem o jornal do partido comunista da Polónia, «Polityka». O jornal dava poucas informações sobre as três tentativas, mas trata-se da primeira referência a tal assunto, sendo a notícia ontem publicada a primeira confirmação de rumores postos a circular na Polónia. O diário do Partido Comunista refere que em 1959 as autoridades encontraram uma bomba colocada num árvore à beira de uma estrada que devia ser utilizada pelo dirigente do partido Wladyslaw Gomulka e pelo então líder soviético, Nikita Krushev. O «Polityka» disse ainda que Gomulka escapou a outra tentativa de assassinio, dois anos mais tarde, quando uma bomba colocada na estrada explodiu e feriu duas pessoas, acrescentando que o homem que tentou cometer o assassinio foi preso e condenado à pena capital. O jornal cita ainda, pela primeira vez, a existência do «BOR», uma agência de segurança secreta, que protege os funcionários governamentais, os parlamentares, a casa do presidente e as sedes do partido.

Estados Unidos advertem o Irão

MÍSSEIS NORTE-AMERICANOS NÃO DEVEM SER UTILIZADOS CONTRA PETROLEIROS

Os Estados Unidos advertiram o Irão para não utilizar contra navios no Golfo Pérsico mísseis que recentemente instalou na região, noticiou ontem a cadeia de televisão norte-americana, CBS, enquanto em Teerão um alto dirigente iraniano declarava que o relatório da comissão Tower sobre o escândalo Irangate visava prejudicar as relações soviético-iranianas.

Segundo o correspondente da CBS no Pentágono, os iranianos instalaram mais de 10 mísseis terra-terra em locais que serviços de espionagem consideram ser pontos de onde é possível disparar contra petroleiros em movimento. A notícia da CBS não referiu, contudo, se Washington planeia qualquer resposta caso os mísseis se-

jam disparados.

Entretanto, em Teerão, o presidente do Parlamento iraniano, Rafsanjani, denunciava que o relatório da comissão Tower sobre a venda de armas norte-americanas ao Irão, visava voltar a União Soviética contra o seu país e vice-versa. Falando num encontro religioso na Universidade de Teerão, Rafsanjani

declarou que os Estados Unidos tinham feito isto para envolver o Irão numa guerra com a URSS e acrescentou que a Moscovo concentrou 36 divisões militares junto ao mar Cáspio.

Rafsanjani adiantou que o aviso da concentração de tropas soviéticas junto à fronteira com o Irão foi feito por dois emissários norte-americanos, cujo nome não revelou, que visitaram Teerão em 1986.

Robert McFarlane, ex-conselheiro de Segurança Nacional de Reagan, e outros funcionários norte-americanos efectuaram visitas secretas ao Irão, em 1986, na tentativa de vender armas em troca

da libertação de reféns detidos no Líbano.

Esta operação continua a ser investigada nos Estados Unidos. Hoje, a Comissão do Senado norte-americano encarregada das investigações sobre o Irangate protestou contra o prazo de 90 dias solicitado pelo procurador Lawrence Walsh para conceder a imunidade parcial aos principais acusados.

O senador Daniel Inoué, presidente da comissão, disse que a atitude de Walsh condena praticamente à incapacidade os investigadores do Congresso, que desejam interrogar o mais rapidamente possível Oliver North, John Poindexter e outros elementos-chave do escândalo.

Manual sobre Pershing-II encontrado num parque de estacionamento

Um atleta encontrou num parque de estacionamento perto de Heilbronn, na Alemanha Federal, um manual com cerca de mil páginas com detalhes e instruções sobre o funcionamento dos mísseis norte-americanos «Pershing-II», informava ontem o jornal local «Heilbronner Stimmer». O jornal afirma que o manual, com desenhos detalhados das diferentes peças do míssil nuclear de médio alcance, a lis-

ta de verificação e instruções sobre a sua montagem, forma de o pôr em funcionamento e de o disparar, foi encontrado, embrulhado em plástico azul, no interior de um buraco.

Apesar de um porta-voz do Exército norte-americano ter afirmado ontem que «o documento não é secreto», o jornal de Heilbronn salienta que o manual tinha impressos os avisos de «warning» e «security», assim como

instruções para a sua destruição imediata antes do livro cair em mãos estranhas.

Um porta-voz militar de Schwaebisch-Gmünd, localidade perto de Heilbronn onde estão estacionadas várias baterias de «Pershing-II», disse que cada soldado da unidade recebe um manual para o manejo dos mísseis e comentou que o caso está a ser investigado, admitindo que o manual não tenha sido abandonado por acaso.

José Sarney recebe líder da SWAPO

O presidente brasileiro José Sarney, alterando os seus planos, recebeu ontem o líder da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO), Sam Nujoma. Sarney, que anteriormente tinha cancelado o encontro, voltou a incluí-lo na agenda depois de protestos surgidos na imprensa brasileira.

Nujoma pediu a José Sarney que exerça pressão junto

dos Estados Unidos no sentido de Washington fornecer apoio total à independência da Namíbia, sem a condição da retirada das tropas cubanas de Angola.

O líder da SWAPO acusou ainda a Alemanha Federal e a África do Sul de planearem utilizar o deserto da Namíbia para depositar resíduos nucleares. Segundo Nujoma,

Bona prepara-se para enviar lixo radioactivo para o deserto da Namíbia, mediante uma compensação de 4.000 milhões de marcos à África do Sul em investimentos.

Entretanto, as detenções na África do Sul continuam a gerar protestos, tendo ontem bispos católicos sul-africanos condenado as prisões em julgamento no país.

Guerrilha anuncia tréguas durante visita do Papa ao Chile

O grupo guerrilheiro que reivindicou a responsabilidade pelo atentado de 1986 contra o ditador chileno Augusto Pinochet, Frente Patriótica Manuel Rodríguez, anunciou que observará uma trégua durante a visita do Papa João Paulo II ao Chile, em Abril. O Papa chega ao Chile a 1 de Abril para uma visita de cinco dias no âmbito de uma digressão que inclui também o Uruguai e a Argentina.

Entretanto, catorze personalidades chilenas de diferentes áreas políticas divulgaram um documento em que convidam a nação a participar numa campanha a favor de eleições livres. O documento ontem divulgado baseia-se na convicção de que «uma democracia sólida e duradoura» só será possível se os dirigentes forem nomeados «por processos tão claros e límpidos que tornem indiscutível a sua legitimidade» e se houver liberdade de associação e de expressão.

Ei-lo a sair do taxi que o seu motorista preferido, Juca da Estefânia, rapaz astuto a quem nada escapa, guia com destreza. Dentro de um fato de corte vulgar, ligeiramente amarrotado, trunfa loira em desalinho, entra na Brasileira do Chiado. Pede um café forte, acende o cachimbo, e mergulha na leitura da revista ABC que trazia debaixo do braço. É uma figura famosa. É um herói popular. É o repórter X.

REPÓRTER X: Na ficção e no cinema



REINALDO FERREIRA

EMBALADO pelo ritmo alucinante dos loucos anos vinte foi desvendando crimes, escrevendo reportagens sensacionais e novelas fantásticas, rodando filmes e percorrendo uma Europa a recompor-se das convulsões da guerra. Os 5000 exemplares da sua última produção literária esgotaram-se em poucas semanas, o jornal que dirige constitui um sucesso nunca visto, tudo lhe corre de feição nesta fase, embora já tivesse ido ao tapete algumas vezes.

Os amigos exaltam-lhe o talento comparando-o a Jack London e os inimigos, medíocres todos, atacam-no pelo ponto fraco — a morfina. Sim, ele depende desse produto que lhe proporciona «um aconchego tépido».

— Como é que consegue inventar histórias tão fantasiosas?

— Escrevo com a curiosidade de quem está a ler uma novela policial. Muitas vezes abanço à mesa sem ter um plano traçado. Dez minutos de reflexão, a reminiscência da minha vida vagabunda bastam para semear o assunto. Depois lanço a pena sobre o papel e é ela quem escreve... e eu leio, emocionado, e impaciente por decifrar o mistério, como se fosse um leitor de verdade.

Não admira que o poeta Afonso Lopes Vieira deixasse esfriar a sopa por culpa do Repórter X, segundo o próprio confessa quando, por acaso, lhe foi apresentado. Levava o jornal para a mesa e não o largava enquanto não tivesse chegado à última linha dos «Punhais Misteriosos», folhetim empolgante.

— Como define o terror?

— Um belo espectáculo. Tem cronistas de génio como Edgar Poe ou um Hauffman. A apoteose do terror é o terror do invisível, é a tragédia velada dos negrimes, abafada pelo silêncio, é o terror da morte sem cadáveres, da tortura sem berros, do choro sem lágrimas... Terror universal é o que está a provocar as misteriosas e macabras confidências que vão estirando cadáveres em redor da ameaça que o faraó Tut-Ank-Amon afixou à porta do seu túmulo.

— No jornalismo qual o género em que se sente mais confortável?

— A reportagem. O verdadeiro jornalista é, sem dúvida, o repórter, os outros são os intrusos, os usurpadores. O que valoriza o jornalismo francês? Os seus repórteres que sabem informar comentando, que sabem informar fazendo de cada reportagem uma obra literária. Cito, por exemplo, o Albert London do «Petit Parisien».

— E em Portugal?

— Temos bons repórteres, mas não cito nomes para não arranjar melindres... O que citarei, sim, é os seus ordenados. Um jornalista português ganhará, na melhor das hipóteses, uns 48 000 escudos mensais. Ora, mil dólares, é o ordenado mensal de muitos repórteres

americanos... Aí reside a diferença!

Café

Manda vir uma cerveja e um bolo de «chantilly» (ele adora «chantilly»), encomenda que João Franco, o empregado, se apressa a satisfazer. Fala-me dos cafés e das tertúlias onde se juntam «os parentes espirituais que formam, connosco, um lar em redor de uma mesa, durante algumas horas», dos cafés célebres que acolheram gerações de intelectuais e artistas como o El Pombo, de Madrid, poiso de Gomez de La Serna, o Leon Doré, de Barcelona, o Grande Rotonde, de Paris... Lisboa contenta-se com o Martinho e o Porto com o Suisso, cafés por onde passou «uma geração falcante, hoje caluniada pelos fósforos amorfores de uma outra geração aguada e triste, vencida sem luta».

— E... a Brasileira?

— Resta como único herdeiro dessa tradição da tertúlia... Foi o submarino onde durante vinte anos os novos aguerridos combateram e torpedearam os Pachecos, os Acácios, os «budas» de barro, intransigentes e exclusivistas...

— Sabe que o João Franco é um homem famosíssimo?

— Porquê?

— A emigração de artistas e jornalistas está tomando uma acentuada direcção para Espanha... Em Madrid encontram-se, actualmente, cinco ou seis gazeteiros lusitanos e outros tantos pintores. Entre os de lá e os de cá (todos sacerdotes do culto do café da Brasileira) conjurou-se um plano. Este: Manuel Maria ou João Franco, o criado mais citado em livrarias e diários, tomaria lugar no «junker» para Madrid a fim de levar, numa cafeteira, o café autêntico da Brasileira aos seus contertúlios... Lá foi, o voo durou duas horas, as chavenas são as mesmas, os fotógrafos ansiosos de episódios originais kodokizaram a cena...

— Não acredito... está a brincar comigo, o senhor X inventou esse história...

— Palavra de honra! Não leu o que os jornais disseram sobre o assunto? Havemos de estar impacientes que nos sirvam o chá e as torradas — então esse chá? e o empregado responder: agora não posso... beteram as palmas de Madrid, vou lá levar um café ao senhor Almada Negreiros.

— É modernista?

— Claro.

— Já desistiu do cinema?

— Não... fiz os primeiros filmes portugueses negociáveis. Até agora foram cinco, um dos quais é o «Taxi 9297», rodado nos estúdios da Invicta. Custou 58 contos e rendeu, só no primeiro ano, cerca de 275 contos. Os meus filmes, por muito plebeus e modestos que fossem, e por muitos ângulos que lhes faltassem, gastaram-se todos...

— Como é que se interessou pelo cinema?

— Ainda me recordo das noites de emoção que gozei ao assistir aos filmes falados... as tempestades sonorizadas com zínco, bolas de chumbo e buzinas; as fuzilarias feitas a martelo e as artistas fotogénicas berrando de dor. Era frequentador do Chantecler, um dos mais antigos cinemas de Lisboa e o primeiro no mundo, a ter sonoro.

Moderno

— Como vai o seu jornal?

— Ótimo. Criámos uma forma nova, um estilo novo de jornalismo. Declaramo-lo, sem prosápia mas também sem falsas modéstias, sentiamos-nos até vexados se fizéssemos um jornal igual aos outros...

— O que é o jornalismo moderno?

— A reportagem... mas a reportagem só merece esse título quando foca o inédito, quando o holofote o desconhecido, quando descobre caminhos marítimos para novas emoções! Não há memória, na Imprensa portuguesa, de um êxito como o nosso...

— Não acha que Lisboa está a mudar?

— Bastante... e o táxi tem uma certa importância no transformismo da capital. Abrem restaurantes de qualidade, cabarets elegantes, e as pessoas estão mais à vontade dentro da moda. A vida de Lisboa modificou-se até à medula, em poucos mais de dois anos, e o táxi, repito, foi um dos arautos dessa metamorfose. Democratizou o automóvel e encurtou as distâncias entre o centro e os bairros mais afastados da cidade. Dai uma rápida acumulação de pequenos dramas, comédias, farsas, episódios cheios de imprevisto, de intrigas — todo um repertório de «music-hall», toda a produção conjunta de Hollywood, músculo de filmes em jornadas — projectadas na sombra, no mistério e no silêncio dos bastidores lisboetas...

— Qual é o herói policial que mais o fascina?

— Talvez o Nick Carter. Era mais terra a terra que Sherlock Holmes ou Arsene Lupin. As suas proezas mais agitadas, mais gráficas, e o motor cerebral que o dinamizou, sendo menos complexo, era por isso mais humano...

Há autores que aprecio tais como Conan Doyle, Hans Hyen, Sven Elvestad, Frank Heller...

— Considera os portugueses grandes amorosos?

— Bem... existem portugueses convencidos de que somos a Califórnia do amor para as mulheres de todas as raças e países, desde as mimosas «gheishas» até às que a natureza maquilhou, dos pés à cabeça, com tinta da-china; de que basta um português chegar a Barcelona ou a Tóquio para que sobre os seus lábios caiam, gulosamente, tantos lábios femininos quantas moscas podem cair num açucareiro destapado e aquecido... Existem lugares comuns na nossa presunção que urge amordacar, pelo menos diante dos estrangeiros. Exemplos: essa tal fauna, erradamente patriota, está sinceramente convencida de que não há céu azul como o nosso, tesura como a nossa, sedução amorosa e máscula como a dos portugueses valentes...

— Mas...

— Detalhe paradoxal: se existe país onde se ame pouco... esse país é o nosso.

— Quantos quilos de prosa já escreveu?

— Sei lá! Centenas de novelas efémeras, dezenas de volumes ou escapadas literárias de 300 páginas, dez mil artigos, reportagens e crónicas publicadas em português francês, inglês, alemão...

— Qual é o seu material privilegiado?

— O homem... Estudar ambientes, perscrutar a alma humana, observar, com atenção e entusiasmo, o bicho mais curioso da criação que é o homem...

Repórter X, olhos cinzentos-metálicos, de pupilas dilatadas, autor português que se distinguiu no género «negro» e no combate contra a rotina e o cabotinismo nacionais...

JOSÉ

Chegar a Lisboa «by air», torturado pela morfina, meter o produto apaziguador, surgir na redacção de um jornal, e envolver em misteriosas aventuras, são p nos remetem, enquanto espectadores para Reinaldo Ferreira, figura sem rival na portuguesa. Contudo, não é ele o herdeiro de José Nascimento. É o «Repórter X», e o ginário tão rico quanto fantástico, também sai pela invulgaridade na extensão da liter género.

Já exibido em festivais de cinema, na estrangeiros, e no recato das sessões, esse filme continua ainda à espera de encetar a normal dos circuitos comerciais. A acção numa Lisboa cosmopolita, palco onde co espíões, contrabandistas, refugiados, perseguidores. Num mundo de sombras ras, de ciladas e perigos, do qual o «Repórter X» não se desvia, terá inevitavelmente de cedor. «O argumento baseia-se em três cruzadas que reflectem a maneira de quem as escreveu e as podia viver...», realizador.

— Parecem-me bastante frouxas, as suas...

— Mas... era assim a escrita do «Rep». Ele lançava os dados do enigma e depois cair as histórias, daí que o resultado é pouco superficial, o interessante residia nas vicissitudes que continham.

— Raramente, os portugueses contam uma história...

— Talvez porque não tenham grandes para viver. Reinaldo Ferreira desenvolveu rias de acordo com o que achava mais exo...

— Tens algumas afinidades com o género?

— Algumas. Ambos coincidimos na vontade de olhar as coisas, distância que não estar longe mas de uma filtragem.

— Como é que o defines?

— Julgo que tinha uma maneira de mundo muito própria, tanto convivia como com o mal. Sente-se nele, por uma vertigem de viver...

— E tu?

— Tenho a minha, só que talvez seja medida em que ele viveu nos anos trinta nos oitenta.

— És dependente de alguma coisa?

— Sou dependente de tudo e de nada

QUAL DOS DOIS?

Reinaldo Ferreira morreu com 38 anos, «a rubrica banal de uma doença pôs fim a uma carreira extraordinária», como noticiou um jornal da época. Jornalista singular, de ideias singulares, nunca se resignou a viver o quotidiano banal, tinha tendência para as situações limite, até que um fracasso amoroso o empurrou para o fundo do túnel. «O Reinaldo drogava-se... caíra na cilada da morfina, desde a catástrofe conjugal...», escreveu Mário Domingues, amigo de longa data, afeição talvez cimentada pela atracção dos contrários.

Em 1933, dois anos antes de falecer, publica «As Memórias de um ex-morfinómano», testemunho comovente de descida aos infernos e da recuperação precária que ele julgava definitiva, sem reincidências. Edição da Maranus, o livro voltaria a ser lançado pela Arcádia, sob a orientação da escritora Natália Correia. Atitude que Ferreira de Castro, numa carta, louvou, elogiando «esse homem, tão fantástico na sua curta vida e nos seus próprios trabalhos, que se eu não o tivesse conhecido, em carne e osso e sido muito amigo dele, duvidaria da sua existência».

Certo é que Reinaldo Ferreira sempre foi uma pessoa querida nos meios intelectuais portugueses. Ofereceram-lhe banquetes de homenagem, no Porto e em Lisboa, concorridos de artistas plásticos e de teatro, de escritores e jornalistas, e até de admiradores do seu talento, gente que só o conhecia de nome. Foi no restaurante Tavares, num almoço em que se inscreveram mais de 80 pessoas, que Beatriz Costa discursou, dizendo o muito apreço que tinha pelo Repórter X.

Senhoras com cabelos à «garçonne», meias de seda, «a mais flagrante conquista do século... que permitia à mulher,

mesmo à mais honesta, revelar um pouco da sua nudez, sem ofender as leis do decoro», pó de arroz Rainha da Hungria a disfarçar as imperfeições da pele, certamente que atiravam carradas de charme ao ídolo, disputando-lhe as atenções. Mas ele, o Repórter X, como todos os heróis, mantinha-se seguro, nunca indo além dos «flirts» sem consequências. Provavelmente seria um homem de paixão única, de fixações inamovíveis, daqueles portugueses que, virados para o futuro, também acreditavam no destino.

Não enriqueceu, também não era o dinheiro o que o fazia correr, «nunca trocou a independência pelos proventos fáceis». O seu jornal, Repórter X, era, na opinião de Rocha Martins, «tão interessante que se lê de um fôlego e fica-se a esperar, ansiosamente a semana seguinte, como se de um folhetim se tratasse e quiséssemos saber o destino dos personagens...». Bailarinas búlgaras, mulheres fatais, damas do «Sud», detectives (Gil Goes, por exemplo), «grooms» do Ritz, princesas mulatas, toda uma galeria de figuras inesquecíveis atravessam a sua escrita.

Cabeça cheia de muita literatura de cordel, muito mundo a pesar na sua inspiração, muito estímulo artificial a comandar os impulsos — em suma, uma personalidade apaixonante. Refiro-me ao Repórter X, o outro, o lado tipicamente esquizofrénico de Reinaldo Ferreira. De facto, como afirmou Manuel João Gomes, colaborador no roteiro do filme de José Nascimento, ele assumiu o seu duplo «vivendo no culto desse Repórter X de quem talvez se sentisse próximo... ou distante». Qual dos dois era o verdadeiro? Um mistério. Tal como Fernando Pessoa com os seus heterónimos.

É NASCIMENTO

ado pela carên-
paziguador nas
ornal, e logo se
são pistas que
ores do filme,
rival na Impre-
o herói da fita
r X», cujo ima-
também sobres-
da literatura do

cial. O que me interessa é decodificar as coisas sem ter necessidade de ir atrás delas, não me quero restringir...

— Persegues o êxito e a fama?

— De maneira nenhuma. Sou inteligente de mais para isso, tenho-me em boa conta e acredito em mim... Ninguém faria o «Repórter X» como eu o fiz...

— Isso não será um pouco pretencioso?

— Não me parece...

— Hoje, se voltasses a fazer o filme, acrescentavas-lhe alguma coisa?

— Sim... acrescentava e também tirava o que está a mais... Foi o meu primeiro filme, com certeza que não cometera alguns erros que possa ter cometido devido à minha ingenuidade.

— Não desejas permanecer ingénuo?

— Claro que a ingenuidade, como algo de muito bonito que nos fica da infância, deve ser preservada...

Nasceu em 1947, no Chiado, onde a mãe, modista de chapéus, tinha um «atelier» com aprendizas. É lisboeta de gema, curiosamente o gelo para os trabalhos de parto da sua progenitora foram no buscar à Leitaria Garrett, aquela que Vitorino immortalizou em disco. Depois, o menino do Chiado mudou-se para a Parede, passando a ser menino da Linha. Aí viveu uma adolescência amena, com o seu grupo de praia que reunia no Lino Verde; não sendo surfista curti o sol e o mar, os jogos e as brincadeiras inocentes com os amigos, que eram, sobretudo, filhos dos estrangeiros, americanos e ingleses, ligados à ponte sobre o Tejo, em construção, à Carris e Companhia dos Telefones. «Costumava ir ao Royal Cine da Parede com os meus pais que, nas cenas de beijos, me mandavam meter debaixo da cadeira por causa do fiscal».

Opiniões!

Entretanto, torna-se habitante de Campo de Ourique, sem conseguir adaptar-se, de imediato, à nova situação de rapaz de bairro. Então, frequenta a Tentadora, integrado num grupo heterogéneo, onde havia uma mistura de classes, desde o bate-chapas ao menino-família. «Tive de aprender a ser bairrista...», diz. Para si a praia, nessa altura, localizava-se no Algarve, reduzida aos três meses de férias, em Albufeira. É ainda o tempo de percorrer a Europa à boleia, de se desmandar, sem responsabilidades nem amarras. A tropa cumpre-a nos Serviços Cartográficos do Exército e, em 1972,

aproxima-se do cinema na tarefa de assistente de realização do filme «Perdido Por Cem», de António Pedro de Vasconcelos. Cooperante na Cinequipa, durante algum tempo, autor de documentários e de curtas metragens para a Televisão, José Nascimento adquire o calo que o decide a prestar provas, fazendo uma fita de fundo que é esta: Repórter X.

— Houve uma certa crítica que desancou o teu filme... Aborrecido?

— Ligo aos críticos relativamente, de resto não são detentores da verdade. De facto, o Vicente Jorge Silva teve considerações bastante desfavoráveis... mas é preciso conhecê-lo para saber os motivos que o levaram a não gostar do meu filme. São opiniões... a crítica vai cada vez mais perdendo a importância porque actualmente há um grande número de pessoas com acesso à informação, já não são só os críticos a descobrir a pólvora. Houve excelentes cineastas que se mantiveram na sombra, tendo sido recuperados muitos anos depois, tal como existem óptimos escritores que querem publicar um livro e não conseguem.

— O teu filme inscreve-se na modernidade?

— Não sei. Só posso acrescentar que ao longo da sua rodagem foi filmado de várias maneiras.

— És sensível à moda?

— Certamente. Vivo em 1987... mas os valores estéticos são coisas muito subjectivas. Agora, se estou à frente, atrás ou no meio, não é preocupação que me prive do sono.

— Dantes eras uma pessoa mais viva, mais espontânea... Hoje transparece, em ti, um certo enfado ou será o efeito da pose que assumiste?

— É natural que tenha mudado, deixei-me envolver em tantas coisas... o que provavelmente contribuiu para me desequilibrar.

Rock ou fado?

— Projectos?

— Tenho um projecto chamado «As Ruas da Amargura» que é uma história sobre os grupos de rock portugueses, cujo objectivo é sair daqui na mira de progredirem. Como sabes, não estamos no centro dos acontecimentos, não somos Paris, nem Londres, nem Berlim.

— Mas, então, o teu filme fala do rock?

— Rock ou fado, o que se quiser. Tocam num bar com o nome de Sagres onde há um porteiro chamado Henrique...

— Estou mesmo a ver que o teu filme não tem

um fim feliz...

— Pois não, acaba mal...

— Será que o nosso cinema já está em condições de competir com o estrangeiro?

— Caracteriza-se por ser feito com meios escassos e, a meu ver, por um certo grau de inovação. Penso que a qualidade não depende do dinheiro, às vezes até se arranjam soluções mais imaginativas com orçamentos modestos. Todavia, confesso que, se dispusesse de mais dinheiro, tinha feito outro filme; assim, fui obrigado a limitar o argumento em função do que havia.

— Com que geração de cineastas portugueses te identificas?

— Tenho dificuldade em falar de gerações, é mais uma questão de cumplicidade. A identificação passa pela maneira de filmar, pela escolha de actores e o modo de os dirigir...

— Reconheces haver no teu filme uma submissão à estética em voga, ao gosto das tribos que frequentam o Frágil?

— Vou ao Frágil como fui ao Carunchos e ao Caixote de Cascais, acho que os bares são lugares privilegiados para as pessoas se conhecerem e conviverem. Também não sei o que é a estética do Frágil... evidentemente que a minha linguagem é diferente da do Fernando Lopes ou da do Oliveira. Sou o que sou, convém não esquecer que também já fiz um filme sobre a Reforma Agrária.

O nome de Reinaldo Ferreira soou-lhe na infância, nos episódios longínquos que o pai contava. Com efeito, remontavam à época em que José Nascimento (Sénior) era groom no jornal «O Seculo», rapazola de doze anos, a labutar tão cedo porque a vida assim lho impunha. O jornalista simpatiza com o miúdo e convida-o para entrar num filme, ideia que João Pereira da Rosa não apreciou mesmo nada. Diz-lhe para não desinquietar o puto, que ele estava no jornal para trabalhar, aventuras dessa ordem não lhe convinham em termos de futuro. Entretanto, adulto, o que começou por baixo chega a ser editor do Rádio Clube Português...

Com as referências familiares sobre Reinaldo Ferreira, o cineasta, animado por Matos Cruz, resolve pesquisar, dentro do material acessível como era o «Repórter X» e que tipo de novelas escrevia. «Não me preocupei em fazer um filme realista, o facto de lidar mais com o imaginário do protagonista permitiu-me determinadas liberdades.»



Coincidimos na forma distante de olhar as coisas...

Jornadas Gastronómicas do Cartaxo

"TORRICADO" ACRESCENTA MARISCO ÀS TRADIÇÕES DA COZINHA CONCELHIA

As Primeiras Jornadas do Concelho do Cartaxo não terminam com a revelação da culinária da freguesia de Valada, como estava previsto pelos proprietários do «Torricado», Artur e Pedro Oliveira (pai e filho), mas como uma «noite de marisco» em 30 de Abril, decidiu a organização. O programa definitivo desse jantar, na última noite de Abril, será brevemente anunciado. O «DL» adianta a intenção, uma vez que será a segunda manifestação gastronómica destas jornadas que com elas nada tem a ver.

É provável que quer a jornada de 20 do corrente, por conta e risco da Sociedade Central de Cervejas e em que a bebida predominante será obviamente a cerveja, quer a de 30 de Abril,

acima assinalada, registem o mesmo ou idêntico número de gastrónomos que as anteriores quatro, a última das quais (ontem) foi da iniciativa da freguesia de Ericeira. Afinal, poucos terão provado sopa com «Sagres» e amêijoas à minha moda, um prato que ao seu laivo de narcisismo aguça o apetite e a curiosidade. Por isso, repetimos, nada nos garante que não constituam sucessos populares quaisquer dos dois jantares, tudo indicando isso mesmo; que serão largamente participados.

A jornada da SCC comporta mais um prato — pato estufado à portuguesa — e, para não fugir à regra, echa com «bolo com cerveja». É a modos que uma «pedrada no charco» depois de quatro jornadas de vinho, por sinal

todo ele de apreciável qualidade. Depois virá Pontével, terra de Marco Chagas, que não tem faltado à mesa do «Torricado» (estaurante que se envolveu na pesquisa dos pratos típicos do Cartaxo, desconhecidos do grande público e da maioria da população local) com clientes, um deles familiar do ciclista «leonino» e que já garantiu que «em nenhuma parte do mundo se come sopa de coelho com feijão branco tão boa» como lá e que, quanto à sopa salgueir — também na «ementa» de 27 do corrente —, é de «se lhe tirar o chapéu». Será? A provar vamos...

Ereira sentou-se à mesa ontem à noite e dela falaremos oportunamente. E a vez de dizer que Vale da Pinta, a semana passada, não correspondeu às ricas sur-

presas da Lapa e do Cartaxo, muito embora nos tenha dado a conhecer um novo estilo de cabidela de galinha. De superior qualidade o «Machado», branco e tinto, servido aos comensais (ou comensais?), sobretudo a «Reserva» tinto da Quinta da Caneira — para exportação.

O Rancho Típico de Vale da Pinta, criado em Janeiro de 1983 e que em 8 de Maio se estrearia em público, preencheu com tento e movimento a parte lúdico-musical da Jornada. «O lugar de Vale da Pinta não é vila nem cidade/És um lugar pequenino/Onde brilha a mocidade», cantou o agrupamento de sete rancheiros, antes de um fandango sem dança. À cozinha estiveram Cidalina Viola e Irene Viola, mãe e filha.

Festival em Torres Novas: que viva o cabrito...

O cabrito é vedeta, desde hoje e até ao dia 29, na cidade de Torres Novas, por ocasião de um Festival Gastronómico que coincide com a realização da feira de Março (S. Gregório).

Os promotores, autarcas consituídos em secretariado, justificam a sua iniciativa com o facto de, «pelas suas características favoráveis ao desenvolvimento económico da região, Torres Novas começar a assumir um papel importante no campo da produção de carne, especialmente ovina e caprina».

São vários os restaurantes que se inscreveram neste Festival Gastronómico, contraindo desse modo a obrigação de ter um prato de cabrito todos os sábados e domingos

(noutros dias se quiserem) no período indicado.

O vencedor terá o encargo de conzinhar para quem quiser fazer contrprova, no dia 4 de Abril, em local a designar, por um preço que deverá situar-se nos 1250\$00.

Sobre as excelências de um «certo cabrito», os organizadores sacaram de um texto de José Saramago, no seu livro «Viagem a Portugal». Depois das suas andanças por Torres Novas, o escritor defrontou-se com a necessidade de almoçar. Foi bem informado, pelos vistos porque testemunhou assim: «O viajante... pode aqui declarar que em Torres Novas conheceu, e disso se aproveitou, o mais maravilhoso cabrito assado de toda a sua vida».

Assim seja, neste Festival.

PASSOS PERDIDOS

RESTAURANTE-BAR

O ESPAÇO QUE FALTAVA EM LISBOA

GERÊNCIA: ISABEL QUADROS
JOAQUIM SOLER

Rua Miguel Lupi, 2 a 10 (a S. Bento) 1200 LISBOA

RESERVAS PELO TELEF.: 66 27 43



"Cervejaria Alemã" 60 anos em Lisboa (com um interregno para a Guerra)

Começou há 60 anos, que se cumprem neste mês de Março, com o nome de «Cervejaria Alemã», durante a II Guerra Mundial foi transformada em «cabaret» e adoptou o nome de «Bar Alecrim», e de seguida retornou ao seu nome de baptismo. É um restaurante bem conhecido dos apreciadores da culinária alemã, mas também da portuguesa de qualidade.

Já nos referimos a este restaurante de preços médios/altos há uns meses, nestas páginas. Ressaltamos, na oportunidade, o seu bom nível geral. Desta feita trata-se essencialmente de marcar um aniversário que os proprietários estão a assinalar com a oferta de uma garrafa de vinho especial, comemorativa da efeméride.

A «Cervejaria Alemã» foi fundada em 1927 por três alemães, dois deles técnicos de uma famosa cervejaria, a «Jansen», existente quase em frente. O outro era cozinheiro de profissão.

A iniciativa correspondeu natural e principalmente aos desejos da colónia alemã na capital portuguesa mas muitos portugueses não desdenhavam, como aliás sucede actualmente, o prazer de algumas especialidades germânicas.

Com a II Guerra Mundial ter-se-á gerado um clima menos propício a nomes alemães, até pelo movimento de nacionalidades inimigas exactamente por aquela área de Lisboa, que se terá transformado num razoável centro de espionagem ou pelo menos de recolha e injeção de boatos.

Então, a cervejaria cedeu o lugar ao tal «Bar

Alecrim». O seu proprietário era um ex-empregado, Juan Henrique Diaz, que adquirira a posição aos três alemães fundadores.

Com o fim da guerra, fez regressar a casa à condição de cervejaria e à primeira designação. Em 1970, nova transacção, desta vez em favor de Manuel Castiñeira, que já fora empregado da casa entre 1934 e 1950. Actualmente, a cervejaria ainda está em mãos da família Castiñeira: Henrique é o seu gerente.

A tradição da culinária alemã, essa, foi-se mantendo e teve fôlego suficiente para sobreviver ao período de «cabaret». E hoje há cinco pratos alemães, permanentemente, e um doce.

Vamos aos pratos principais: Eisbein mit Sauerkraut, um pernil de porco afiambrado, acompanhado com «choucrute» e batata cozida; Kasseler Rippenspeer, que consiste numa costeleta de porco fumada com a mesma guarnição; Aal Geracheter, uma enguia fumada sobre tosta, com ovo picado, salsa, beterraba e cebola crua; Bratwst, uma salsicha alemã capaz de resistir à grelha de carvão que se encontra à entrada. Por fim, temos a Blater, tarte, de framboesa.

Claro que para acompanhar tudo isto há vinhos, alemães incluídos, cerveja, alemã incluída. Bem afreguesada, a «Cervejaria Alemã» tem quanto basta da cozinha portuguesa para qualquer um encontrar alternativa mesmo que o «sotaque» alemão lhe cause algumas dificuldades.

Entre 2 e 10

de Maio

Sesimbra

faz oito dias

de «peixe e marisco»

A Câmara Municipal e a Comissão para o Desenvolvimento Turístico e Gastronómico do Concelho de Sesimbra têm em preparação uma «Festa do peixe e do marisco», que deverá concretizar-se entre 2 e 10 de Maio.

A iniciativa é comparada pelos próprios organizadores como semelhante à que no ano passado realizaram, tendo o espadarte como tema. O certame é aberto a todos os estabelecimentos que servem habitualmente refeições à base de peixe e marisco, ainda que não se encontrem inscritos como restaurantes.

"Arroz

de frutos do mar":

um mês

na Costa de Caparica

Depois do êxito das caldeiradas, sob a forma de concurso, no mês de Janeiro, a Costa da Caparica vive durante o mês corrente uma campanha de promoção turística em que o «Arroz de frutos do mar» é o centro das atenções.

As inscrições, neste caso, não atingiram o número (32) das caldeiradas, ficando-se pelas 26 adesões. Nesses restaurantes, identificados com um símbolo gastronómico, é servido durante o mês de Março, ao almoço e ao jantar, o «Arroz de frutos do mar», ao preço máximo de 550\$00 por pessoa.



ABERTO DAS 00,00 às 24,00

ARROZ DE TAMBORIL

C/GAMBAS

O GRANDE COZIDO

PARQUE PRIVATIVO

FADOS SEXTAS E SÁBADOS ÀS 22 HORAS

RESTAURANTE
ADEGA TÍPICA
"O CURRAL"

DE

Carlos Gulmarães

ESTRADA DE CARNAXIDE
(fios Cabos D'Ávila)

CASAL DO CANAS - ALFRAGIDE

90 55 78



Festival em Abril

Costa do Sol: do peixe à carne passando pelo marisco

Os concelhos de Cascais, Mafra, Oeiras e Sintra terão, durante todo o mês de Abril, um festival de gastronomia, dedicado, segundo a Associação das Empresas Turísticas da Costa do Estoril, que o promove, «a divulgar as especialidades gastronómicas dos restaurantes daqueles quatro concelhos que queiram aderir à iniciativa».

Os promotores da iniciativa fizeram integrar este Festival no programa das comemorações do Jubileu do Turismo, atendendo à importância da gastronomia como componente da oferta turística.

São ainda os organizadores do festival que lembram a inexistência, na região, de uma carta gastronómica específica, «embora predominem os pratos de peixe e marisco, como é óbvio, cozinha-

dos dentro das normas da cozinha francesa e, também, da cozinha regional portuguesa».

Ainda assim ou por isso mesmo, a Costa do Estoril é das regiões com um maior número de restaurantes altamente qualificados. Só no concelho de Cascais há 77 restaurantes de luxo, 1.ª e 2.ª classes em contraposição com os 66 de todo o concelho do Porto.

Promessas para este festival são os pratos de peixe, das caldeiradas aos chocos com tinta e linguados, os mariscos, as açordas e espetadas de marisco. E também os pratos de carne, incluindo o leitão e a chanfana (e há um restaurante que tem fama e proveito este domínio).

Só até ao dia 20 na capital

"MERIDIEN" DE LISBOA E PORTO COM ESPECIALIDADES BRASILEIRAS

Durante quase mais uma semana ainda é possível provar, no Hotel Meridien, em Lisboa, uma grande variedade de especialidades, no âmbito de uma «Semana Gastronómica Brasileira» que na verdade tem a duração de 11 dias na capital e outros tantos no Porto.

A tal «semana» comprida (e ainda bem...) já começou no dia 10 e, no que respeita a Lisboa, prolongar-se-á até ao dia 20. No Meridien do Porto, o bufete será acessível entre os dias 24 do mês corrente e 3 de Abril.

Surpresa é a elevada qualidade patenteada, pelo menos no que se refere à feijoada, o prato que é uma constante em todos os dias da mostra. Para além desta especialidade (e da canja de galinha e bufete de saladas e charcutaria) todos os dias há uma ementa diferente.

Por exemplo, no dia em que fizemos a nossa prova, havia oportunidade para um lombo de porco à mineira, camarão à paulista e peixado brasileiro. As sobremesas, nada mais nada menos que uma dúzia, são constantes.

Vejamos, porém, o que o interessado pode comer no Meridien de Lisboa, nos próximos dias. Amanhã, domingo: leitão pururuca, silveira de camarão e bife enrolado; na segunda-feira: mocotó, mo-

queca siri, peixada à pernambucana; terça: tutu à mineira, carne assada com molho ferrugem e bacalhoad; quarta: picadinho do Sul, sarapatel, pato ao tucupi; quinta: galinha ao molho pardo, arroz de carreteira e maqueca de frutos do mar; sexta: leitão assado com abacaxi, vermelho com molho de limão e abobrinha e coxinhas de galinha.

A qualidade que testámos na feijoada (não resistimos, apesar dos camarões, e depois não deu para mais...) estará relacionada com o facto de produtos e cozinheiros terem vindo expressamente do Brasil, para confeccionarem as especialidades a apresentar, numa operação conjunta da TAP, Trans-Brasil e, obviamente, do Meridien, que conta com duas unidades no Brasil (Rio de Janeiro e Salvador).

Com os cozinheiros, porque Brasil também é ritmo, uma delegação que música a mastigação, o deleite. Tudo, tudo, vinhos incluídos, em regime de «self service», vale 2500\$00.

MÚSICA BAR

ALADIN BAR

Travessa da Esperança, 22
(Bairro Alto)

Telef. 363525

Terças: Helena Mello (música variada)

BAREM

Rua Bartolomeu Dias, 65

Telef. 615294

Encerra aos domingos

Sextas, segundas, terças e quintas:

Vitor Ferreira

Sábados e quartas: Ricardo Augusto

B'ARTE

Rua de São Boaventura, 16

(Bairro Alto)

Telef. 324266

Encerra aos domingos.

Todos os dias: Hugo Maia (música brasileira)

O BAILE

Rua das Trinas, 55 FC (Vendedor de

Jornais)

Telef. 677613

Sextas: Blue Jeans Band (música dos

anos 60)

BAR ESTÚDIO LACHOR

Calçada da Pampulha, 11

Telef. 677569

Sextas e sábados: Fernando Carvalho

(música afro-brasileira)

Quartas: Luís Cerqueira (piano)

BARIEDADES

Parque Mayer

Telef. 325173

Sextas e sábados: Badaró e o

sambista Ary Lopes («Eu e os meus

Amigos»)

O BERRO

Rua da Esperança, 158

Telef. 665568

Sextas e segundas: Jorge Lomba e

Rui Padinha (música portuguesa)

Terças e quartas: Fernando Castro e

Nascimento (variada)

Sábados e quintas: Daniel e Rui

Padinha (brasileira e portuguesa)

Domingos: Nelinho (brasileira)

BATE-PAPO

Alameda D. Afonso Henriques, 63

Telef. 534636

Encerra às segundas

Todos os dias: António C. Martins

Sábados: Fernando Carvalho e

A. C. M.

BOCA DE CENA

Rua Duque de Palmela, 6-A

Telef. 576415

Dia 20: Manuel Coelho (espectáculo

de ilusionismo)

Dia 21: Michel (acordeão e

sapateado)

BIPI-BIPI

Rua Oliveira Martins, 6

Telef. 778924

Encerra aos domingos

Todos os dias: O Grupo Rio Transa

Samba (música brasileira)

CASA DA LINA

Calçada de S. Vicente, 95 (Graça)

Telef. 876654

Encerra às segundas

Todos os dias: Toni da Costa e

Joaquim Manuel Caixeiro (música

brasileira, portuguesa e africana)

CENÓBIO

Rua das Janelas Verdes, 16

Telef. 677858

Sábados: Mila Ferreira e Rui Moura

De segunda a quinta: Manuel

Alberto (órgão)

Sextas: Mingo

CAFÉ CRÈME

Av. Conde Valbom, 52-A

Telef. 764369

Dias 20 e 21: Guilherme Silva

(música variada)

CENTRAL PARK

Centro Comercial S. João de Deus

Av. António José de Almeida, 7

Telef. 761044

Quintas: «Noites Mágicas», com os

ilusionistas Losan e Soriac

Quartas: O Grupo Mensagem

(música dos anos 60)

CHAFARICA

Calçada de S. Vicente, 81

Telef. 867449

Encerra aos domingos

Todos os dias: Vum-Vum (música

brasileira)

CLAVE DE TÓ

Rua do Salvador, 35

De segunda a sábado: Carlos Bastos

(fados e música dos anos 60)

CLAVE DI NÓS

Rua do Norte, 100 Bairro Alto)

Telef. 368420

Todos os dias: Danny Silva

COMÉDIA PORTUGUESA

Rua dos Prazeres, 10-A (Praça das

Flores)

Telef. 670523

Sábados: Manuel Teixeira e João

Heitor (música portuguesa)

Domingos: Julian del Valle

Quintas: O grupo Bayete (afro-

brasileira)

Sextas: Sérgio Mestre

COPO DE TRÊS

Rua Marcos Portugal, 1

(Praça das Flores)

Telef. 670230

Encerra aos domingos

Sábados: Jazz com António

Guerreiro (guitarra), Carlos Sanches

(viola), João Paulo e José Manuel

Fonseca (sopros)

Segunda: Carlos Martins (música

brasileira)

Terças: Rui Madeira (piano)

Quartas: Michel (música francesa

acordeão)

Quintas: Quarteto de Cordas, com

Ian Schabowski, Peter Shutter, Ken

Frazer e Martin Butler

Sextas: Meninos do Rio (brasileira)

CONSTITUINTE

Rua de S. Bento, 145

Telef. 670208

Todos os dias: José Orlando (piano)

DROGARIA IDEAL

Rua do Conde, 57

Telef. 661277

Sábados: Mila Ferreira

acompanhada por Rui Moura ao

piano (música francesa)

Segundas: João Pedro (música

brasileira)

Quintas: Tozé Veloso (jazz)

Sextas: João Pedro

GAFIEIRA

Calçada do Tijolo, 8

Telef. 325953

De segunda a sábado: Banda da

Gafieira

HÁ FESTA NA MOURARIA

Largo do Terreirinho, 21

Telef. 873444

Sábados e quintas: Hélder e João

Xavier (fados e música variada)

Sextas: Bitá (música afro-brasileira)

AINDA A NOITE É UMA

CRIANÇA

Praça das Flores, 8

Telef. 663345

Encerra aos domingos

Sábados e terças: Jorge Lomba (po-

pular portuguesa)

Segundas: Jorge Mendes e Alfredo

Azinheira (popular portuguesa)

Quartas e sextas: Manuel Carlos e Zé

Pinho (portuguesa e latino-america-

na)

Quintas: Rui Rocha (lusu-brasileira)

INDEX PUB

Beco dos Apóstolos, 9

Telef. 361425

Quartas: Jorge Lomba (música

variada)

JOKE CLUB

Av. Frei Miguel Contreiras, 18-C

Telef. 899694

Sábados: o Grupo Vira Xote

(popular portuguesa)

Segundas, terças e sextas: Luís e

Amaral (músicas dos anos 60)

Quartas: Nucha e Marité

JONAS BAR

Calçada de S. Vicente, 82

Telef. 864229

Sábados e sextas: Amadeo (viola e

harmónica)

LE NAUTIQUE

H. Meridien

Rua Castilho, 149

Telef. 690900

Todos os dias: o grupo Take Four

LOUCURAS

Av. Álvares Cabral, 35

Telef. 681117

Sextas: «Noites da Pastilha Elástica»

com os Four Fit Band

Quintas: «Noites Tranquilas» com a

Orquestra da Felicidade do Brilho e

da Glória

LOVE STORY PUB

Rua do Trombeta, 4 (Bairro Alto)

Telef. 373659

Todos os dias: João Carlos Paulo

(country) e Morais (afro-brasileira)

MUSAICO

Travessa da Pereira, 43

Telef. 860306

NOITES DE LUAR

Beco da Bombarda

(aos Anjos)

Telef. 540608

Quintas: Julian del Valle (música

latino-americana)

99 DA BARROCA

Rua da Barroca, 99

Telef. 368194

Encerra aos domingos

Sábados: Rui Rocha (música

brasileira e popular portuguesa)

Sextas: Zé Neto (popular portuguesa

e francesa)

PALPITA-ME PUB

Rua das Janelas Verdes, 102

Telef. 602989

Segundas e quintas: Rui Siqueira

PASSOS PERDIDOS

Rua Miguel Lupi, 2

(S. Bento)

Telef. 662743

Sextas e sábados: Francisco

Bartolomeu e Valdir (música dos

anos 60); às sextas, também, Isabel

Quadros e José Maia

Todos os dias ao almoço: Ivo Cruz

(piano) e ao

Futebol de 1.ª

CAMPEONATO: GUIMARÃES APERTA O CERCO

Ainda que Fernando Martins tenha afirmado que só 15 minutos antes do início do jogo é que os jogadores saberão qual o prémio destinado em caso de triunfo é voz corrente que serão mil notas que cada benfiquista irá embolsar no caso de derrotar o Vitória minhoto. Obviamente que também os upilos de Marinho Peres terão choruda maquia se a vitória lhes sorrir já que é essa a forma de não se desligarem da hipótese de conquistarem o título máximo.

Entretanto em Portimão os «dragões» não terão fácil tarefa, já que perdendo mais pontos (e já cederam oito no campeonato em curso) terão comprometida a corrida para o «tri». Esta tarde teremos ainda um curioso despique em Alvalade, entre o Sporting e o Boavista, sendo provável a apresentação do discutido Nunes que finalmente regressou ao clube do Bessa.

Os demais cinco confrontos terão lugar pelas 15 horas de amanhã (os três encontros de hoje terão começo pelas 16). Vejamos qual o calendário completo da ronda das três divisões e quem são os respectivos árbitros:

Guimarães - Benfica (Carlos Valente - Setúbal), Portimonense - FC Porto (Sépa Santos - Lisboa), Sporting - Boavista (Fortunato Azevedo - Braga), Chaves - Elvas (José Alves -

Braga), Rio Ave - Farense (Miranda Dias - Coimbra), Salgueiros - Marítimo (Francisco Silva - Faro), Académica - Varzim (Carlos Esteves - Lisboa) e Belenenses - Braga (Rosa Santos - Beja).

II Divisão

Zona Norte Gil Vicente - Lourosa, Agnelo Alexandre (Santarém); Desportivo das Aves - Bragança, Donato Ramos (Vi-

seu); Paços de Ferreira - Penafiel, José Guedes (Porto); Sporting de Espinho - Lixa, Fernando Correia (Lisboa); Tirsense - Felgueiras, Bento Marques (Évora); Leixões - Famalicão, Jorge Coroado (Lisboa); Trofense - Fafe, Pinto Correia (Lisboa); e Vizela - Freamunde, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo).

Zona Centro Torriense - União de Almeirim, Ilídio Rodrigues (Setúbal); Covilhã - Mirandense, Raul Ribeiro (Aveiro); União de Leiria - Beira-Mar, Fernando Alberto (Porto); Académico de Viseu - União de Coimbra, Hermâni Silva (Porto); Águeda - Marinhense, Xavier Oliveira (Porto); Estarreja - Guarda, Jorge Rodrigues (Braga); Estrela de Portalegre - Peniche, Fernando Mendes (Faro); e Feirense - Magalães, Adão Mendes (Braga).

Zona Sul Barreirense - Cova da Piedade, Vítor Correia (Lisboa); Montijo - Altitico, Castela Pereira (Leiria); Lusitânia - Esperança de Lagos, António Marçal (Lisboa); Oriental - União de Santiago, Agostinho Santos

(Leiria); Nacional - União, Francisco Caroco (Portalegr); Olhanense - Vitória de Setúbal, Alder Dante (Santarém); Estoril - Samora Correia, João Simãozinho (Leria); e Estrela da Amadora - Sacavenense, Santos Ruiivo (Santarém).

III Divisão

Série A: Merelinense - Amares, Ângelo Santos (Aveiro); Vieira - Limianos, Vitorino Gonçalves (Porto); Delães - Neves, Armando Malheiro (Porto); Vianense - Valdevez, Alexandre Gonçalves (Porto); Macedo de Cavaleiros - Valpaços, Miranda de Sousa (Porto); Vinhais - Santa Maria, Guilherme Tavares (Vila Real); e Espoense - Joane, Carlos Oliveira (Aveiro).

Série B: Paivense - Cesarense, Pinheiro Gonçalves (Braga); Valonguense - Oliveira do Douro, Pereira Silva (Braga); Pedrouços - Ovarense, José Silvano (Vila Real); Amarante - Marco, Pimenta Alves (Braga); Ermesinde - Leça, Marques Lucas (Coim-

bra); Paredes - Vila Real, Graça Pereira (Braga); e Lousada - São Martinho, Licínio Torreiro (Coimbra).

Série C: Tondela - Tabuense, Domingos Barbosa (Porto); Naval - Oliveirense, Casimiro Martins (Porto); Gouveia - Luso, Martins Marques (Portalegre); Marialvas - Oliveira do Bairro, João Gonçalves (Viana do Castelo); Anadia - Seia, Bento Alves (Viana do Castelo); Mealhada - Belmonte, Miguel Mendonça (Viseu); Oliveirinha - Santarém, Abel Fernandes (Coimbra); e Oliveira do Hospital - Viseu e Benfica, Valentim Pereira (Porto).

Série D: Bombarralense - Ferrel, Vítor Reis (Lisboa); Alcains - Portalegre, Júlio Dinis (Leiria); Elétrico - Nazarenos, Pires Alves (Lisboa); Caldas - Lousanense, Cruz Jorge (Setúbal); Mirandense - Marrazes, Luís Lemos (Viseu); Alcobaca - Benfica de Castelo Branco, Alcides Barreto (Coimbra); Paroquial de Fátima - Guinense, Francisco Barão (Setúbal); e União de

Santarém - Usseira, Frederico Lourenço (Lisboa).

Série E: Santa Iria - Cartaxo, Francisco Goulart (Angra do Heroísmo); Vilafranquense - Cacém, Gil Rosa (Setúbal); Santa Clara - Pescadores, Francisco Gonçalves (Braga); Sintrense - Sport Lisboa e Olivais, João Ribeiro (Setúbal); Olivais e Moscavide - Praiense, Andreilino Pena (Faro); Fronteirense - Vialonga, Alves Mendes (Évora); Campomaiorense - Quimigal, Serafim Alvito (Évora); Odiveias - Vitória de Lisboa, Ramiro Santiago (Coimbra).

Série F: Sesimbra - Seixal, Virgílio Seródio (Faro); Piense - Silves, António Galrinho (Setúbal); Lusitano de Évora - Alvoense, Júlio Miranda (Portalegre); Vasco da Gama - Campinense, Joaquim Franco (Évora); Louletano - Juventude de Évora, Fernando Rodolfo (Lisboa); Quarteirense - Moura, Joaquim Heitor (Lisboa); Reguengos de Monsaraz - Torralta, Carlos Sales (Lisboa); e Amora - Imortal, José Guimarães (Coimbra).

EXPRESSOS RN

COIMBRA / LAGOS

(DIARIAMENTE COM INÍCIO EM 16/MAR/87)

09H15 P	COIMBRA	C	17H45
09H54	POMBAL		17H07
10H20	LEIRIA		16H40
10H50	FÁTIMA		16H10
12H00 C	SANTARÉM	P	15H00
12H05 P		C	14H55
02H50	CORUCHE		14H10
13H40 C	MONTE-MOR-O-NOVO	P	13H20
14H40 P		C	12H20
15H30	TORRÃO		11H30
16H00 C	FERRIRA ALENTEJO	P	11H00
16H05 P		C	10H55
16H30	ALJUSTREL		10H30
16H52	CASTRO VERDE		10H09
17H07	OURIQUE		09H54
18H10 C	FERRIRAS	C	09H50
18H15 P			09H45
18H30	ARMACÃO DE PÉRA		09H30
18H45	LAGOA		09H15
18H55	PORTIMÃO		09H05
19H00	PRAIA DA ROCHA		09H00
19H10	ALVOR		08H50
19H30 C	LAGOS	P	08H30

Ligação em Fomelas para:

VILAMOURA, QUARTEIRA, ALMANCIL, FARO, OLHÃO, TAVIRA, CACELA, MONTE GORDO e VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.



RN RODOVIARIA NACIONAL

Na sua agenda

ANDEBOL: a contar para o grupo A realizam-se os seguintes encontros: FC Porto-Belenenses (16 horas) e Académico de Braga-TAP (21.30). Sporting-Benfica (17 horas). Para o grupo B, teremos esta tarde o Salgueiros-Académico do Porto (17 horas) e o S. Mamede-V. Setúbal (19) enquanto o Sanjoanense-Boa Hora terá lugar amanhã pelas 17 horas.

RÂGUEBI: Jogos da 17.ª jornada: hoje — às 14 horas, CDUL-Académica, no Estádio Universitário de Lisboa, e Técnico-Cascais, no Estádio Nacional, campo B; às 14 e 30, Benfica-Direito, no Estádio da Luz, campo n.º 2; às 15, Campomaiorense-Belenenses, no Campo César Correia,

em Campo Maior. Amanhã, às 14 e 30, Lousã-Agronomia, na Lousã.

HÓQUEI EM PATINS: jogos correspondentes à 23.ª jornada que terão lugar pelas 21 horas de hoje: Sanjoanense-Benfica, FC Porto-Paredes, Oliveirense-Valongo, Ferpinta-Sporting, Barcelos-Sesimbra, Juventude de Viana-Paço de

Arcos e Tomar-Famalicense. **VOLEIBOL:** jogos de hoje para o «nacional»: FC Porto-Académica de São Mamede (18 h) e Leixões-Sporting de Espinho (21 e 30); amanhã (antepenúltima jornada) — FC Porto-Leixões e Académica de São Mamede-Sporting de Espinho, ambos às 18 horas.

Maradona quer irmão em Itália

Diego Maradona está pronto a renovar com o Nápoles até 1993, desde que o clube italiano consiga um contrato para o seu irmão mais novo. Hugo, jogar em Itália — noticiou o «Corriere Dello Sport». Quero o meu irmão Hugo numa equipa italiana — disse Maradona ao jornal italiano, acrescentando não ter perdido ainda «a esperança de o ver jogar em Itália». Se Hugo vier, estou pronto a continuar no Nápoles até 1993 — sublinhou Maradona, cujo contrato actual com o clube italiano termina em 1989.

Hugo Maradona, de 17 anos, joga actualmente no Argentino Juniors.

arco iris

CONCURSO



nome da equipa _____

chefe da equipa _____ idade _____

morada _____

localidade _____ cod. postal _____

telef. _____

Pai ou Mãe Nome: _____

2º elemento _____ idade _____

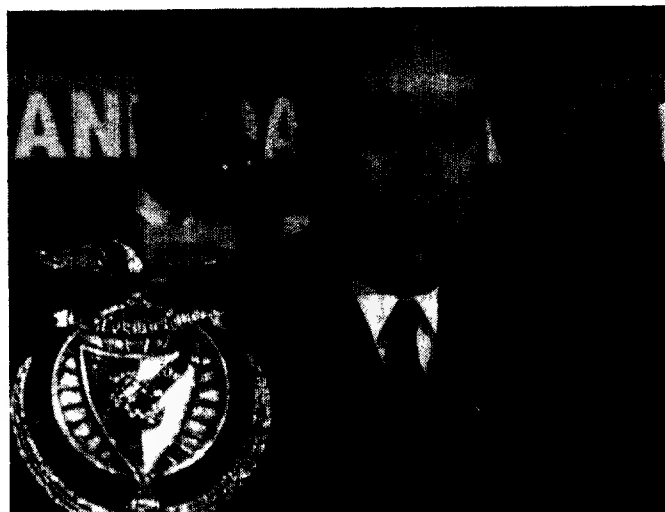
morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____

3º elemento _____ idade _____

morada _____ cod. postal _____

Pai ou Mãe Nome: _____



Semblante carregado



Martins da Cruz revela as linhas gerais do programa

Fernando Martins na apresentação do seu programa

'NÃO SOMOS BENFIQUISTAS DE OCASIÃO'

«O Benfica sempre à frente com um grande presidente» é o lema da lista «B» candidata às eleições de 27 de Março, ontem oficialmente apresentada e liderada pelo actual presidente do clube, Fernando Martins.

A comissão de honra de apoio à recandidatura de Fernando Martins integra 36 personalidades, entre antigos futebolistas do clube, políticos e empresários.

Na apresentação oficial da sua lista, a que assistiram algumas dezenas de sócios, Fernando Martins justificou as alterações de nomes em relação ao actual elenco pela necessidade de «refrescar» os corpos dirigentes. «Não estamos aqui para dizer mal de ninguém, nem para criticar os outros candidatos. Somos benfiquistas do passado e não de ocasião», disse o actual presidente, salientando que «sempre senti o Benfica e não precisei de ser presidente para querer que o Benfica fosse campeão» disse Fernando Martins. O candidato à presidência da assembleia geral, Martins da Cruz, disse que as eleições no

clube são «causa das mais vivas atenções gerais» em todo o País, congratulando-se pela apresentação de três candidaturas ao acto eleitoral de 27 de Março. «Todas capazes? Todas válidas?», interrogou-se, mas admitiu que não se deve pôr «em dúvida a lidima raiz benfiquista das (outras) candidaturas».

Entre as personalidades que integram a comissão de honra da lista de Fernando Martins figuram políticos como Manuel Alegre, Hermínio Martinho, Octávio Pato, Baião Horta e Torres Couto, os antigos futebolistas José Águas e José Augusto, e os sócios números um e dois do Benfica.

O programa consta de seis pontos: futebol, instalações sociais, actividades amadoras, actividades administrativas, departamentos médico, cultura e recreio.

A lista «B» recorda em 24 pontos as principais realizações do Mandato de Fernando Martins, e na introdução ao programa da lista recorda o fecho do terceiro

anel, uma das promessas eleitorais.

Os principais elementos da lista de 24 efectivos e 6 suplentes de Fernando Martins são: Assembleia Geral: Martins da Cruz (presidente) e José António dos Reis Martinez (vice-presidente); Conselho Fiscal: Palmeiro Ribeiro (presidente) e Luna Vaz (vice-presidente); Direcção: Fernando Martins (presidente) e coronel Rui D'Oliveira Soares (vice-presidente).

Na fase de perguntas e respostas, Fernando Martins foi satisfazendo a curiosidade dos jornalistas sobre as diversas questões colocadas, tendo contrariado que o prémio (de mil contos?) para o encontro de hoje em Guimarães tenha algo a ver com a sua campanha eleitoral, afirmando que ninguém sabe qual será o valor que irá prometer aos jogadores e que só o fará 15 minutos antes do chuto primeiro no Municipal de Guimarães; no que se refere ao prejuízo de 300 mil contos que se

diz ter orçado o custo das torres, Fernando Martins fez questão de salientar que tais números não correspondem à realidade: sobre o anúncio (mais um) da contratação de Camataru respondeu (ironicamente) que ele já não é preciso porque «dizem que temos os três melhores pontos de lança do futebol português» e quanto a Schumacher foi assunto fabricado para «desestabilizar a equipa».

Confirmou haver contactos para o recrutamento de Jorge Plácido mas não adiantou nada mais sobre outras eventuais aquisições.

Prometeu melhorar as instalações destinadas à Imprensa e voltou a referir a retirada da candidatura do Estádio da Luz da final da Taça das Taças, tendo referido que nenhum delegado da UEFA procedeu à vistoria para o efeito.

Fernando Martins diz não ler notícias das demais candidaturas: «só leio as gordas».

Bingo, quadros electrónicos, arruamentos do estádio, relações com a FPF, renovação de contratos com jogadores foram alguns dos temas abordados.

Em causa 270 mil contos

Teixeira Duarte processa Sport Lisboa e Benfica

Segundo revela o «Expresso» na sua edição de hoje a empresa Teixeira Duarte vai mover acção judicial contra o Sport Lisboa e Benfica, se até ao próximo dia 19 (quinta-feira) não for liquidada a dívida de 272 360 653\$00, referente a obras do fecho do 3.º anel e construção de 14 ginásios no Estádio da Luz. Entretanto, Fernando Martins (e citamos declarações suas prestadas ao «Expresso» garante que o seu clube não efectuará tal pagamento e a firma Teixeira Duarte considera «ultrapassado desde há muito os limites da desconsideração».

Um caso para dar ainda mais calor à campanha eleitoral que decorrerá até ao dia 27.

Disciplina federativa

Raul Águas vê castigo reduzido

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol reduziu de seis meses para 40 dias o castigo aplicado em Janeiro ao treinador do Chaves, Raul Águas.

O técnico dos flavienses tinha sido castigado por declarações proferidas no final do jogo Chaves-FC Porto, disputado a 25 de Janeiro, que terminou com o vitória dos portistas por 2-1.

Raul Águas criticou o trabalho do juiz da partida, Miranda Dias, de Coimbra, cuja arbitragem foi muito contestada pelos adeptos flavienses, que retiraram o árbitro durante cerca de duas horas no Municipal de Chaves, de onde saiu escoltado por agentes da PSP.

Logo que a pesada sanção foi conhecida, Raul Águas insurgiu-se contra a duração do castigo e prometeu apresentar

provas da sua «inocência», tendo sido desde então apoiado por diversos colegas, treinadores e outras entidades ligadas ao meio futebolístico, que consideraram excessiva a suspensão por seis meses.

A redução do castigo foi decidida na reunião do órgão disciplinar da Federação, que manteve, contudo, a multa de 39.000 escudos aplicada em Janeiro, a Raul Águas.

Além da comutação da pena a Raul Águas, o órgão da Federação Portuguesa de Futebol multou o Salgueiros em 30 contos e interditou o seu campo por um jogo, devido aos acontecimentos ocorridos no encontro com o FC Porto.

Em relação aos jogadores, o castigo mais pesado foi para Hernâni Oliveira (Rio Ave), suspenso por três jogos.

À espera de 180 mil visitantes

Nauticampo abriu ontem e só encerra dia 22

A maior exposição de sempre em artigos de desporto, campismo e recreio, pela área ocupada na FIL, foi ontem inaugurada pelo ministro da Educação, João de Deus Pinheiro garantindo, mesmo, ser a Nauticampo deste ano o mais completo certame do género que já visitou em Portugal.

O ministro acrescentou sensibilizá-lo o facto de o Nauticampo estar a aumentar de ano para ano a diversificação de produtos e também a participação de empresas portuguesas: «Este é um sector vivo da actividade nacional e em que estamos a marcar pontos, quer em quantidade quer em qualidade, face à concorrência estrangeira» — disse.

Por seu turno, o presidente da Associação Industrial Portuguesa, Rocha de Matos, que acompanhou o Ministro da Educação, no acto inaugural da Nauticampo salientou ter

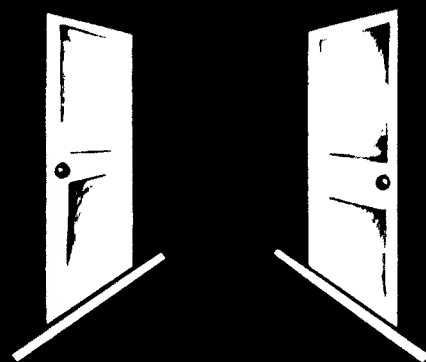
ficado «agradavelmente, surpreendido porque se sente que está a haver a nível empresarial uma grande procura por parte dos muitos expositores que patentearam os seus produtos».

Rocha de Matos disse, depois, que a Nauticampo, vai permitir «um alargamento dos negócios do sector, pois todos os indicadores apontam, neste momento, para uma recuperação clara». A Nauticampo funcionará, até ao próximo dia 22, das 15 às 23 horas e inclui, este ano, entre uma gama muito diversificada de actividades relacionadas com o desporto e os tempos livres a iniciativa inédita de uma prova de atletismo a realizar amanhã em plena Lisboa.

Os organizadores, que patrocinam também uma regata participada por 300 remadores, contam receber até ao encerramento do certame 180 mil visitantes.



A MULHER DO CAMPO de Wycherley



TEATRO DA TRINDADE

2.ª SÉRIE DE ESPECTÁCULOS

De terça a sábado — às 21 h
Domingo — às 16 horas

Sub SEC. Apoio INATEL e Antena Um

MARKKU ALEN NA RAMPA PARA O PÓDIO

Augusto Vilela

nosso enviado especial

Nunca se viu tortura maior do que aquela que o francês Jean Ragnotti está a infligir ao líder do Rallye, o finlandês Markku Alen, com um carro em que, à partida, poucos acreditavam fosse capaz de obter os resultados com que se tem creditado. Mas depois daquilo que fez nas duas primeiras etapas não constitui surpresa que os dois pilotos tivessem chegado a Viseu, final da terceira etapa, separados apenas por 51 segundos. Empenhado numa guerra psicológica ao seu adversário, começou por lhe desferir um forte ataque em Fafe, mas que lhe rendeu apenas um escasso segundo. Foi, no entanto, a prova de que as suas possibilidades não estavam esgotadas. Ao chegar ao Marão, o responsável da Renault deu as suas ordens, usando mesmo uma expressão que nos dispensamos traduzir à letra: «**vamos encostar à traseira desses italianos**». E Ragnotti cumpriu. A certa altura Alen viu-o no retrovisor. Fez os últimos quilómetros com o Renault colado. Ragnotti ganhou-lhe 1.47 e reduziu a diferença para 18 segundos.

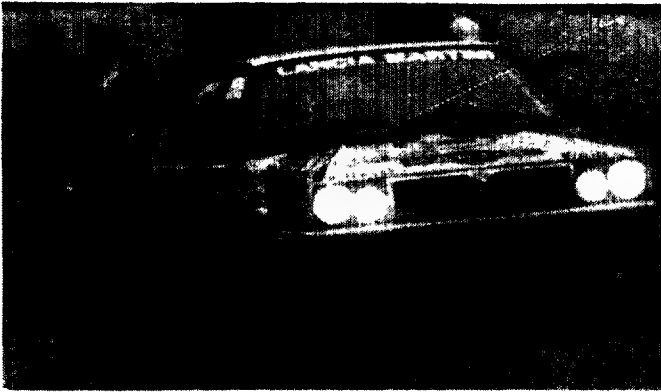
A NOSSA EQUIPA DE REPORTAGEM VIAJA COM lubrificantes GALP

O resultado de tudo isto foi um Alen visivelmente mal disposto à chegada a Viseu, a queixar-se do Rallye, dizendo que «é longo e duro de mais», que «é muito difícil andar depressa» e que em Viseu quase destruiu o carro. Mas queixa-se sobretudo de que não pode andar depressa como gosta. A verdade é um pouco diferente. A Lancia não quer é arriscar e defende a mecânica o mais que pode. Sucede que tendo pela frente um adversário como

Ragnotti, para consolidar a liderança tem mesmo que arriscar.

Tudo por definir

Não é a primeira vez que os concorrentes do Rallye de Portugal chegam a Viseu com as posições indefinidas, tornando difícil qualquer vaticínio, mas o que nunca tinha acontecido é que esta indefinição tivesse como protagonistas dois pilotos dispostos de carros com diferentes possibilidades técnicas. Na verdade os Lancias são inega-



Markku Alen nas «voltinhas do Marão»

velmente mais competitivos, quanto mais não seja pelas vantagens oferecidas pela tracção integral num Rallye em que 70 por cento dos troços são disputados em estradas de terra.

Há, no entanto, que reconhecer que a Lancia, embora tenha todos os seus carros em prova, já teve alguns problemas. Não muito graves, é certo, mas o suficiente para provocar significativos atrasos tanto a Biasion como a Kankkunen. E se tem um Ragnotti intronizado para o primeiro lugar, tem um Eriksson a meter-se abusivamente à frente dos outros dois carros. Este piloto tem feito uma prova espectacular com o seu GTI, ultrapassando todas as expectativas.

Markku Alen queixa-se frequentemente da suspensão do seu carro e uma das razões com que justifica a proximidade, além dos maus pisos, é esse

facto.

Na verdade, os Lancia não têm sido muito felizes com as suspensões. É o próprio director desportivo da marca italiana, Cesar Fiorio, que o reconhece, afirmando mesmo que deve ter havido um erro qualquer do fornecedor.

Biasion foi todavia o piloto mais afectado nesta etapa, começando com a caixa de velocidades encravada na segunda. Ainda estudou a hipótese de a substituir no final do Marão mas feitas as contas a assistência chegou à conclusão que a perda de tempo implicaria uma penalização grande ao piloto, pois o melhor tempo que os mecânicos até agora tinham conseguido para mudar uma caixa de velocidades era de 40 minutos.

A operação foi transferida para depois do troço de Armamar e os italianos tiveram o prazer de conseguir um recorde:

gastaram apenas 27 minutos.

Resolvido este contratempo, Biasion cumpriu a sua parte, estabelecendo novo recorde no troço de Viseu-2.

Vitórias divididas

Esta terceira etapa foi sem dúvida a mais competitiva de todas. Nenhum dos pilotos conseguiu impor uma supremacia absoluta. As vitórias nos diversos troços foram divididas por Alen, Ragnotti, Kankkunen, Biasion e até por Eriksson que tem feito proezas notáveis com o VW GTI. Este piloto consegue ser um dos mais espectaculares e constitui um dos motivos de surpresa saber até onde ele vai levar o seu carro.

O campeão do mundo tem sentido uma certa dificuldade em encontrar o ritmo ideal para a prova. Quando levanta o pé, levanta-o de mais, quando resolve andar mais forte sente-se provavelmente inquieto com a «saúde da máquina». Nesta ambiguidade não tem ido muito longe.

Ragnotti continua a ser a figura dominante neste Rallye e em vários aspectos. Um dos mais importantes é a sua própria personalidade. Ele gosta do que está a fazer, gosta da prova, gosta das pessoas, evidencia uma descontração permanente. Ainda ontem, no final da etapa, apesar de naturalmente fatigado, foi ao bar da sala de Imprensa, comeu pastéis de bacalhau, bebeu cerveja, cumprimentou os empregados, comentou a prova. A sua prova e o seu comportamento começam a ofuscar alguns nomes consagrados e há já quem sugira aos responsáveis da Renault a vantagem de que ele esteja presente na maioria das provas do mundial.

Ao contrário de Markku Alen, o piloto da Renault acha

que «está tudo bem» e que o Rallye não é «nem muito duro nem comprido de mais».

Depois desta etapa que marca um ponto alto da competição, os pilotos com aspirações vão queimar os últimos cartuchos até Arganil. Desde as 4.30 da manhã que andam na estrada, para disputarem a etapa decisiva que termina logo a noite no Estoril.

A tática manteve-se inalterada até Viseu. Ragnotti a atacar sempre que achava oportuno, a Lancia a defender-se e a tentar controlar os acontecimentos. A partir desta manhã tudo foi diferente.

Os portugueses

Apesar das principais figuras do automobilismo nacional estarem já fora de prova e de ausências como a de Joaquim Moutinho, o comportamento dos portugueses tem sido altamente prestigioso. Joaquim Santos saiu de Viseu na 2.ª posição. Para além das insuficiências do carro já apontadas no início do Rallye o seu principal problema tem sido as suspensões que tem de mudar praticamente no final de cada troço. Santos está a fazer uma prova calma tentando extrair o mais que pode do carro mas sem forçar o andamento.

António Coutinho está em 11.º, a cerca de dois minutos do argentino Recalde e Inverno Amaral em 13.º. A recuperação deste piloto tem sido notável. Depois dos problemas que teve no início da prova e que por pouco o deixavam no Estoril, tem evidenciado todo o seu talento.

De salientar também o 15.º lugar de Bento Amaral, um piloto com reduzida experiência, oriundo do concurso «onde está o ás», promovido há dois anos pela Ford. Seguem-se António Segurado, Manuel Rolo e Jorge Pontes.

Classificações

20.ª PEC (Cabeceiras de Basto, 26,3 km) — 1.º Eriksson, 19,46; 2.º Alen, 19,51; 3.º Ragnotti, 19,56; 4.º Chatriot, 19,59; 5.º Fisher, 20,12; 6.º Inverno Amaral, 20,23; 7.º Stahl, 20,44; 8.º Biasion, 20,52; 9.º Kankkunen, 20,55; 10.º Tchine, 21,40.

21.ª PEC (Marão, 21,1 km) — 1.º Ragnotti, 16,41; 2.º Chatriot, 16,41; 3.º Fisher, 17,23; 4.º Stahl, 17,28; 5.º Biasion, 17,39; 6.º Eriksson, 17,47; 7.º Kankkunen, 18,17; 8.º Recalde, 18,27; 9.º Alen, 18,28; 10.º Joaquim Santos, 19,7.

22.ª PEC (Carvalho do Rei, 10,5 km) — 1.º Alen, 7,55; 2.º Kankkunen, 7,57; 3.º Eriksson, 8,06; 4.º Chatriot, 8,10; 5.º Ragnotti, 8,14; 6.º Fisher, 8,18; 7.º Inverno Amaral, 8,20; 8.º Stahl, 8,25; 9.º Biasion, 8,26; 10.º Joaquim Santos, 8,30.

23.ª PEC (Aboboreira, 21 km) — 1.º Eriksson, 16,21; 2.º

Kankkunen, 16,29; 3.º Ragnotti, 16,30; 4.º Alen, 16,32; 5.º Chatriot, 16,33; 6.º Fisher, 16,47; 7.º Biasion, 17,07; 8.º Stahl, 17,33; 9.º Recalde, 18,00; 10.º Joaquim Santos, 18,10.

24.ª PEC (Armamar, 9,3 km) — 1.º Ragnotti, 6,40; 2.º Chatriot, 6,46; 3.º Eriksson, 6,50; 4.º Kankkunen, 6,52; 5.º Alen, 6,59; 6.º Joaquim Santos, 6,59; 7.º Fisher, 7,13; 8.º Stahl, 7,16; 9.º Biasion, 7,19; 10.º Recalde, 7,34.

25.ª PEC (Covelo de Paiva-1, 15,4 km) — 1.º Alen, 9,57; 2.º Biasion, 9,57; 3.º Eriksson, 10,08; 4.º Kankkunen, 10,12; 5.º Ragnotti, 10,13; 6.º Chatriot, 10,18; 7.º Fisher, 10,35; 8.º Stahl, 10,44; 9.º Joaquim Santos, 11,02; 10.º Recalde, 11,12.

26.ª PEC (Viseu-1, 20,7 km) — 1.º Biasion, 14,20; 2.º Alen, 14,26; 3.º Kankkunen, 14,33; 4.º Eriksson, 14,33; 5.º Ragnotti, 14,35; 6.º Chatriot,

14,39; 7.º Fisher, 15,14; 8.º Stahl, 15,30; 9.º Recalde, 16,12; 10.º António Coutinho, 16,15.

27.ª PEC (Covelo de Paiva-2 15,4 km) — 1.º Kankkunen, 10,06; 2.º Biasion, 10,06; 3.º Alen, 10,08; 4.º Eriksson, 10,11; 5.º Chatriot, 10,18; 6.º Ragnotti, 10,19; 7.º Fisher, 10,41; 8.º Inverno Amaral, 10,50; 9.º Stahl, 11,11; 10.º António Coutinho, 11,14.

28.ª PEC (Viseu-2, 20,7 km) — 1.º Biasion, 14,35; 2.º Eriksson, 14,36; 3.º Kankkunen, 14,37; 4.º Alen, 14,44; 5.º Ragnotti, 14,45; 6.º Chatriot, 14,53; 7.º Fisher, 15,41; 8.º Stahl, 16,25; 9.º Recalde, 16,31; 10.º Joaquim Santos, 17,16.

29.ª PEC (S. Gião-1, 17,5 km) — 1.º Ragnotti, 14,08; 2.º Kankkunen, 14,11; 3.º Eriksson, 14,21; 4.º Chatriot, 14,23; 5.º Alen, 14,35; 6.º Biasion, 14,35; 7.º Fisher, 14,44; 8.º Stahl, 15,19; 9.º Recalde,

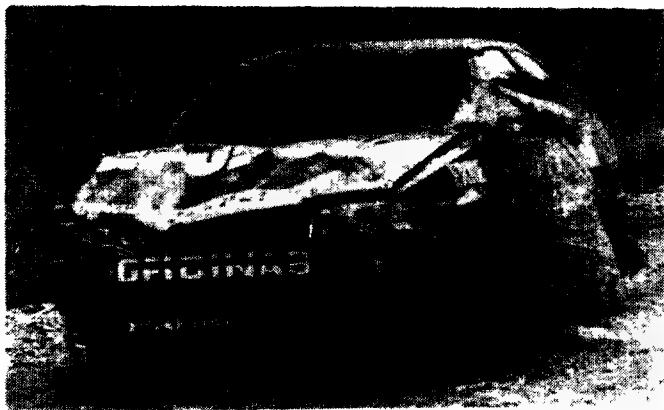
15,31 e 10.º Joaquim Santos, 15,39.

30.ª PEC (Piódão-1) — 1.º Kankkunen, 18,16; 2.º Eriksson, 18,28; 3.º Ragnotti, 18,29; 4.º Alen, 18,49; 5.º Inverno Amaral, 18,52; 6.º Fisher, 18,56; 7.º António Coutinho, 19,45; 8.º Stahl, 19,53; 9.º Recalde, 20,01; 10.º Chatriot, 20,14.

31.ª PEC (Arganil-1, 22,5 km) — 1.º Alen, 14,58; 2.º Kankkunen, 15,11; 3.º Eriksson, 15,18; 4.º Ragnotti, 15,25.

Mais 11 segundos na Lousã

Na classificativa da Lousã, Markku Alen «amealhou» mais 11 segundos a Ragnotti pelo que, a duas provas de classificação do termo deste Rallye de Portugal, o piloto francês tem o avanço de 1.37 minutos sobre o seu mais próximo seguidor, tudo indicando que não lhe escapará o 5.º triunfo em Portugal.



Assim ficou o carro de Joaquim Guedes

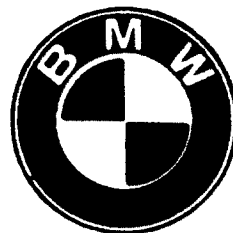


Telef: 25646 Torres Vedras

O seu concessionário

BMW

na Região do Oeste



BMW - pelo prazer de conduzir

Apesar do acidente

DIRECTOR DA FISA VAI DAR VOTO FAVORÁVEL SOBRE O RALI

Após o acidente verificado na classificativa do Marão, procurámos saber qual seria o veredicto, sobre o Rali de Portugal, de Guy Goutard, presidente da comissão, de Ralis da FISA (Federação Internacional do Desporto Automóvel, e segundo aquele dirigente «o rali tem decorrido da melhor forma e a organização cumpriu as normas estabelecidas pela FISA. Além disso, o público tem comportado de forma exemplar desde o Estoril e não é por causa de um grupo diminuto de pessoas inconscientes que posso julgar uma organização» sustentou Guy Goutard.

«Um acidente como este acontece ou pode acontecer em qualquer prova do Mundo. Por outro lado, nenhum piloto prioritário bem como privado salientou o perigo do público, o que quer dizer que o mesmo na generalidade se tem portado de uma forma exemplar e é nesta base que irei influenciar para que o relatório final seja favorável».

Apenas lamento a família enlutada

César Torres, presidente do colégio de comissários desportivos, salientou que «apenas tenho a lamentar uma família enlutada já que a culpa não cabe de qualquer forma à organização».

Para César Torres «toda a campanha de mentalização no sector da segurança foi efectuada com todos os pormenores e, de uma forma geral, o público cumpriu o apelo da organização, por isso, penso que Portugal continuará a ter o melhor rali do Mundo e espero que o triste exemplo de ontem não seja repetido durante o dia de hoje».

O que eles disseram no final de Viseu

Alen: «Este rali é longo e duro de mais. Por outro lado é bastante difícil andar depressa e quando tentei, como aconteceu na classificativa do Marão bem como no troço de Viseu, quase destruí a Lancia». Para hoje, o piloto da marca italiana disse «continuar a andar o mais possível, já que Jean Ragnotti não vai por certo dar-me tréguas e necessito de uma maior vantagem, já que um furo em Arganil po-

derá ditar o abandono da liderança».

Ragnotti: «O carro está optimo, apesar da terceira etapa ser bastante dura. No entanto, o Rali de Portugal ainda não acabou e os concorrentes terão que percorrer a famosa classificativa de Arganil».

Contrariamente a Markku Alen, Ragnotti não considera o Rali de Portugal muito duro nem comprido e «vou continuar a atacar para, pelo menos, consolidar a segunda posição até ao Estoril o que já é muito bom».

Eriksson: «Depois de ter aplicado uma caixa mais curta, o Golf GTI tem-se comportado muito melhor. No que diz respeito à etapa de hoje, Biasion terá que andar a fundo para conseguir apanhar-me, já que não estou disposto a largar o lugar que a muito custo alcancei apesar de reconhecer que Biasion detém um carro muito mais potente, uma vez que se trata de um motriz às quatro rodas, próprio para o piso que hoje estamos a percorrer».

Joaquim Santos: «Nunca pensei que o Cosworth gastasse tantos amortecedores nas classificativas de terra e tive certos problemas após a classificativa do Marão, depois ultrapassados com a aplicação de nova suspensão. Depois, em Viseu-1, aplicámos o novo diferencial que recentemente chegou de Inglaterra».

Sobre a etapa de hoje, Joaquim Santos referiu que «chegar ao Estoril na nona posição já é optimo, tendo em conta os carros de fábrica ainda em prova e também a dificuldade de peças com que a equipa está a lutar de momento».

Helicóptero da Lancia também se despista

Como sempre, a equipa italiana, para além da sua «armada» terrestre tem constantemente no ar um avião para comunicações e ainda um helicóptero, para assistência entre as ligações dos troços cronometrados, já que os regulamentos da

FISA não permitem que «aeronaves» façam assistência dentro dos troços.

Mas, os despistes não acontecem só aos carros porque na Régua — final da primeira sessão da terceira etapa — o helicóptero da Lancia, ao fazer uma aterragem, numa zona muito apertada, não reparou numa via-



Manuel Peixoto: a morte aos 18 anos

tura pesada que se encontrava estacionada e, com a hélice traseira, desfez a frente da referida viatura e a Lancia ficou sem o «auxílio mecânico aéreo».

Tiago Alexandre

EMBALADOS A RIGOR

GALP super

multigraduado
para motores a gasolina

GALP GALAXIA

super diesel
multigraduado



PETROGAL

Entre os feridos

Apenas um em estado grave

O corpo de Mário Carvalho Silva Peixoto, o rapaz morto no desastre ocorrido no rali de Portugal perto de Mondim de Basto, foi depositado na capela do cemitério de Mondim, devendo ser hoje autopsiado — disse uma fonte daquele hospital.

Quanto aos feridos, o que se encontra em estado mais grave é Perfeito Fonseca Rocha, 24 anos, natural de Valongo, que esteve primeiramente no hospital de Vila Real mas depois foi transferido para o hospital de Santo António no Porto em helicóptero e está em observação intensiva, apresentando diversos traumatismos.

O pequeno Luís Miguel Teixeira Leite Pereira, de cinco anos, natural de Mondim, já foi operado e continua no Hospital de Santo António.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Max.	As 13 h.
Bragança	5	5	0,0	P. nub.
V. Castelo	7	7	0,0	Limpo
Vila Real	6	6	0,0	Limpo
Porto	10	9	0,0	Limpo
P. Dourad.	-	-	-	-
Coimbra	11	11	0,0	Limpo
C. Carvoeiro ...	12	12	0,0	P. nub.
C. Branco	-	-	-	-
Portalegre	9	9	0,0	Nebulosa
Lisboa	11	10	0,0	Limpo
Évora	9	9	0,0	P. nub.
Beja	7	7	0,0	P. nub.
Faro	13	12	0,0	P. nub.
Sagres	15	14	0,0	Encob.
P. Delgada	13	11	0,0	Aguac.
Funchal	14	14	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 20, Porto 20, Faro 21, Ponta Delgada 17, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Mín.	Max.	As 13 h.
Madrid	1	1	1	Limpo
Londres	-2	-	-	Bruma
Paris	-3	-	-	Nebulosa
Bruxelas	-4	-4	-	Bruma
Amsterd.	-4	-4	-	Bruma
Genebra	0	0	0	Neve
Roma	3	2	2	Nebulosa
Oslo	-13	-13	-	Limpo
Copenhaga	-7	-9	-	Nebulosa
Estocolmo	-13	-13	-	Neve, gelo
Berlim	-6	-6	-	Bruma
Viena	-11	-13	-	Nebulosa
Varsóvia	-8	-9	-	Limpo
Atenas	2	2	2	Muito nub.
Moscovo	-9	-12	-	Limpo

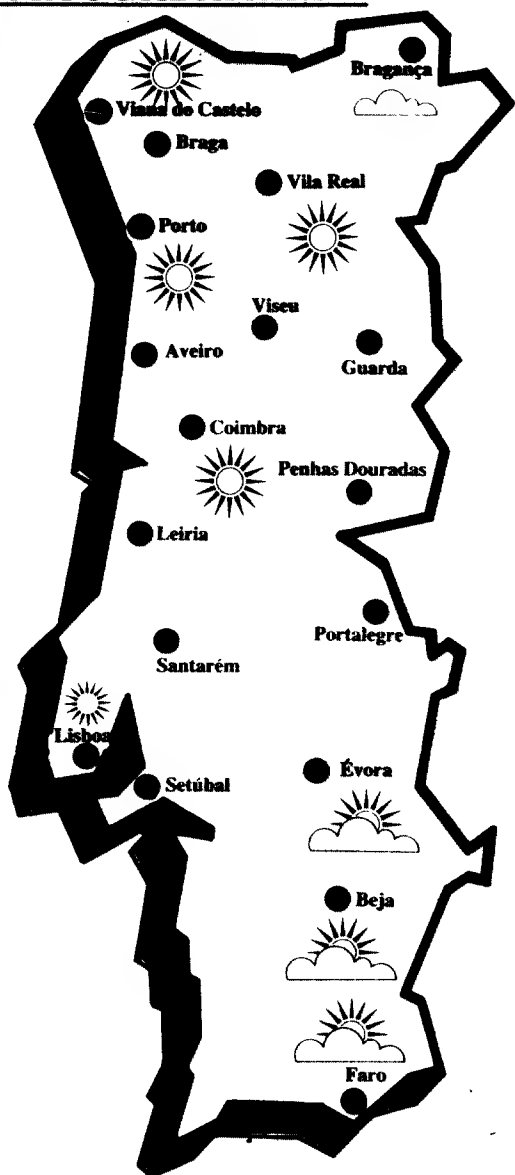
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

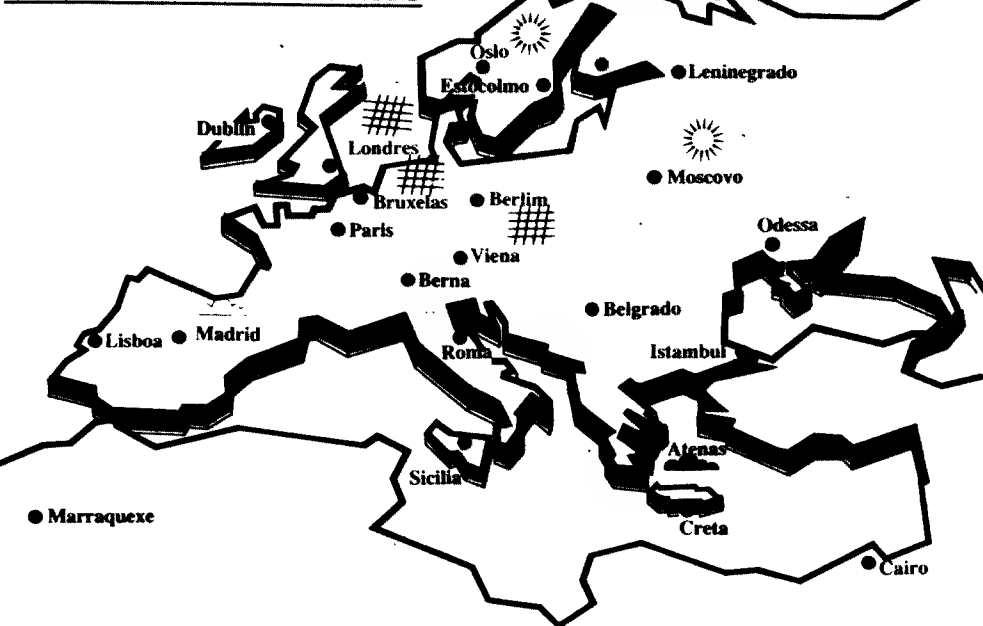
	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	17	27	Nublado
Joanesburgo ...	16	26	Nublado
Los Angeles	13	26	Nublado
Montreal	-17	-5	Limpo
Nova Deli	15	27	Nublado
Nova Iorque ...	-1	1	Nublado
R. de Janeiro ...	19	27	Nublado
S. Francisco ...	13	16	Chuva
São Paulo	12	25	Nublado
Tóquio	7	10	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



A EUROPA ÀS 6 HORAS



Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Informação da agência Lusa

TEMPO

HOJE

No continente:
Regiões do Norte: Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de sueste. Desce da temperatura mínima.

Regiões do Centro e Sul: Céu muito nublado tornando-se progressivamente pouco nublado. Vento moderado de sueste.

Estado do mar:
Costa Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois a três metros. Costa Sul: Mar de pequena vaga. Ondulação sueste de um a dois metros.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros.

Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação noroeste de dois a três metros, sendo inferior a um metro na costa Sul.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fresco a muito fresco de nordeste. Aguaceiros em especial nos Grupos Central e Oriental.

Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de nordeste de dois a três metros no Grupo Ocidental e quatro a cinco metros nos Grupos Central e Oriental.

AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado, vento moderado de leste e acentuado arrefecimento nocturno.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento moderado de leste. Acentuado arrefecimento nocturno.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
2.36 3,9 m	8.18 1,1 m
14.56 3,8 m	20.26 1,0 m

Amanhã

3.08 4,0 m	8.48 0,9 m
15.26 3,9 m	20.58 0,9 m

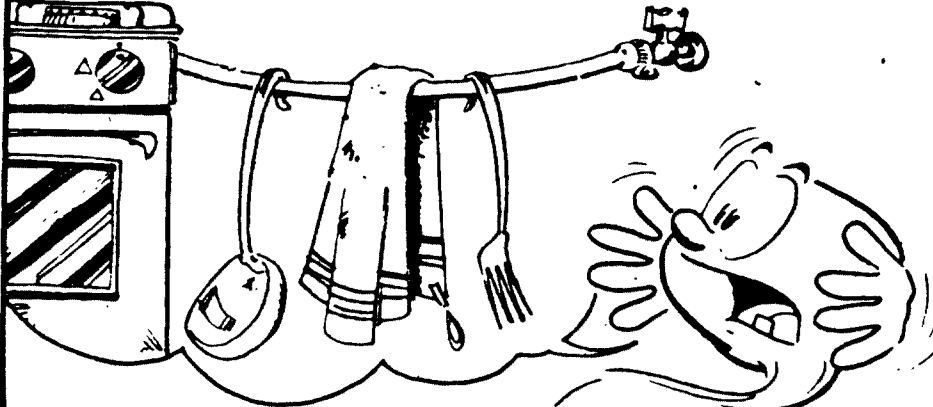
DAVID

Quando o sol cai a pino, as sombras encolhem-se, fazem-se pequenas e escondem-se por de baixo das coisas. E em Arzila a luz caía sobre o portal murado, tudo afogado em branco, e do portal tapado surgia a memória do rendilhado do recorte do portal.

Foi por isso que David de Almeida foi ao Vale do Lagat aprender a fazer papel e se pôs a gravar em branco, jogando com o relevo cada vez mais, até que o papel já era perfurado e a memória do rendilhado se concretizava na realidade do papel.



Não pendure nada nos tubos do gás. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS



uma cidade limpa é uma cidade viva

DE ALMEIDA

Onde se fala de histórias d'amor



Porfirio Alves Pires

UMA obra em que as «coisas», a realidade das coisas tem presença. As coisas mudadas por uma escolha e uma maneira de fazer; mas sempre as «coisas» presentes. Uma obra ligada ao quotidiano, mesmo quando esse quotidiano se encontra milénios atrás. Uma maneira de contar, no imperativo, as marcas do passado e os sinais do presente.

D.A. — Funciono como um filtro. Um filtro que escolhe e altera, e que passa por mim passa transformado. O encanto, o maravilhoso fica meu, e tento comunicá-lo através do que faço. Se o consigo?... Creio que sim.

D.L. — Um filtro para a realidade imediata?

D.A. — Às vezes é preciso tempo. O que acontece, ou o que vai acontecendo, começa a ganhar força lentamente e vai sendo cada vez mais forte até que se torna exigente e tenho de lhe dar atenção. Depois, começa um longo trabalho.

D.L. — Um trabalho custoso?

D.A. — Sim e não. Mas sofro com esses partos. O que se pretende fazer e que ainda não se sabe bem o que é... é difícil.

D.L. — Diz estar atento à realidade. Será uma relação a dois: realidade — criador?

D.A. — Uma relação a três: realidade, criador e a coisa criada.

D.L. — Uma história de amor complexa!

D.A. — Ah, sim!

D.L. — E a Pedra Escrita de Serrazes foi uma dessas histórias!

D.A. — E de que maneira! Essa pedra gravada há milénios, vivi com ela! Primeiro, a minha atitude foi pensar que estava perante uma gravura. Já viu (?), uma gravura milenária. Depois, pensei que estava perante a obra que um colega meu tinha feito há milhares de anos. Então, tirei uma prova: a prova que o meu colega não tinha podido tirar. Depois fiz uma moldagem em silicone e fiz positivos. E descobri que a pedra era um calendário. Fiz uma série de gravuras em que, por técnicas actuais, trazia para o tempo presente a marcação dos solstícios, equinócios; a necessidade antiga de o homem marcar o tempo. A memória dos dias, das noites.

D.L. — uma outra dessas histórias são as ilhas. As ilhas!

D.A. — Sabe que sim.

David de Almeida escreveu que «vamos uma vez à ilha, a primeira vez, quando se tem vinte anos». E ele escreveu que «ela é montanha, ela é mulher reclinada» e «entramos nela, e dela vemos — ao longe — outras ilhas com outras montanhas», e ele escreveu que, prosseguindo a viagem, «as ilhas, triângulo, as ilhas-mulher, voltam a ser ilhas perdidas».

Um país miudinho

David de Almeida é pintor, mas tam-

bém um gravador. Um exímio gravador, o que implica uma ligação aos materiais e à técnica. A gavura: uma opção clara?

D.A. — Comecei por pintar, mas a gravura permitia-me ir ao encontro do mercado estrangeiro. De facto, em termos de «reconhecimento», comecei por fora.

D.L. — Estranho!

D.A. — Não tão estranho como isso. Não fiz a Escola Superior de Belas-Artes o que, à partida, me colocou fora do meio, dos grupos. Nessas circunstâncias é extremamente difícil abrir portas neste país. Portugal é muito pequenino e muito miudinho. Dá sempre a impressão que não há lugar para mais ninguém.

D.L. — Há maneiras de abrir as portas. A política, por exemplo.

D.A. — Não vou pela política. Nem pelos copos, nem pela cama.

D.L. — Posso escrever isso?

D.A. — Pode.

(Está escrito). O David de Almeida optou por ir lá fora buscar um certificado de qualidade para poder ser reconhecido no mercado interno! E continua a vender lá fora. E em Portugal?

D.A. — Também vendo.

D.L. — Vive só disso?

D.A. — Sim.

D.L. — Apesar de determinadas apreciações críticas que lhe têm feito.

D.A. — Apesar disso. De resto, com o tempo as opiniões mudam. Assim, quando da primeira mostra da série de «gravuras rupestres» foi o pandemónio. Agora consideram-nas uma fase a não esquecer. Aquando da exposição, não viram. Agora já vêem.

D.L. — Dá atenção à crítica?

D.A. — Não se pode ficar indiferente. Estão a falar do nosso trabalho, de nós. Reagimos obrigatoriamente.

D.L. — Li algumas dessas críticas...

D.A. — Para além de me acusarem de «decorativismo», acusaram-me de estratégia comercial. E não era.

D.L. — E se fosse?

D.A. — Pois! E repare: os críticos que fizeram esse tipo de comentários comportam-se como treinadores de certos pintores, o que recuso. Recuso-me ser treinado.

Do ferro ao cobre

Em 1984 fui surpreendido pelas

gravuras de David de Almeida sobre a Pedra de Serrazes. Disse, nessa altura, do que vi: a paixão dum homem pelo seu «métier»-mais a atracção/intriga duma pedra pode dar nisto: gravuras de boa qualidade num conjunto coerente como se de capítulos de um livro se tratasse.

Em Dezembro de 86, sob a série das ilhas, considerei essas gravuras belas, e não por defeito. São belas por veracidade filtrada, quando o filtro atenua os contrastes, ilude os acidentes. Entre estas duas séries, as «gravuras rupestres» todas brancas, só relevo o papel-matéria como suporte.

D.A. — Mas em Arzila tudo era branco, mesmo o chão!

D.L. — O fascínio duma descoberta?

D.A. — Como um antes e outras justificações. Anteriormente tinha visto trabalhos de Dali, Picasso e Vieira da Silva, tudo com muito pouca cor. Fiquei seduzido, não há dúvida.

D.L. — Foi uma mudança na sua maneira de fazer?

D.A. — Não tanto como isso. Já tinha pintado com pouca cor. É certo que em gravura não, ou não desta maneira. A cor na gravura é sempre muito intensa. Estava a precisar duma cura de branco. De resto, esta ida à ausência de cor e depois o retorno, não é excepção: já fiz algumas dessas viagens. Só que desta vez foi mais radical. Mas retornei à cor. É verdade que continuei a fazer coisas em branco.

D.L. — Em gravura há um tempo intermédio entre o fazer e a resultante obtida. Para si o processo é sempre explícito ou existe esse tempo-mistério?

D.A. — O meu modo de fazer gravura é totalmente consciente. Sei sempre o que lá está em termos for-

mais, mas o acerto de cores, esse guarda incerteza até ao fim. O corpo da tinta e da cor só é encontrado na prova final. No que respeita aos valores cromáticos, o mistério só se desvenda no fim.

«DL» — No acto de gravar, os materiais interpõem-se, resistem, ou pelo contrário, obedecem, são dóceis?

D.A. — No princípio impunham-se. Agora obedecem.

«DL» — Consequência duma técnica adquirida?

D.A. — Sim, mas também duma intuição e de um determinado tipo de destreza.

Comigo isso acontece, diria que de um modo natural. É como se fosse um velho conhecimento. Na Escola António Arroio fiz o curso de Gravador Litógrafo. Na Cooperativa de Gravadores Portugueses fiz gravura sobre metal; estive no Atelier 17, em Paris; pratiquei holografia em Londres. E depois ou melhor: antes de tudo isso, na minha meninice, passei horas na roda de esmeril.

«DL» — Como isso?!

D.A. — O meu pai era ferreiro.

«DL» — ...

D.A. — O meu avô e depois o meu pai.

De dezoito quilómetros à volta, vinha gente lá temperar as ferramentas. Havia uma pia de pedra com água. A água era sagrada... água onde eram mergulhadas as ferramentas... água utilizada para curar doenças... era tudo mistério... A oficina era para mim lugar de passagem, fosse para onde fosse... Aos nove anos já soldava e dava ao fole, um fole enorme para o meu tamanho.

Os pintores que pintam com matéria, é como apalpar a chapa: é um contacto físico prolongado com as coisas.

«DL» — ...

D.A. — Trouxe parte da oficina aqui para o «atelier».

E ainda tempero as ferramentas que utilizo com os segredos que herdei.

Só que agora trabalho o cobre, as resinas, os ácidos.

David de Almeida é um exímio gravador, e o seu percurso explica-o. Mas também é pintor, pintor de matéria: tecidos, gessos, cordas, madeiras. Em pintura, a matéria obtém-na pela adição de elementos à superfície suporte. E a textura ganha (ou impõe) as suas pretensões tácteis, declamando um universo imobilizado pela matéria que se autoproclama na memória do onde vem. É ele que o diz:

D.A. — Na série sobre os desdobrimientos procedi a uma evocação quase analítica. As velas rasgadas... uma espécie de memória do que fomos.

Ainda e sempre as «coisas», tornadas memória e tornadas presente por intervenção estética. E tão íntima é esta ligação, entre o pintor e a realidade, que esta ligação se rompe na sua resultante e, como diz Maria João Fernandes, «reafirma a memória colectiva e intemporal do mito na sua ligação ao sagrado e ao maravilhoso de que a arte é hoje (...) um dos raros veículos». A sua gravura desperta em nós a capacidade de sonhar, que Gaston Bachelard reconhecia como função primeira da arte e direito essencial do homem.

Não sendo explicação totalizante, David de Almeida tem um percurso inserto entre o ferro e o cobre. Um percurso com matérias altamente evocadoras do caminho do homem, percurso real e percurso gravado no imaginário colectivo. E do imaginário se faz a verdadeira realidade artística, e do caminho percorrido se faz, para cada um, asua única poética possível.

NOVO FILME DE ALARCON ESTREIA EM MOSCOVO

«Jaguar», a nova película do realizador chileno Sebastian Alarcon, estreou nos cinemas da capital soviética.

Trata-se do quinto filme do cineasta, que vive exilado na URSS desde o golpe de Pinochet, produzido pela «Mosfilm».

A situação política da América Latina, tema dos filmes anteriores de Alarcon — «Noite Sobre o Chile», «A Queda do Condor», a sua obra mais popular, «Santa Esperança», «O Poço» e «A Primeira Página», um documentário realizado quando era estudante e premiado nos festivais de Oberhausen, Tampere e Londres — é retomado em «Jaguar» pelo realizador de 38 anos que considera que

«os chilenos no exílio não podem virar as costas aos problemas que atormentam o seu país num período que é, talvez, o mais complexo da sua história».

A problemática dos países latino-americanos está também em foco numa outra película, esta de ficção científica estreada recentemente em Moscovo. Em «A Caça ao Dragão», uma co-produção soviético-nicaraguana, cujos exteriores foram rodados em diversas regiões da Nicarágua, o realizador Latif Naziev mostra o combate a um novo tipo de armas, de carácter meteorológico, num pequeno país da América Latina que luta pela sua soberania.

«A Caça ao Dragão» é o último de

um número significativo de filmes produzidos pela URSS e países latino-americanos que nos anos oitenta, entre os quais se destacam «Sinos Vermelhos», de Serguei Bondartchuk e «Os Escolhidos», resultado da cooperação com o México e a Colômbia, respectivamente.

Recentemente terminou a rotação de uma película dedicada ao xadrezista cubano Jose Raul Capablanca, uma co-produção soviético-cubana, e teve início a filmagem de «Esperança» com os mexicanos.

Actualmente, decorrem conversações entre representantes da arte cinematográfica soviética e de estúdios da Argentina e do Brasil.

Pintura de Aldina na Galeria IAM

«Máquinas», exposição de pintura (óleos, desenhos e guaches) de Aldina é inaugurada no próximo dia 26 de Março, na nova Galeria IAM, à Rua da Misericórdia, nº 92, 1º.

A artista não faz parte do grupo de «notáveis» da arte moderna portuguesa, sendo raras e espaçadas as exposições da sua pintura. É, no entanto, autora de uma obra onde acontecem constelações mentais ou físicas que só com ela, ou junto dela, podem surgir.



Pinta poeticamente, portanto. E sua obra, pessoalíssima, caracteriza-se pela continuidade de um perpétuo presente a que é prestada uma atenção suprema, onde as coisas se equivalem, não na indiferença ou na mediocridade de um justo «meio termo», mas levando à sua maior altura, ao seu mais alto grau de existência o que têm de inquietante.

A pintura de Aldina nunca é esquemática ou decorativa. Trata-se de uma janela a que assomamos: quando estamos diante do quadro, estamos lá dentro. A cor é aí uma arma acidentalmente pontuada, na qual se penetra com a cabeça ou com as entranhas...

Primeira «boutique» particular na Letónia

«Beata» a primeira «boutique» de pronto-a-vestir particular da Letónia abriu em Riga, capital da República.

Trata-se da casa de moda da estilista Beatrisa Dunska, formada pela Academia de Artes e que trabalhou durante dez anos na Casa da Moda de Riga.

Os seus modelos fizeram parte de numerosas colecções apresentadas por aquela empresa no estrangeiro muitos deles foram seleccionados para a pro-

dução em série.

Para abrir a sua casa onde trabalham 50 pessoas, e que para além da confecção de roupa inclui uma secção de tratamento de couro e de metal, Beatrisa contou com o apoio da Associação de Artesãos letã, «Dailrade».

«O bom senso está a vencer. A variedade de artigos de amplo consumo só pode ser garantida mercê do esforço de pessoas diligentes, com iniciativa», disse à Tass a estilista sublinhando que,

por essa razão, foi apoiada a sua ideia de apresentar as suas próprias colecções e vender roupa feita.

Os preços praticados na nova «boutique» são superiores aos dos artigos em série mas, segundo a sua proprietária, «isso não constitui problema e é bem aceite pelos clientes, já que a roupa vendida na «Beata» é confeccionada com magnífico gosto e corresponde ao último grito da moda».



COMPANHIA DE DANÇA DE LISBOA

Estreia Nacional da 1.ª Temporada de 1987



MARINHA GRANDE
Sociedade de Beneficência e Recreio 1.º de Janeiro — ORDEM
14 de Março de 1987, às 21.45 horas

Organização: Divisão de Cultura e Desporto, no âmbito do Projecto de Itinerância da S.E.C.

A BARRACA

Teatro Nacional D. Maria II (sala experimental)

Reservas tel: 32 22 10
37 10 78

Só até fim de Março

Aqui está um espectáculo FANTÁSTICO, com uma história verdadeiramente DIABÓLICA!

E eu que o diga!



O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação de Helder Costa

com Maria do Céu Guerra

João Maria Pinto

António Cardoso

António Gomes

João Azevedo

José Carreiras

Luis Tomar

Maria João

Paula Sousa

Teresa Faria

ESTREIA
5.ª dia 12

3.ª a Sábado
às 21.45h

Sábados e domingos
às 16h

cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carreiras

TRIBUNAL JUDICIAL DE SINTRA — 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da afixação do presente anúncio.

Execução de Sentença n.º 1-B 1.ª secção.

Exequente — Amílcar Mesquita dos Prazeres.

Executados — António Pereira e Fidelidade Grupo Segurador EP e António Ferreira.

Sintra, 3 de Fevereiro 1987

O Juiz de Direito
(a) Jorge Ramos da Silva

O Escrivão de Direito
(a) João Inocência da Silva Fialho

«DL» — 14/3/87 — 2.ª Pub.

ALHANDRA

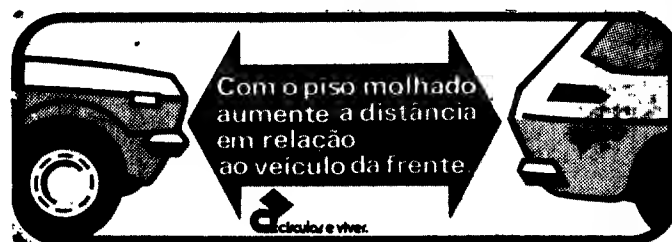
TERRENO

Vende-se barato. Autorizado à construção.
Contacte tel. 982 67 46

DIGA SIM À VIDA



SEJA VISTO



"ANATOL": O RECHEIO DO CHOCOLATE

Carlos Porto

ANATOL, de Arthur Schnitzler. Tradução: Ludwig Scheidl. Versão: António S. Ribeiro. Colaboração: José Ribeiro da Fonte. Encenação: Ricardo Pais. Cenografia e Figurinos: António Lagarto. Música: António Emiliano. Luz: Orlando Worm. Coreografia: Paula Massano. Interpretação: João Perry, António Rama, Maria Amélia Matta, São José Lapa, Fernanda Alves. Bailarinos: Ilípe Pais, Rosário Vale, Luís Cabouco, Pedro Courado. Figuração: Casiano Vieira e Carlos Aurélio. Teatro Nacional D. Maria II. Estreia: 11-03-1987.

Seria legítimo pensar que este espectáculo, e também as manifestações culturais e mundanas que o acompanham, não passariam de um tributo, português e periférico, à moda que nos últimos anos tem grassado pela Europa e que coloca Viena no centro da civilização deste século. A história é, no entanto, outra, pelo menos a julgar pelo que no programa Ricardo Pais conta.

Esta peça de Arthur Schnitzler fora

por aquele proposta há quatro anos à direcção do Teatro Nacional para ser montada na Sala Experimental. Todavia, só agora foi apresentada e na Sala Garrett, o que parece ser bem característico da confusão e da ausência de um projecto sério por parte da nossa única companhia oficial.

O dramaturgo austríaco Arthur Schnitzler tornou-se internacionalmente conhecido sobretudo pela adap-

tação ao cinema da sua peça «Dança de Roda» que Max Ophüls transformou num filme delicioso já lá vão uns anos. Em Portugal, o grupo Contra-Regra apresentou precisamente esse texto num espectáculo que tinha as suas virtudes («DL» / 30-04-83). Autor de muitas outras peças que não chegaram a Portugal, ao que parece, algumas com grande interesse, Schnitzler voltou aos nossos palcos por intermédio de uma outra espécie de dança de roda, em que uma vez mais a horizontalização da mulher surge desacompanhada de qualquer proposta crítica. Autor contemporâneo de um Tchekhov, por exemplo, ou dos expressionistas alemães, Schnitzler está neste texto mais próximo de Júlio Dantas do que deles.

Anatol, um jovem cuja única ocupação consiste em nada fazer, como ele próprio reconhece, prepara-se para casar, embora tenha na cama uma outra mulher; Anatol interroga Emília sobre as jóias que ela guarda e que não lhe foram dadas por ele; Anatol organiza uma ceia de despedida a que assiste o seu amigo Max e a jovem Annie. Despedida deste, sua amante, porque arranhou outra. Porém Annie antecipa-se e diz-lhe que deixou de o amar; Max espera Bianca, artista de circo que um dia amou intensamente Anatol, julga ele mas que nem dele se lembra; Anatol encontra na rua Gabrielle que anda às compras para o Natal. Ele fala-lhe da «doce rapariguinha» dos subúrbios que o ama, no diálogo perpassa uma paixão inconfessada entre ambos. Voltamos à cena do casamento. Quando Ilona, a mulher da cama, descobre que Anatol vai de facto casar, entrega-se ao desespero, naturalmente teatral, das mulheres abandonadas.

Louve-se neste espectáculo o trabalho dramático com o texto, além da tradução, que passou pela selecção de cinco das nove cenas do original, pela montagem da cena do casamento que foi dividida e surge como um prólogo e um epílogo de uma sequência que funciona como seu recheio, doce e amargo como certos chocolates. Louve-se ainda o trabalho da equipa dirigida por Ricardo Pais, com António Lagarto, cenário e figurinos, António Emiliano, música, Orlando Worm, luz, Paula Massano, coreografia. Louve-se ainda a equipa de actores, João Perry, um Anatol como era de esperar do admirável comediante que ele é, de registos matizados, um aventureiro humanizado em que os estereótipos surgem esbaltados, António Rama, Max, amigo e confidente, soberbo de presença, de verdade teatral, de força dialógica que o seu confronto com Anatol exigia; Maria Amélia Matta, alterando os seus registos em relação a trabalhos anteriores mas alterando-os também em relação a cada uma das personagens que aqui interpreta, uma voz ao mesmo tempo clara e expressiva, com a musicalidade que o espectáculo pede, um jogo cénico extremamente comunicativo, São José Lapa, utilizando registos contrastantes com os de M. Amélia Matta, de acordo com o contorno das suas personagens, menos seguras, pertencendo talvez a outros universos, talvez com menos riqueza expressiva mas outro belo trabalho; Fernanda Alves, a quem cabe passar pela cena dizendo, como só ela sabe, um poema de Hofmannsthal que é como que uma paráfrase do mundo que a peça retrata («Viena de Canaletto», «cartões graciosos de Watteau»); «Uns escutam, mas nem todos... / Outros sonham, outros riem, / Outros comem

um gelado... / E outros dizem galanteios...»

Este conjunto de intérpretes dá ao espectáculo um tom de autenticidade teatral, revela capacidade de entendimento do texto e do jogo cénico, surgiu já na estreia com uma segurança, uma força comunicativa que implicam um trabalho de ensaio muito sério — coisas que não são tão vulgares no nosso teatro como isso.

Louve-se, por fim, e mais do que todos, Ricardo Pais, chefe desta magnífica orquestra, não apenas pela qualidade da sua direcção mas principalmente pela imaginação que revelou para conseguir transformar um texto quase inconsistente, que não ultrapasse o nível de divertimento razoavelmente fútil, num espectáculo que não pode deixar de levar a sério. De facto, este D. João vienense não chega nem a irritar nem a comover, tão pobre é a sua filosofia (como estamos longe de Molière ou até de António Patrício!), ora Ricardo Pais transformou esse vazio, essa futilidade (oh! a maneira como Annie saboreia as ostras! Oh! Como é agradável o champanhe que Anatol bebe!), melhor, encenou esse vazio, essa futilidade, com uma tal magnificência que o espectáculo se transforma num prazer teatral como raramente se vê em Portugal, e que pode ser comparado ao que de melhor se vê lá fora, passe a comparação.

A cena de António Lagarto onde surgem os sinais arquitectónicos e decorativos da Viena da época, com o uso de vários planos de representação e figuração; a música, de António Emiliano, aparentemente desfasada, mas que introduz uma nota ténue de inquietação; as luzes e os fumos, neste caso adequados; os figurantes e as valsas, os auxílios de cena, os fatos lindos e imaginativos, as superfícies espelhantes dando à realidade reflexos fantasmáticos, a neve que cai, os elementos de cena facilmente movimentados, o homem que passa com o realejo, as cenas que desaparecem nos alçapões — todos estes elementos dão ao espectáculo uma be-

leza, uma fluidez, uma qualidade de realidade cénica excepcional.

Reconheça-se, no entanto, que o teatro é um pouco mais do que isso. Para usar um lugar-comum, Viena e a Europa dançavam sobre um vulcão: Schnitzler, nesta peça, ocultou o vulcão, ocultação que o espectáculo, muito belo, repete-se, reforça. Aliás, era essa a única defesa possível da peça: as dúvidas estão, pois, nos critérios que levaram à aceitação por parte do Teatro Nacional deste texto num País que se tem dado ao luxo de «esquecer» tantos e tantos textos fundamentais do teatro universal, e que sobretudo se dá ao luxo de esquecer tantos e tantos textos do teatro português.

Espectáculo para encher o olho, dizia-se, os portugueses gostam muito destas coisas decorativas e sem sumo, dizia-se, os portugueses são uns provincianos que se interessam pelas luzes e pelo fumo, dizia-se. Acusações justas e injustas. Justas porque exprimiam uma crítica correcta, embora em termos incorrectos, a um espectáculo a que falta uma dimensão essencial — um texto à cultura — e por isso corre o risco de não ultrapassar o sintoma do vistoso, desse vistoso tornar ainda mais evidente a insuficiência do texto, ao mesmo tempo que acaba por se esvaziar como forma. Acusações injustas porque não tinham em conta a qualidade do espectáculo, a força criadora que ele implica, o nível atingido por todos os que nele colaboraram e colaboram.

Este «Anatol» acaba por ser importante, também por aquilo de que é carente, sobretudo por aquilo que esplendidamente demonstra para aqueles que ainda possam ter dúvidas: que o teatro pode atingir em Portugal um nível muito alto. Ainda há muita gente com dúvidas a esse respeito, resta o recheio, claro. Há quem prefira chocolate sem recheio. Só a boa, a insubstituível massa dos grandes alimentos teatrais que aqui escasseou, por razões de um texto agradável mas passageiro, doce mas sem vitaminas.



João Perry e Maria Amélia Matta

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

VEJA TEATRO ÀS 19 H

— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

*SYLVIA
PLATH -
Quem a
matou?*

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)

CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *

MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

FILHO DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

— T. 547163

ISTO ESTÁ A AQUECER
(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano). Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto.

Capitolio

DESEJOS INTÍMOS
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

— T. 530194

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

A ESCOLHA DE SOFIA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ROCKY IV
(m. 12 anos)
24.00 h

Cinebolso

MEIAS PRETAS
(Int. m. 18 anos)
(porno)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Cine Camões

— T. 324194

UM HOMEM E DUAS MULHERES
(n/ac. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

O FIO DO SUSPEITO
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
IMPACTO MORTAL
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cinemateca

TROUS DE MEMOIRE/1985
15.30 h
THE AFFAIRS OF ANATOL/1921
18.30 h
DESORDRE/1986
21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

ENTRE O AMOR E O MEDO
(m. 12 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

Invasão EUA

(m. 16 anos)
15, 17.15 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

A VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
CAÇADA AO HOMEM
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

A NOITE DAS FACAS LONGAS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO
(n/ac. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O MATADOR
(m. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

O ANO DO DRAGÃO
(m. 16 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

OS MARGINAIS
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

O REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

O SARGENTO DE FERRO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

O ANJO NEGRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

SEXO FORA DA LEI
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama

— T. 326305

O SARGENTO DE FERRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

THERÉSE
(m. 12 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
BAD BOYS
(m. 16 anos)
00.45 h

O MATADOR
(Int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h

A RAPARIGA DO TAMBOR
(m. 16 anos)
00.45 h

TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00, e 21.30 e 23.30 h

ESTRADA DE FOGO
(m. 16 anos)
00.45 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 e 23.45 h
SONHOS DE OURO
(m. 16 anos)
00.45 h

Roma

— T. 889192

A SELVA DE JADE
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxo

— T. 548560

A SELVA DE JADE
(maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, e 21.30 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

NADA EM COMUM
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

UM DIA A CASA VEM ABAIXO
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Voxman

— T. 880808

Não há sessão

Xenon

— T. 368488

NOITE DOS ARREPIOS
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro
— «O Campo do Inferno», às 15.30 e 21.15 h (m. 18 anos)

AMADORA — Cinestúdio
— «Dois Polícias à Solta», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia
— «O Sargento de Ferro», às 14, 16.30, 19 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores
— «A Difícil Arte de Amar», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos). «O Dragão Ataca», às 24 h (int. 18 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby
— «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.30 (m. 18 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António
— «Chamavam-lhe Génio», às 17 e 21.30 h (n/ac. a m. 13 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme
— «A cor do Dinheiro», às 15.30, 18 e 21.30 h (m. 12 anos). «Fúria da Vingança», às 24 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril
— «Poltergeist II — O Outro Lado» às 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

ALGÉS — Cinema 2000
— «Duelo Imortal», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra
— Sala 1 — «A Mosca», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Regresso à Escola», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine
— «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

CASCAIS — Miramar
— Sala 1 — «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia
— «O Nome da Rosa», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio
— «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarin», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Incrível Almadense
— «O Marginal», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano
— Sala 1 — «O Nome da Rosa», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)
Sala 2 — «Golpe do Génio», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense
— «Código do Silêncio», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical
— «Terror na Auto-Estrada», 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

ODIVELAS — Cineodivel
— «Acto Selvagem», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord
— «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarin», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

ITINERÁRIOS NA DIFERENÇA

A Cooperativa Diferença (R. S. Filipe Neri, 42) tem patente, até ao dia 5 de Abril, as duas primeiras exposições da série «Itinerários», de Ernesto de Sousa. E porquê agora exposições de fotografias?

Resposta do próprio: «Sempre fiz fotos, que me lembre desde os anos 30, tendo começado com uma câmara de foles emprestada, com negativos 6x9». Ernesto de Sousa precisa que tem exposta uma foto desse período, a do pai, que deve pertencer ao segundo rolo que fez. As outras - acrescenta - correspondem a um negativo 6x6 (roleiflex) ou formato reduzido (nikon), e foram obtidas nos anos 40/50. A selecção foi feita na sua fase inicial pela «Diferença», depois de eu ter feito uma primeira escolha entre milhares de negativos. Alguns serão expostos ainda no Museu Na-

cional de Arte Antiga e o assunto será a escultura e o presépio».

Depois de ter sublinhado que não fez estas fotos para serem expostas, que era apenas a sua maneira de «fazer as contas» com a realidade, Ernesto de Sousa, questionado sobre se «acertou as contas», responde:

«Agora e com todas as distâncias e ampliações verifico que um grande número de fotografias ressalta naturalmente essa realidade, mas também, e talvez principalmente, uma certa monumentalidade e um carácter escultórico que terei emprestado à realidade e que terá sido a minha maneira de aferir aquela realidade».

Em suma, esta é a nossa sugestão para hoje: vá até à Cooperativa Diferença, apreciar as fotos de Ernesto de Sousa.



Uma foto de Ernesto de Sousa, exposta na «Diferença»

EXPOSIÇÕES

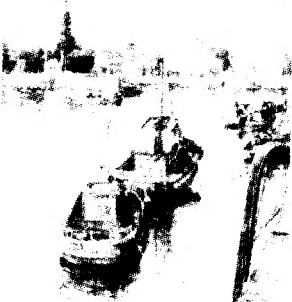
- **GALERIA BERTRAND DO CHIADO:** Pintura de Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela, três dos mais novos pintores portugueses.
- **BIBLIOTECA NACIONAL:** «A Inquisição em Portugal» - exposição bíblico-iconográfica. Até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.
- **GALERIA QUADRAM:** (R. Alberto de Oliveira, 52): escultura de Amaral da Cunha até 21 de Março.
- **GALERIA EMI** (R. Cruz dos Poiais, 111): pintura de Ana Jotta com o título «Eu Seja Cão» até 22 de Março, de terça a domingo das 15 às 19.
- **FUNDAÇÃO RICARDO ESPÍRITO SANTO** (L. das Portas do Sol, 2): «A Arte Manual do Encadernador e do Dourador». Até 20 de Março, terça a sábado das 10 às 13 e das 14,30 às 17.
- **MUSEU NACIONAL DO TRAJE:** «Bordado da Madeira 1850-1930», até 30 de Março.
- **FACULDADE DE LETRAS** (espaço de exposições): colectiva com trabalhos de Júlio Alves, Fernando Brito e Paulo Seabra.
- **LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): colectiva com pintura de Batarde, João Hogan, Jorge Martins, Menez, António Sena, Nikias Skapinakis e João Vieira.
- **CENTRO EUROPEU DE LINGUAS** (R. Joaquim António de Aguiar, 43-2º Dt.): colectiva com trabalhos de António Palolo, Sérgio Pombo, Isabel Lajinhas e Eduardo Lemos. Até 26 de Março, de segunda a sexta das 9 às 18.
- **GALERIA HOLLY** (L. da Trindade, 17): colectiva com novas obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro,



«Epur si Muove»: acrílico si tela de Rocha Pinto, na Altamira

- Joaquim Rodrigo e Gonçalo Duarte. Até 31 de Março de terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30.
- **GALERIA OLHARTE** (C. do Cardeal, 18): pintura de Carlos Augusto Ribeiro, Gil Heitor Cortesão e João Jacinto. Até 18 de Março, de terça a domingo das 16 às 20.
- **GALERIA TEMPO** (R. Nova de S. Mamede, 17-A): pintura de Alvaro Perdigão, António Carmo, Hilário e Rogério Amaral. Até 25 de Março de segunda a sábado das 16 às 20.
- **INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS** (Av. Luís Bivar, 91): a vida e a obra de Gustave Eiffel através de numerosas maquetas, quadros e reproduções, objectos e cartazes. Até 27 de Março, de segunda a sexta das 9 às 18.
- **GALERIA DIFERENÇA** (R. de S. Filipe Neri, 42): Fotografias de Ernesto de Sousa com o título «Itinerários». De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.
- **JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO** (Alfama): desenhos sobre Alfama de Fátima Teixeira Lopes. Até 21 de Março, de terça sexta das 20 às 22, sábados das 15 às 18, domingos das 11 às 13.

- **MULTIFACE ARTE** (Centro Comercial Gemini): óleos, guaches, serigrafias e esculturas de Francisco D'Almada.
- **VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS** (R. Rodrigo da Fonseca, 25): fotografias de Francisco Rúbio até 21 de Março, de terça sábado das 15 às 20.
- **GALERIA A MONUMENTAL** (Campo dos Mártires da Pátria, 101): pintura de Gonçalo Ruivo até 22 de Março, de terça a domingo das 15 às 20.
- **ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRAFICA** (R. das Chagas, 17-2º): fotografias de Guta de Carvalho até 27 de Março, de terça a sexta das 18,30 às 22,30.
- **GALERIA GRAFFITI** (Centro Comercial das Olaias): pintura de Hena Rego até 19 de Março, das 10 às 23.
- **SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES** (Av. Duque de Loulé): exposição retrospectiva do grupo de Artes Plásticas «Homocentro», de 16 a 20.
- **OFICINA GALERIA DE ARTE** (Escadinhas do Arco da D. Rosa, 7 - Alfama): Inácio Matsinhe expõe aquarelas, desenhos, azulejos, óleos e cerâmica, das 10 às 20.
- **SNBA** (R. Barata Salgueiro, 39): pintura de João Luis, de terça domingo das 14 às 20.



Pintura de Cunha Rocha, na Marinha Grande

- **GALERIA DE ARTE 601** (Centro Comercial S. João de Deus): pintura de Jorge Duarte, de terça a domingo das 12 às 20.
- **CENTRO DE ARTE MODERNA** (Gulbenkian): fotografias de Jorge Molder, de terça domingo das 10 às 17.
- **NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23-A): «Estampas Japonesas» de Jorge Varanda até 23 de Março, de segunda a sábado das 14 às 20.
- **GULBENKIAN** (zona de congressos): Leonor Alvim expõe «Panos Collage», de terça a domingo das 10 às 17.
- **GALERIA ALMADA NEGREIROS** (Av. da República, 16): aquisições recentes do Museu Nacional de Arte Moderna, todos os dias excepto segundas-feiras, das 10 às 20.
- **GALERIA DE S. FRANCISCO** (R. Ivens, 40): pintura e gravura de Paiva Raposo, até 7 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.
- **GALERIA 601:** pintura de Pedro Amâncio, de terça a domingo das 12 às 20.
- **POLIGRUPO RENASCENÇA** (R. Ivens, 14): exposição de Pedro Homem de Melo com o título «O Orgânico e o Geométrico».
- **GALERIA PEQUENO FORMATO** (R. do Teixeira, 25-Bairro Alto): pintura de Pedro Homem de Melo.
- **GALERIA MÓDULO** (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º): pintura de Pedro Portugal até 9 de Abril, de segunda a sábado das 16 às 20.
- **GULBENKIAN-EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS:** Pintura francesa «Hors Tendances» com obras de Martin Barré, Jean-Pierre Bertrand, Christian Bonnefoi, Daniel Buren e François Rouan, de terça a domingo das 10 às 17.

- **IADE** (R. do Alecrim, 70): 1ª Exposição do Curso de Maquetismo.
- **FUNDAÇÃO GULBENKIAN** (Galeria das Exposições Temporárias): obra gravada e litografia do artista suíço Yersin.
- **CENTRO DE ARTE MODERNA** (Gulbenkian): fotografias de Helena de Almeida, de terça a domingo das 10 às 17.
- **ALTAMIRA** (R. Filipe Folque, 48-A): pintura de Rocha Pinto até 8 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 13.



Lurdes Pascoal: pintura na FIL

- **IAM-GALERIA** (R. da Misericórdia, 92): «Fases-Fácies», pintura de D'Assis Cordeiro, até 25 de Março, de segunda a sábado das 15 às 20.
- **SOCIEDADE DE LINGUA PORTUGUESA** (Sala Camões - R. de S. José, 41-2º): pintura e desenho de Lília Pegado até 20 de Março, de segunda a sexta das 13 às 19,30.
- **GALERIA «JN»:** pintura de Pedro Chorão, de terça a sábado das 14,30 19,30.
- **PALACIO NACIONAL DA PENA** (Sintra): colecção de ourivesaria da Pena até 30 de Maio.
- **GALERIA CETÁRIA** (Setúbal): pintura de Miguel Barbosa, Boavida Amaro e Elizabeth Gois, cerâmica de Susana de Barros até 27 de Março, todos os dias das 10 às 22.

- **MUSEU DE SETÚBAL:** pintura, tapeçaria e escultura de Pilar Sobral, Graça Delgado e Eduarda Castello até 29 de Março, de terça a domingo das 9 às 12 e das 14 às 17.
- **CASA BOCAGE** (Setúbal): desenhos de Manoel Esteves até 22 de Março, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 17.
- **GALERIA DE ARTE ROCA** (Marinha Grande): exposição de pintura de Cunha Rocha, até 25 de Março, das 9 às 13, 15 às 19,30, 21,30 às 23, domingos das 16 às 19,30.

BAILADO

- **S.B.R. 1º DE JANEIRO** (Marinha Grande): estreia nacional da 1ª temporada de 1987 da Companhia de Dança de Lisboa. Organização da Divisão de Cultura e Desporto da Câmara Municipal da Marinha Grande.

LIVROS

- **CASA DO ADRO** (Loures): 1º Ciclo de escritores Portugueses no Museu Municipal: palestra dedicadas a escritores portugueses a partir das 15,30. Esta tarde, Olga Gonçalves, sendo a autora e a obra apresentadas por Lúcia Lepeki. Nos sábados seguintes, presenças de José Saramago, Manuel da Fonseca e Baptista Bastos.
- **CINEMATECA PORTUGUESA:** Cinema Francês-Anos 80 com «Trous de Memoire» de Paul Vecchiali, inédito em Portugal (15,30) e «Maine-Océan» de Jacques Rivette (21,30).
- **FORUM PICOAS:** (New York, New York) «O Ano do Dragão» de Michael Cimino (polici. de 1985).

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — BAIRRO AMÉRICA: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **BAIXA:** Duro, Garrett, 92 (T. 324166); **CAMPO DE OURIQUE:** Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **CHILE — ALTO DE SÃO JOÃO:** Vitalis, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **ESTEFÂNIA:** Morgado Lourenço, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA:** Martins, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXIII:** Onilda, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR:** Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **MARQUÊS DE POMBAL — PICOAS:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVEIRAS NORTE:** Central dos Olivais, R. Alferes Barrilero Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÁ:** Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **SANTO AMARO:** Correia Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

PERMANENTE (Amanhã) — ALAMEDA — FONTE LUMINOSA: Iberia, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **AMOREIRAS:** Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ANJOS — LISBOA GINÁSIO CLUBE:** São José, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO:** Veritas, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BEATO:** Grijó, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA — CHARQUINHO:** Macedo, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO — ALCANTARA:** Calvário, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **ENCARNAÇÃO:** Asencio, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA — POSSIDÃO DA SILVA:** Tagus, R. Possidão da Silva, 162-A (T. 669485); **LUMIAR:** Central do Lumiar, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **SALDANHA:** Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **BRANDÃO — AMADORA:** Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS:** Central de Odivelas, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A 9. 992453).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Higienica, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas;

CORROIOS: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ARENTELA:** Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Higienica, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gammeiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Bocageana, R. do Romeu (T. 23425). Permanente; **OLIVEIRA RODRIGUES:** Vale das Cerejeiras, lote 11 (T. 31567). Permanente; **LOURO:** R. Frei António das Chagas (T. 24491). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonnevillier Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS:** L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **PARADE:** Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **CASCAIS:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; **Melo:** P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damia, P. Alexandre de Gusmão, 9-B (T. 970523). Permanente; **QUELUZ:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CACÉM:** Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM:** Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade de Faria, 2- (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SITRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **AVEIRO:** Avenida, R. Dr. Lourenço Peixinho, 296 (T. 23865). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — VITÁLIA: P. da Liberdade, 34; **CONFIANÇA:** R. de Santa Catarina, 960; **NAU VITÓRIA:** R. de Nau Vitória, 723, ao Semide; **MENEZES DE LIMA:** P. Dr. Teotónio Pereira, 227, à P. das Flores; **COSTA LIMA:** Av. da Boavista, 855.

Coimbra — SÃO MARTINHO: São Martinho do Bispo (T. 712904); **OLIVEIRA:** R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 712904).

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.
CAFÉ-TEATRO
Sextas e Sábados, às 24 h «FARSA VOCÊ MESMO» — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Teatro O Bando

P. de Espanha — Tel. 726 69 10
«A VIAGEM», de Sophia de Mello Breyner. Encenação e cenografia de João Brites.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00
«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00
«ESCRITA EM DIA», Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson. Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00
«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnitzler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Sala Experimental

De terça a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30
«O DIABINHO DA MÃO FURADA». Pelo Grupo da Barraca.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30
«MEROPE — LIBERDADE OU MORTE!», baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e encenação de Castro Guedes.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00
«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira. Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariana, Paulo César, etc.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30
«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)
De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.
«O JARDIM DAS CEREJAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço. Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

De quinta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00
«ALZIRA POWER», de António Bivar. Por três elencos do Grupo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ª, 4.ª e 5.ª, às 19.00; 6.ª e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00
«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03
Na sala do IFICT
2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.
«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Teatro A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
Diariamente, às 21.45; domingos, às 16.00
«MÁRIO GIN TÓNICO», sobre textos de Mário Henrique Leiria. Pelo Teatro Experimental do Porto. Interpretação de Mário Viegas.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 33 25 31
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00
«A VIDA É SONHO», de Calderón. Encenação: Blanco Xil.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00 «O CHOUPPO ANDARILHO»
Domingos, às 16.00 «O AVESTRUZ MECÂNICO»

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04
De quinta a domingo, às 21.30
«DRÁCULOS JÚNIOR», texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirto.

Variedades

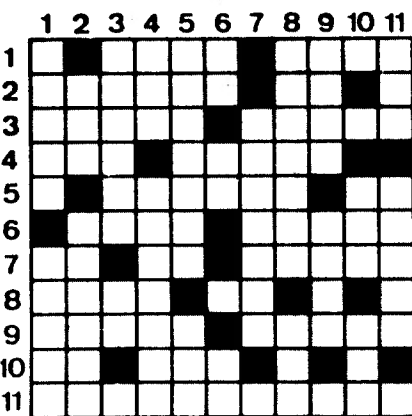
Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 982

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Paixão. O essencial, o indispensável.
- Mastigai sem engolir. Reis.
- Cidade de Itália. Beberões (pop).
- Recusa. Nome de mulher.
- Nó corrediço que se desata facilmente. Cobre (s.q).
- O mesmo que catechu. Inflamação da membrana íris.
- Vossa alteza. Carta de jogar. Pátrio.
- Pronome pessoal (pl). Platina (s.q).
- Rebente. Peixe do mar Vermelho.
- Cento e um em romano. Ice.
- Comprimiram ou apertariam para extrair um suco.



VERTICAIS:

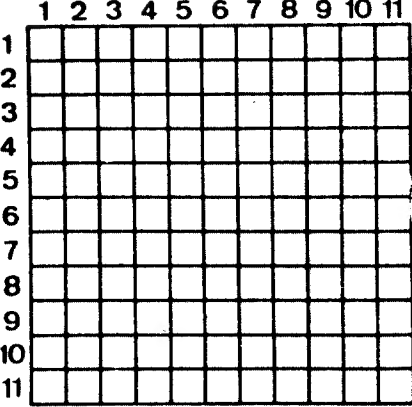
- Golfo do oceano Índico, entre a Arábia, as costas meridionais do planalto do Irão e o Indostão. Domina.
- Pega. Guardais segredo.
- Devasta. Carta de jogar.
- Mil cento e um em romano. Enterrar em atascadeiro.
- Relativos a oásis. Ice.
- Zomba. Batráquio. Preposição.
- Pessoa que mendiga.
- Gorjeira. Coragem.
- Cidade da Cftia. Comandante chinês.
- Joelra. Liga.
- Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Indivíduo pertencente à raça céltica.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 811

HORIZONTAIS:

- Ilha pertencente à província de Macau. Crisóis (fig).
- Escameces. Herdade delimitada por marcos.
- Perfumara.
- O mesmo que goles. Pôr data em.
- Armadilha para pássaros. Pega.
- Viração. Nome de jogo.
- Idem. Quadra.
- Lagarta de couve. Querida.
- Antigo superior de convento. Remediar.
- Donzela de Orléans. Arara.
- Solitário. Mediano. Preposição e artigo.



VERTICAIS:

- Devora. Soluções.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Adória.
- Separar de. Viscera dupla.
- Maior. Boato.
- Sorte. Estacionam.
- Atilho. Rénio (s.q).
- Desgastada por fricção. Invólucro.
- Letra árabe. Leito.
- Tomar a atar. Nome de mulher.
- Aplano. Concederá.
- Ecoara. Serra de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 981

HORIZONTAIS:

- O. CASTIGO.
- Raiva. Macia.
- Antero. Babo.
- Odaliscas.
- Amoio.
- AC. AI.
- Saa. Barroca.
- Via. Ol' Ar.
- Ain. Mosca.
- Nélia. Assar.
- Amo. Roo. SSSa.

VERTICAIS:

- Orão. Assina.
- ANDA. A. Em.
- Cita. CAVALO.
- Avelá. III.
- Sari. Abanar.
- Osaca.
- Im. Cm. Romão.
- Gabão. Rios.
- Ocasão. SSS.
- Bi. Ricaças.
- Maomé. Arara.

PROVERBIO: O castigo anda a cavalo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 810

HORIZONTAIS:

- Vaia. Amimar.
- Açor. Sumido.
- Dado. Am. Mós.
- Imã. Isara.
- Aaro. Dá. Rã.
- Apa. Sá. Rã.
- Ira. Tias.
- Pegar. Nu. Má.
- Amaras. Ra.
- Gás. Parca.
- Alas. Mo. Ais.

VERTICAIS:

- Vadias. Pará.
- Acama. Sem.
- Iodara. Gaga.
- Aro. Opiaras.
- Arras.
- Asa.
- Múmiás. Pó.
- Im. Atura.
- Mimar. Ata.
- Adoraram. Cl.
- Rosa. Asavas.

Radio

Antena Um

15.00: Vivósbado; 18.00: Vida e volta; 20.00: Sábado suave; 23.45: No estúdio e no estúdio. Notícias de hora a hora.

Programa 2

16.20: Sonata, para violino e piano, n.º 1, de Prokofiev; 16.50: Transmissão directa, do Teatro de São Luiz, de um concerto, pela Orquestra Sinfónica da RDP; 20.40: Solos de piano; 21.00: Ângulos e reflexos; 22.00: Música e músicos portugueses; 22.30: Música de câmara; 23.00: Intercâmbio musical; 00.50: Último andamento e resumo; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; 19.00: Quando o telefone toca; 20.00: Genérico; 21.00: Fim-de-semana; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Música portuguesa; 02.00: Guarda-noturno. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; 18.00: Top do TNT; 19.00: Música da América; 20.00: Luso-clube; 22.00: Regresso ao futuro; 00.00: Um toque de classe; 02.00: Guarda-noturno. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Frente desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Saricote; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Vozes na música; 22.00: Ponto de encontro; 23.00: Bola branca; 23.30: Amanhã é domingo; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Largo da Sé; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Terra-a-terra; 19.30: Especial.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; 18.00: Bola branca; 18.30: Sombra/sol; 19.00: Bric-à-brac; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Eurocanções; 23.00: Bola branca; 23.30: Jazz; 23.57: Meditando

Voz do Porto

14.00: Frente desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Discos pedidos; 20.00: Porto franco; 21.00: Mercado da Ribeira; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: FM/fábrica de música; 18.00: Soulfonias; 20.00: Bilhete cortado; 21.00: Ideias luminosas; 22.00: Os amigos de Alex. Notícias a todas as horas.

RTP 1

14.35 - A B Z

17.15 - Tudo em Cima

20º Episódio

18.00 - 20 Anos

18.40 - Super Trinta

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

20.30 - Boletim Meteorológico

20.35 - Sete Folhas

21.05 - Dallas

4º Episódio: - Sue Ellen descobre que tem um admirador no clube do filho. A conspiração de J.R. contra o irmão passa por eliminá-lo definitivamente da Ewing Oil.

Pam percebe, finalmente, que Cliff está, na realidade, preocupado com ela.

Donna encontra um antigo admirador numa altura em que está muito preocupada com o sentimento de culpabilidade de Ray em relação a Mickey. Lucy diz a Mickey que o ama e que está decidida a ficar do seu lado.

Realizador: Leonard Katzman

22.00 - Ora Viva

4º Programa: - Sob o signo do humor típico dos quadros da revista «à portuguesa», em que a farsa, as situações «delicadas» e o riso «fácil» dão o mote.

23.00 - Pela Noite Dentro

«Mash»: - Hawkeye Pierce, Trapper John McIntyre e Duke Forrest, três soldados norte-americanos, chegam à Coreia. Todos eles são excelentes cirurgiões. O número de feridos que chegam das linhas da frente é grande e mantêm-nos ocupados. Mas nos momentos de descanso transfiguram-se por completo: a bebida, as mulheres e o desafio aos superiores são os seus «hobbies» preferidos. Com a chegada da nova enfermeira-chefe as coisas vão complicar-se.

Interpretes: Donald Sutherland, Elliott Gould, Tom Skerritt, Sally Kellerman, Robert Duvall.

Realizador: Robert Altman



14.35 - Novos Horizontes

«Theorema»: É uma peça de teatro (género Opera Rock) interpretada por deficientes na Austrália. Para além da representação final serão mostradas fases do subsídio com depoimento das deficientes que participam neste trabalho experimental.

15.00 - Quem te Viu e Quem TV

16.00 - Troféu

- Futebol: antevisão da 22ª Jornada do Nacional e uma retrospectiva dos jogos da 1ª mão, dos quartos-de-final das competições europeias, a nível de clubes.

- Transmissão directa do Rali de Portugal (classificativa de Coruche).

- Transmissão diferida da 1ª jornada do Campeonato de Patinagem Artística sobre o gelo, a decorrer em Cincinatti, nos Estados Unidos.

- Desporto Internacional.



«Ora Viva», de José Viana, no 1º canal às 22 horas



No 1º canal, às 21.05, mais um episódio da série «Dallas»

20.00 - Eurocinema

«Foi uma Mulher que o Perdeu»

21.45 - Jazz

22.45 - Video Clube

23.00 - Troféu

Inclui: Rugby - Transmissão em diferido do encontro «País de Gales - Inglaterra», da 3ª Jornada do Torneio das 5 Nações.

AMANHÃ

RTP-1

08.45 - Mira Técnica
09.02 - Juventude e Família
10.15 - Desenhos Animados «He-Man»
10.40 - TV Rural
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 x 7
12.35 - O Almoço está na Mesa
13.05 - Sumário
13.10 - Mentes de Amigos
13.40 - Of Roberts
14.10 - Arco Iris
15.35 - Primeira Matinee
17.20 - Circo
18.05 - Clube Amigos Disney
19.05 - O Justiciero
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - Boletim Meteorológico
20.35 - Eu, Miguel Torga
21.05 - Paraíso Adiado
22.05 - Domingo Desportivo
23.15 - Dizem os Astros

RTP-2

10.02 - Troféu
12.30 - Magazine
12.50 - Caminhos
13.00 - Música na América
13.35 - A Vida à Nossa Volta
14.05 - Destino Aventura
15.00 - Troféu
18.30 - A Herança Científica do Mundo Árabe
19.00 - Entrada Livre
19.25 - Ler Portugal
19.55 - O Triunfo do Ocidente
20.45 - Borboletas
21.10 - Quatro Compositores Americanos
22.10 - Cine-Clube

AOS CONDUTORES

“Junto das paragens de transportes públicos, abre a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.”

PROVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

Pela Noite Dentro

Eurocinema

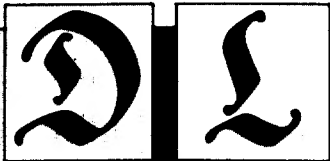
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento José da Silva, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Tel. 4197570

«Dallas»



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 — 32 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex: 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

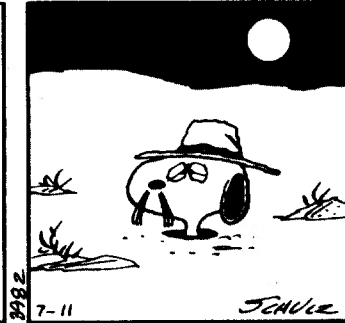
Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

John Gotti, considerado o líder da principal família da Mafia nos Estados Unidos foi ontem absolvido por um tribunal federal, das acusações que lhe eram formuladas de ter dirigido durante das décadas uma rede de malfetores. O juri, que não foi identificado publicamente e se manteve isolado, como medida de segurança, durante as deliberações, analisou provas durante sete dias antes de declarar Gotti e outros seis réus inocentes de todas as acusações.



NO SEIO DA MODERNIDADE

Cores, árvores, noite e dia, lua... Há uma ordem rigorosa na natureza, assim nos diz Pedro Homem de Melo nos dezanove quadros que expõe no Espaço Poligrupos Renascença, sob o título muito elucidativo de «O Orgânico e o Geométrico». Como se o pintor nos dissesse que o universo é simples, que não precisa de ser explicado, nem de descrições exaustivas. Ele estabelece uma simbologia que parte da natureza e nela se esgota, «a minha pintura não vai ao encontro da moda, o que não significa que esteja fora dela... talvez seja uma futura moda — quem sabe?».

Nos seus 27 anos, começados em Lisboa, contam-se dez de Brasil, para onde a família o arrastou, numa altura particularmente conturbada da história portuguesa. «Quando cheguei ao Rio de Janeiro era tudo tão diferente e pintar, para mim, foi a maneira de incorporar a nova ordem com que deparei sem, de imediato, a entender... os supermercados, as ruas, as árvores, tinham uma ordem, muito diferente da que conhecia.» Nesta fase confusa da sua vida urgia tomar uma decisão: ser aquilo que queria ser e não o que os outros lhe pretendiam impor. A escolha de um caminho com o qual se harmonizasse, apropriando-se do seu próprio destino.

Mas havia que aprender. «No Brasil, o meu espírito tornou-se mais claro, deu-se o descongestionamento de um certo masochismo português. Lá renasci, sentindo prazer em viver, foi a libertação de fantasmas metafísicos... fiz uma viagem interior, quase de reestruturação.» Por acaso, proporcionou-lhe a oportunidade de mostrar os seus trabalhos após uma experiência, deveras enriquecedora, no Centro de Pesquisa de Arte, que não era escola nem «atelier», mas um forum destinado à crítica. «Todos comentávamos os trabalhos uns dos outros no Centro, que foi criado pelo Ivan Serpa e Bruno Taut, colaborador do Karl Jung na formação do Museu do Inconsciente, o museu dos artistas esquizofrénicos.»

Sozinho continua a pesquisa, até que em determinado momento acha que está apto a assumir-se publicamente como pintor. Um dia entra na galeria Imagem, recentemente inaugurada, e quando lhe perguntam o que faz na vida revela o seu ofício, despertando a curiosidade dos galeristas. Dois dias depois de ter colocado os quadros naquele espaço, telefonam-lhe a comunicar que todos os trabalhos tinham sido vendidos. «Através da galeria relacionei-me com o meio artístico carioca, incluindo alguns críticos de arte, entre os quais Marck Berkowitz, que há quarenta anos atrás conhecera a Vieira da Silva, no Rio. Foi num almoço em cada deste homem interessantíssimo, refeição regada com 'vodka' russa, que encontrei os pintores portugueses Branca de Mendonça e João de Grijó.»

Não obstante o encantamento do Brasil, Portugal era uma presença constante na cabeça de Pedro Homem de Melo. Participava em salões e exposições colectivas, de vez em quando fazia cenários para espectáculos de teatro (nomeadamente: «Piquenique no Front», peça de Arrabal, adaptada por Ricardo Kosoksky) e aperfeiçoava-se na gravura de metal, debaixo da orientação do professor Rossini Perez, um grande amigo do português Júlio Pomar. Todavia, faltava-lhe qualquer coisa, «uma parte de mim mutilada que só aqui podia ser desenvolvida...»

Nem a beleza tranquila de Búzios, vila piscatória a 300 quilómetros do Rio, onde se instalou, o segurava no Brasil. A saudade, ou o que se quiser chamar-lhe, impele-o para o regresso. E surge como um estranho,



Pedro Homem de Melo, PINTOR

astronauta de outra galáxia, obrigado a entregar-se a uma operação de reconhecimento. «Portugal é pequeno no aspecto físico, o que se reflecte no mental, as pessoas são pouco descontraídas, vivem em permanente tensão... Depois, apercebi-me de que na Europa havia uma quantidade de modas e de que eu não fazia parte de nenhuma...»

Modernidade? Cita-me Pascal: «Os antigos eram, na verdade, os novos...» Pedro José Vaz de Almada Homem de Melo pertence a famílias muito antigas, dos dois lados, pai e mãe descendem de alcaides e guerreiros das primeiras dinastias. É sobrinho-neto do poeta Homem de Melo, figura por quem nutre especial carinho. «Identifico-me bastante com ele, o meu tio-avô era o artista da família, pois os meus ascendentes directos moviam-se na área da tecnocracia. Embora a nossa convivência fosse mínima, reduzi-la a dois dias por ano, o outro Pedro Homem de Melo sempre me fascinou. Nós estávamos no Douro e deslocávamo-nos a Alfife para os anos do tio Pedro, festa divertidíssima em que se misturavam as pessoas, com graça, da terra...»

Define os anos oitenta como a época do bluff, onde vale mais a estratégia do que o trabalho. Outra característica marcante da década é o desejo de promoção social, de vencer na vida. «Já nasci socialmente promovido, não necessito de me esgandachar...» A geração de 60 não conseguiu mudar o mundo, foi derrotada, «hoje, ou vegeta por aí ou está integrada nas multinacionais, negando os valores que defendia»; a de 70 é uma coisa híbrida, sem história, e a de oitenta, esta é a

do cálculo e da estratégia, «não anda na vida para passar maus bocados, tenta de qualquer modo, ainda que desleigante, singrar».

Logo após a chegada, dois dias antes do seu aniversário (31 de Agosto), Pedro Homem de Melo pega numa pasta com os seus trabalhos e arranca para Amsterdão, talvez para fugir ao clima de frio, de uma certa hostilidade com que aqui se defrontou. Ali, outra receptividade: maior calor, mais franqueza. Da incursão à Holanda, resultou uma exposição na galeria Spielgelbeeld, mas voltou resolvido «a conquistar um lugar a que tenho direito».

Ligado às galerias R 75 e Pequeno Formato vai, pouco a pouco, penetrando no espaço português, com uma mensagem de cor que fala da paisagem e da geografia que o configura. E da poesia. E do homem que nunca aparece. «meter a figura humana seria um sacrilégio, gosto das pessoas ao vivo... os meus personagens são as árvores, que podem estar tristes ou alegres, imóveis ou a dançar, num dia claro ou escuro». Sobre tudo a cor, as cores puras: branco, negro, verde, encarnado, azul, violeta... Cores onde não existe neutralidade.

Cá está, preocupado com as raízes, «em não ser igual a um alemão, a um americano», a descobrir-se português. O que não impede o amor por Paul Klee e pela «espiritualidade e depuração japonesas». As suas referências da pintura, porque na vida é Nietzsche que «através da negação me fornece uma visão positiva do mundo».

Lourdes Féria

Escola Secundária de Telheiras

Vaga de assaltos inquieta pais

«Como aconteceu há dois anos, quando esta Associação de Pais fez uma manifestação à porta da Câmara Municipal de Lisboa e interrompeu o trânsito na Segunda Circular, não temos dúvidas em fechar a escola se for necessário para garantir a segurança dos estudantes», declarou esta manhã ao «DL» José Araújo, membro da Associação de Pais da Escola Secundária de Telheiras, referindo-se às acções que podem vir a ser desencadeadas caso a moção aprovada em Assembleia Geral não resulte qualquer efeito junto do Ministério da Educação, do Governo Civil e ou do Comando Geral da PSP.

No texto, a Associação de Pais refere-se à vaga de assaltos que se tem registado junto aquele estabelecimento escolar, sublinhando a necessidade de ser colocado mais um guarda, pois o desatado para o local anda em ronda entre a Escola e o Colégio Alemão. «Já pedimos a presença de mais um guarda, mas a esquadra de Telheiras alega falta de efectivos», prosseguiu José Araújo.

O assalto às 16 horas da passada quinta-feira de três estudantes, na passagem aérea, por um grupo de oito a dez jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, foi a gota de água. «O Conselho Directivo está em perfeita sintonia connosco», referiu aquele elemento da Associação de Pais, sublinhando que o CD já procedeu a diligências junto das autoridades mas sem qualquer efeito prático.

José Araújo acentuou, ainda, que aquando do último assalto, alguns estudantes fugiram pelo separador de faixas da Segunda Circular, «correndo o risco de serem atropelados».